

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

GIOVANNA CARVALHO ARANTES

**IMPrensa INFANTIL, EDUCAÇÃO MORAL E CIRCULAÇÃO DE MODELOS
DE FEMINILIDADE EM *LA SEMAINE DE SUZETTE* (FRANÇA) E O *TICO-TICO*
(BRASIL) NO PERÍODO DE 1905-1930**

UBERLÂNDIA - MG

2026

GIOVANNA CARVALHO ARANTES

**IMPrensa infantil, educação moral e circulação de modelos
de feminilidade em *LA SEMAINE DE SUZETTE* (França) e o *TICO-TICO*
(Brasil) no período de 1905-1930**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, na linha de pesquisa História e Historiografia da Educação, como exigência parcial para obtenção de Título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Raquel Discini de Campos

UBERLÂNDIA – MG

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

A662i
2026

Arantes, Giovanna Carvalho, 1998-

Imprensa infantil, educação moral e circulação de modelos de feminilidade em *La Semaine de Suzette* (França) e *O Tico-Tico* (Brasil) no período de 1905-1930 [recurso eletrônico] / Giovanna Carvalho Arantes. - 2026.

Orientadora: Raquel Discini de Campos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-graduação em Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2026.10019>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

I. Educação. I. Campos, Raquel Discini de, 1975-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

Nelson Marcos Ferreira
Bibliotecário(a)-Documentalista - CRB-6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP
38400-902 Telefone: (34) 3239-4212 - www.ppged.faced.ufu.br - ppged@faced.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 14/2026/967, PPGED				
Data:	Vinte e seis de fevereiro de dois mil e vinte e seis	Hora de início:	9:00h	Hora de encerramento:	11:30h
Matrícula do Discente:	12412EDU014				
Nome do Discente:	GIOVANNA CARVALHO ARANTES				
Título do Trabalho:	"Imprensa infantil, educação moral e circulação de modelos de feminilidade em La Semaine de Suzette (França) e O Tico-Tico (Brasil) no período de 1905- 1930"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	História e Historiografia da Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"Rir da escola e da educação. As ilustrações satíricas de J.Carlos (1884-1950) e a subversão do poder pelo humor"				

Reuniu-se, através da sala virtual RNP (<https://conferenciaweb.rnp.br/sala/raquel-discini-de-campos>), da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Estela Natalina Mantovani Bertoletti - UEMS; Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro - UFU e Raquel Discini de Campos - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Raquel Discini de Campos, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Raquel Discini de Campos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 26/02/2026, às 11:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º,

§ 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Betania de Oliveira Laterza Ribeiro, Professor(a) do Magistério Superior**, em 26/02/2026, às 14:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Estela Natalina Mantovani Bertoletti, Usuário Externo**, em 26/02/2026, às 17:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](#), informando o código verificador **7086383** e o código CRC **64A8D6F6**.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Elcia, e ao meu pai, Cezar, meu primeiro e mais profundo agradecimento. Foram eles o alicerce que sustentou cada passo deste percurso, mesmo quando o caminho parecia longo e incerto. Com amor, paciência e presença constante, ensinaram-me, muito antes da universidade, o valor do estudo, da persistência e da dignidade. Este trabalho carrega silenciosamente cada gesto de cuidado, cada incentivo e cada confiança que sempre depositaram em mim.

Aos meus irmãos, Nathalia e Cezar Augusto, agradeço pelo afeto que acolhe, pela parceria que fortalece e pela presença constante que tornou os dias mais leves. Com gestos simples, conversas sinceras e companhia verdadeira, lembraram-me, muitas vezes, de que nenhum sonho se constrói sozinho e de que seguir em frente é mais fácil quando se tem com quem contar.

Aos meus cachorrinhos, Godofredo (estrelinha), Junior e Zeca, deixo um agradecimento carinhoso pela companhia silenciosa e constante nas madrugadas de trabalho. Entre páginas escritas, cansaços e pensamentos que insistiam em não dormir, vocês estiveram ali, aquecendo os dias e as noites, oferecendo presença, aconchego e um tipo de afeto que não exige palavras.

Ao restante da minha família, e especialmente aos meus primos e cunhados, deixo um agradecimento cheio de afeto. Obrigada por me tirarem, sempre que possível, do modo acadêmico e por tornarem esse percurso mais leve e divertido.

À minha melhor amiga, Lara, que conheci ainda na graduação, agradeço pela amizade que nasceu na UFU e atravessou o tempo, amadurecendo junto com nossos sonhos. Presente entre os surtos e as risadas, nos dias de cansaço e nas pequenas vitórias, foi quem nunca desistiu de mim, mesmo quando eu mesma duvidei. Companheira de escutas, silêncios e celebrações, foi abrigo nos momentos difíceis e força quando seguir parecia pesado. Sua presença constante tornou o percurso mais leve, obrigada por escolher permanecer.

À Mariana e Vidigal, minhas amigas para todas as horas, agradeço de forma especial pelo cuidado. Vocês me puxaram para a realidade quando foi preciso e disseram verdades

nos momentos certos. Entre conversas sinceras, risadas necessárias e silêncios compreendidos, ajudaram-me a seguir, sustentando este momento da minha vida com presença, afeto e força. À minha amiga de infância, Laura, agradeço por uma amizade que nasceu dos laços construídos por nossos pais e floresceu junto com as nossas histórias. Crescemos lado a lado, acompanhando as transformações da vida sem nunca perder o carinho e a cumplicidade que nos unem.

Às “Ótimas”, deixo um agradecimento profundo pelo apoio, pela escuta e pela presença ao longo deste percurso. Entre nós, há uma loucura que se completa, feita de intensidade, cumplicidade e afeto, que tornou os dias difíceis mais suportáveis e o caminho acadêmico menos solitário

Aos “Raqueteles”, Barbara, Jonas e Paulo, meu sincero agradecimento por todo o suporte ao longo desse percurso. Entre trocas, escutas, partilhas e acolhimentos, vocês tornaram a caminhada acadêmica mais leve e possível.

À minha orientadora, Raquel, deixo um agradecimento que carrega admiração, respeito e gratidão. Sua orientação foi mais do que condução acadêmica: foi presença atenta, escuta cuidadosa e provocação intelectual constante. Com sensibilidade e rigor, ensinou-me a olhar para a pesquisa com profundidade histórica, responsabilidade ética e compromisso com a educação. Sua confiança e suas palavras, sempre precisas, foram fundamentais para que este trabalho ganhasse forma, densidade e sentido.

Às professoras que integraram a banca de avaliação, agradeço pelas leituras cuidadosas, pelas contribuições sensíveis e pelo diálogo respeitoso. Suas palavras ampliaram horizontes e reafirmaram a potência do debate acadêmico como espaço de construção coletiva do conhecimento.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, agradeço pelo espaço de formação e diálogo que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa. À CAPES, agradeço pela bolsa de estudos, fundamental para a permanência no curso e para a realização do trabalho, reafirmando a importância da pesquisa comprometida com a educação pública.

RESUMO

Esta dissertação está vinculada à Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU) e investiga o modo como os determinados ensinamentos morais foram mobilizados como recurso de educação nas revistas ilustradas *La Semaine de Suzette* e *O Tico-Tico*, no período de 1905 a 1930. Compreendendo essas revistas como artefatos culturais e dispositivos pedagógicos, a pesquisa analisa como suas narrativas textuais e visuais contribuíram para a formação de valores, comportamentos e representações sociais direcionadas à infância, especialmente no tocante aos papéis de gênero e às normas de civilidade. De abordagem qualitativa e fundamentada na História Cultural, a investigação utiliza como metodologia a análise documental das fontes, buscando evidenciar os vínculos morais, os projetos de normatização social e os processos de escolarização mediados pela cultura impressa. Ao iluminar as formas pelas quais a infância foi educada moralmente fora da escola, por meio da linguagem visual e do discurso impresso, o estudo contribui para a compreensão das interfaces entre educação, cultura e imprensa na formação de subjetividades infantis no início do século XX.

Palavras-chave: *La Semaine de Suzette*; *O Tico-Tico*; Educação Moral; Imprensa Infantil; Representações de Gênero.

ABSTRACT

*This dissertation is situated within the History and Historiography of Education Research Line of the Graduate Program in Education at the Federal University of Uberlândia (PPGED/UFU) and investigates how specific moral teachings were mobilized as educational resources in the illustrated magazines *La Semaine de Suzette* and *O Tico-Tico* between 1905 and 1930. Understanding these magazines as cultural artifacts and pedagogical devices, the study analyzes how their textual and visual narratives contributed to the formation of values, behaviors, and social representations addressed to childhood, particularly regarding gender roles and norms of civility. Adopting a qualitative approach grounded in Cultural History, the research employs documentary analysis of sources, seeking to highlight moral frameworks, projects of social normalization, and schooling processes mediated by print culture. By illuminating the ways in which childhood was morally educated outside the school environment through visual language and printed discourse, the study contributes to the understanding of the interfaces between education, culture, and the press in the formation of children's subjectivities in the early twentieth century.*

Keywords: *La Semaine de Suzette; O Tico-Tico; Moral Education; Children's Press; Gender Representations.*

RÉSUMÉ

Cette dissertation s'inscrit dans la ligne de recherche Histoire et historiographie de l'éducation du Programme de Pós-Graduação em Educação de l'Université Fédérale d'Uberlândia (PPGED/UFU) et analyse la manière dont certains enseignements moraux ont été mobilisés comme ressources éducatives dans les revues illustrées La Semaine de Suzette et O Tico-Tico entre 1905 et 1930. En considérant ces périodiques comme des artefacts culturels et des dispositifs pédagogiques, la recherche examine comment leurs récits textuels et visuels ont contribué à la formation de valeurs, de comportements et de représentations sociales adressées à l'enfance, notamment en ce qui concerne les rôles de genre et les normes de civilité. Adoptant une approche qualitative fondée sur l'Histoire culturelle, l'étude mobilise l'analyse documentaire des sources afin de mettre en évidence les cadres moraux, les projets de normalisation sociale et les processus de scolarisation médiatisés par la culture imprimée. En mettant en lumière les formes par lesquelles l'enfance a été moralement éduquée en dehors du cadre scolaire, à travers le langage visuel et le discours imprimé, cette recherche contribue à la compréhension des interfaces entre éducation, culture et presse dans la formation des subjectivités infantiles au début du XX^e siècle.

Mots-clés : *La Semaine de Suzette ; O Tico-Tico ; éducation morale ; presse enfantine ; représentations de genre.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa da primeira edição da revista La Semaine de Suzette	34
Figura 2: Incentivo à culinária com a “Grande competição da pequena cozinheira”	37
Figura 3: “O que se deve imitar” e “O que não se deve imitar”	40
Figura 4: História "O retrato de Lilette"	42
Figura 5: História "A precaução de Bécassine"	45
Figura 6: Edição de Natal do ano de 1907	48
Figura 7: Capa da primeira edição da revista O Tico-Tico	53
Figura 8: História “As desventuras do Chiquinho”	58
Figura 9: Coluna “As Lições do Vovô”	61
Figura 10: Bonecas de papel para as meninas brincarem	63
Figura 11: Molde de aeromodelo para os meninos construírem	65
Figura 12: Capa com a história “Lorde Inverno e Cavaleiro Primavera”.	67
Figura 13: Capa com a história “O Velho Inverno e o Genio Primavera”	71
Figura 14: Secção para meninas em O Tico-Tico	75
Figura 15: Seção Nós Vestimos Bleurette	76
Figura 16: Primeira aparição de Bécassine.....	78
Figura 17: Os ideais de civilidade em La Semaine de Suzette	84
Figura 18: Os ideais de civilidade em O Tico-Tico.....	86
Figura 19: Ideais moralizantes nas revistas	90
Figura 20: Ideais moralizantes nas revistas	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Teses e dissertações utilizadas durante a pesquisa	28
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC	Ministério da Educação
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: A REVISTA <i>LA SEMAINE DE SUZETTE</i>	31
1.1 Projeto editorial, público leitor e cultura impressa	31
1.2. <i>Bécassine</i> e a normatização dos comportamentos femininos.....	44
CAPÍTULO 2: A REVISTA <i>O TICO-TICO</i>	51
2.1 Imprensa infantil, educação e civismo em <i>O Tico-Tico</i>	51
2.2. Personagens e seções como dispositivos de educação moral na infância.....	56
CAPÍTULO 3: PROPOSTAS EDITORIAIS, ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E IMPACTOS SOCIOCULTURAIS NA IMPRENSA INFANTIL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA	67
3.1. Formas de diálogo com o público infantil: propostas e estratégias editoriais	67
CAPÍTULO 4: IMAGENS, OBSERVAÇÃO E EDUCAÇÃO MORAL NA IMPRENSA INFANTIL	80
4.1. Observação e imagem na imprensa infantil	80
4.2. Imagem e Processo Civilizador	82
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
FONTES	100
REFERÊNCIAS	100

INTRODUÇÃO

O presente estudo é uma pesquisa de Mestrado acadêmico em Educação e insere-se na Linha de História e Historiografia da Educação, do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, tendo como objeto de investigação a educação moral dos leitores (as) nas revistas *La Semaine de Suzette* (França) e *O Tico-Tico* (Brasil). A pesquisa está delimitada entre os anos de 1905-1930 posto que tais publicações vieram à luz em 1905 e, coincidentemente, a bibliografia especializada delimita o ano de 1930 como data que marca o término de uma primeira fase editorial de ambos os impressos (Campos e Guillier, 2024).

As revistas são um importante patrimônio cultural para análise do funcionamento das sociedades, dos vestígios de diferentes épocas e culturas, e da educação moral dos leitores. Durante a pesquisa nas edições, tanto as ilustrações, as cores, as fontes, quanto os gêneros textuais e as atividades "para meninas", se entrelaçam com o intuito de promover ações educativas fora da escola. Ao entender que a imprensa ilustrada é um campo de circulação de ideias e de produção de sentidos, compreendemos que ela também ajuda a criar e estabelecer novos sistemas de valores: “O historiador efetua um trabalho a partir de vestígios para reconstruir os fatos”; “de onde vem o documento? Quem é seu autor? Como foi transmitido e conservado? O autor é sincero?” (Prost, 2008, p. 59), são questões que nortearam o trabalho.

No âmbito da história da educação, o uso da imagem como ferramenta de ensino foi discutido por vários historiadores, sociólogos e pedagogos, especialmente aqueles que contribuíram para o diálogo dos diferentes métodos visuais e na disseminação do conhecimento no ocidente ao menos desde o século XIX (Cambi, 1999; Manacorda, 2006). Essa prática fazia parte de um movimento mais amplo de renovação pedagógica, cujo intuito era tornar a educação mais acessível, envolvente e eficaz, principalmente para crianças e pessoas com baixa escolaridade, como afirma Schelbauer (2003, p.2):

O debate em torno do método intuitivo ganhou expressão como parte do movimento de difusão da escolarização das classes populares, num momento em que encontrar

os meios para uma escolarização inicial eficaz se constituía numa das maiores preocupações daqueles que estavam envolvidos na organização dos sistemas nacionais de ensino. Esse método representou, juntamente com a formação dos professores, o núcleo central das reformas que estavam servindo de base para a organização do ensino popular em toda a Europa, assim como nas Américas. Em maior ou menor proporção, os princípios do método de ensino intuitivo estavam sendo introduzidos nos sistemas de ensino, abrangendo os jardins de infância, as escolas primárias e os cursos de formação de professores. O método intuitivo foi identificado como "o método do ensino popular".

Esse movimento pedagógico surgiu em resposta a transformações culturais e sociais, como a expansão das escolas públicas e a crescente preocupação em educar amplamente a sociedade, em uma época de industrialização e avanço do conhecimento científico. A criação e a disseminação de revistas/jornais ilustrados eram vistas como formas de simplificar e tornar mais acessíveis temas complexos, como afirma Cardoso (2014, p.22) “[...] a revista ilustrada surgiu na sociedade brasileira na tentativa de suprir uma demanda percebida por informação visual”. As ilustrações abordavam diversos assuntos, como noções de higiene e moral, além de história, geografia e ciências naturais, sendo utilizadas tanto nas escolas quanto em livros e revistas destinados ao público em geral.

Destaca-se que o método intuitivo de ensino e o uso de imagens estão intimamente relacionados, pois ambos se baseiam na ideia de que o aprendizado é mais eficaz quando o conhecimento é construído a partir da experiência sensorial direta e da compreensão visual. Há uma relação clara entre o método de ensino intuitivo e as lições de coisas, como afirma Schelbauer (2003, p. 12):

Despertar e aguçar o sentido da observação, em todas as idades, em todos os graus de ensino, colocar a criança na presença das coisas, fazê-las ver, tocar, distinguir, medir, comparar, nomear, enfim, conhecê-las, este é o objetivo das lições de coisas no ensino primário.

No século XIX, especialmente na França, o método intuitivo se destacou na educação, incentivando o uso de objetos concretos e representações visuais, como gravuras e ilustrações, para facilitar a compreensão dos alunos. Sua abordagem metodológica segue um processo lógico, sequencial e progressivo, começando do conhecimento simples para o complexo, do concreto para o abstrato, do familiar para o desconhecido e das percepções para as ideias (Valdemarin, 2000).

Em diálogo com os pesquisadores do assunto, as imagens das revistas cotejadas também podem ser analisadas por meio de Michel de Certeau (1998), ao propor que a leitura de imagens não deve ser compreendida como um processo passivo de recepção, mas como uma prática dinâmica, em que os sujeitos constroem suas próprias interpretações a partir do contato com os discursos visuais. No campo educacional, isso implica reconhecer que os estudantes não são meros receptores de mensagens visuais, mas sujeitos criativos capazes de reinterpretar, subverter e produzir novos significados com base em suas vivências. As imagens, portanto, não transmitem sentidos fixos, mas se abrem a leituras plurais e criativas, promovendo uma aprendizagem interativa que articula experiências pessoais e contextos sociais diversos, como afirma Certeau (1998, p. 96-97),

Esses elementos (realizar, apropriar-se, inserir-se numa rede relacional, situar-se no tempo) fazem do enunciado, e secundariamente do uso, um nó de circunstâncias, uma nodosidade inseparável do "contexto", do qual abstratamente se distingue. Indissociável do instante presente, de circunstâncias particulares e de um fazer (produzir língua e modificar a dinâmica de uma relação), o ato de falar é um uso da língua e uma operação sobre ela. Pode-se tentar aplicar o seu modelo a muitas operações não lingüísticas, tomando como hipótese que todos esses usos dependem do consumo.

Diante disso, consideramos que as imagens são produtos culturais marcados por sua historicidade, e sua análise e interpretação demandam atenção não apenas à totalidade e ao contexto social em que foram produzidas, mas também à especificidade do gênero, às intenções do autor, aos códigos visuais e textuais e às condições de recepção pelo leitor. A realidade social é compreendida e representada de formas diversas por indivíduos e grupos, conforme suas posições nas estruturas sociais. Essa diversidade também se reflete tanto nos ilustradores, que produzem as imagens, quanto nos leitores, que atribuem sentidos às representações.

Tratamos as revistas não como registros neutros da realidade, mas como produções sociais historicamente situadas, atravessadas por escolhas editoriais, interesses e projetos culturais. Conforme argumenta Luca (2005; 2020), os jornais e revistas não devem ser tomados como registros transparentes do real, mas como espaços de construção discursiva, nos quais se articulam intencionalidades, disputas simbólicas e visões de mundo. A autora destaca a importância de analisar a materialidade dos impressos, seus públicos, formas de

circulação e estratégias de linguagem, elementos fundamentais para compreender os sentidos produzidos e disseminados por essas publicações.

Com base no percurso investigativo trilhado, destaca-se que a pesquisa procura lançar luz sobre as formas pelas quais as revistas ilustradas infantis atuaram como veículos de educação moral e formação de subjetividades no início do século XX. Ao refletir sobre as práticas editoriais e discursivas das revistas *La Semaine de Suzette* e *O Tico-Tico*, a pesquisa tenta revelar como os impressos se inserem em um projeto mais amplo de civilidade e normatização social, especialmente voltado à infância e aos papéis de gênero. A

A análise histórica, ao considerar as imagens, os textos e os contextos de produção e recepção, busca compreender de que modo esses materiais operavam pedagogicamente na constituição de valores e condutas. Isso se torna particularmente relevante quando se considera que a consolidação da sociedade burguesa entre os séculos XIX e início do XX esteve associada à valorização da família, da moralidade e da educação das crianças como elementos centrais da vida social. Nesse contexto, a infância passou a ser compreendida como uma etapa específica da vida que demandava cuidados, formação moral e instrução, processo que envolveu tanto a família quanto instituições culturais como a escola e a imprensa (Ariès, 1981; Perrot, 2007).

As revistas infantis ilustradas participaram desse movimento ao difundir valores e comportamentos considerados adequados à formação das novas gerações. Assim, a pesquisa tenta contribuir não apenas para a valorização das fontes visuais e impressas no campo da historiografia educacional, mas também para a reflexão crítica sobre os dispositivos culturais de formação moral, apontando a necessidade de reconhecer a complexidade dos processos educativos presentes fora do espaço escolar formal.

O interesse por este tema tem origem na minha trajetória pessoal, construída a partir da vivência como estudante do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Uberlândia e das experiências profissionais como professora e auxiliar em diferentes redes de ensino. Essas vivências despertaram reflexões sobre minha própria formação enquanto aluna e filha. Ao longo de toda a minha educação básica, fui aluna de instituições privadas de ensino, sendo

grande parte desse período vivenciado em um colégio católico, onde desde cedo fui orientada sobre os comportamentos considerados apropriados para uma menina, tanto no ambiente escolar quanto no familiar.

Ao refletir sobre minha trajetória desde a infância, reconheço a influência marcante da educação moral na formação da minha identidade pessoal. Em minha vivência familiar, especialmente sob a orientação de minha mãe, valores tradicionais de conduta foram intensamente reforçados, com uma clara distinção entre comportamentos considerados apropriados para meninas e para meninos. Brinquedos como carrinhos, por exemplo, eram exclusivos do meu irmão, enquanto minha irmã e eu éramos desencorajadas a participar de brincadeiras mais dinâmicas, como correr ou explorar o espaço livremente. Em ocasiões sociais, esperava-se que permanecêssemos sentadas ao lado de nossa mãe, adotando uma postura discreta. O orgulho que ela manifestava ao ouvir elogios sobre nossa educação e comportamento demonstrava o quanto tais qualidades estavam associadas, em sua perspectiva, à imagem ideal de feminilidade e boa conduta. No entanto, apesar desse reconhecimento, eu e minha irmã frequentemente nos sentíamos limitadas por essas expectativas, que restringiam nossas experiências e nossa autonomia no cotidiano.

Ao ingressar na universidade, tive a oportunidade de atuar no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), o que me colocou em contato com uma realidade até então desconhecida. Passei a trabalhar com turmas de alfabetização compostas, em sua maioria, por crianças que apresentavam defasagem em relação aos conteúdos escolares esperados para a idade. Muitas delas vivenciavam condições sociais extremamente adversas: vinham de famílias em que os pais ou responsáveis eram analfabetos e, frequentemente, relatavam que frequentavam a escola principalmente por ser o local onde realizavam sua única refeição do dia. Ao observar a rotina escolar, especialmente durante o horário do lanche, comecei a perceber comportamentos distintos por parte das educadoras em relação às meninas e aos meninos. Era comum ver as meninas sendo corrigidas quanto à postura à mesa: orientadas a sentar-se com as pernas cruzadas, a não colocar muita comida na boca e a manter uma conduta discreta. Em contrapartida, os meninos, mesmo quando se sentavam sobre as mesas ou comiam de forma desatenta e lúdica, raramente eram repreendidos. Essa

discrepância me despertou um olhar mais crítico para as sutis formas de reforço de normas de gênero presentes no cotidiano escolar.

Houve um período em que o programa PIBID foi temporariamente suspenso, o que me levou a buscar novas oportunidades de trabalho. Diante disso, optei por atuar na rede privada de ensino e, mais uma vez, experimentei um choque de realidade ao me deparar com um contexto completamente distinto daquele vivenciado na rede pública. As crianças pertenciam, em sua maioria, a classes sociais mais privilegiadas, podiam se dedicar exclusivamente aos estudos e contavam com pais que possuíam níveis elevados de escolaridade, além de uma participação ativa em seu cotidiano escolar. A defasagem escolar, quando identificada, geralmente era prontamente acompanhada por aulas de reforço contratadas pelas famílias. No que se refere à educação moral, no entanto, percebi práticas ainda mais marcadas por distinções de gênero: muitos profissionais da escola adotavam discursos e condutas que reforçavam de maneira explícita a educação diferenciada entre eles e elas, perpetuando estereótipos e desigualdades no ambiente escolar.

A partir dessas experiências pedagógicas iniciais, vivenciadas em contextos escolares distintos, foi sendo despertado o desejo de compreender mais profundamente as origens e a permanência da educação moral das crianças, especialmente no que se refere às distinções de gênero. Questionei-me sobre desde quando esse tipo de distinção vem sendo reproduzido e se, ao longo do tempo, seus fundamentos e práticas permaneceram os mesmos. Durante a graduação, embora o tema tenha me provocado grande interesse, não encontrei espaço suficiente para explorá-lo com a profundidade desejada. Por esse motivo, optei por dar continuidade a essa investigação na pós-graduação, com o objetivo de analisar criticamente como a educação moral tem sido historicamente construída e naturalizada nas práticas escolares. Assim, me aproximei paulatinamente do campo da História e Historiografia da Educação.

Trabalhei por 7 meses com a história da alfabetização, sob orientação da Prof.^a Sônia Santos. No entanto, decidimos de comum acordo alterar radicalmente o encaminhamento das

minhas pesquisas iniciais. E, por isso, acabei sendo acolhida pela Prof.^a Raquel Discini, que desde novembro de 2024 é minha segunda orientadora.

A proposta foi a de investigar, sob uma abordagem comparada, de que maneira as revistas infantis *La Semaine de Suzette* e *O Tico-Tico* atuaram como dispositivos pedagógicos e civilizatórios, mobilizando as ilustrações como recurso para a veiculação de uma educação moral. Como problema de pesquisa buscamos compreender como essas publicações, por meio de imagens e textos, articularam narrativas morais, representações de gênero e práticas discursivas voltadas à conformação de uma infância idealizada, alinhada aos valores da sociedade burguesa do início do século XX. Para tanto, é fundamental reconhecer essas revistas como suportes gráficos que não apenas serviam como recurso alfabetizador, visual e moral, mas também educavam os sentidos, normatizavam gestos e contribuíam para a construção de identidades sociais e de gênero, em consonância com os objetivos delineados nesta pesquisa.

Com o intuito de responder os questionamentos registrados delimitamos como **objetivo geral** da pesquisa: compreender como as revistas ilustradas infantis *La Semaine de Suzette* e *O Tico-Tico*, no período de 1905 a 1930, mobilizaram estratégias pedagógicas diversas voltadas à educação moral, com especial atenção às representações de gênero e aos processos de normatização da infância, apreendidas da análise das imagens.

Como **objetivos específicos** destaco:

1. Examinar como o uso da linguagem visual, articulada ao texto, funcionou como estratégia pedagógica de controle/formação moral nas publicações infantis;
2. Identificar e interpretar elementos imagéticos e textuais nas revistas que contribuíam para a construção de normas de conduta, especialmente em relação aos papéis sociais atribuídos a meninas e meninos;
3. Relacionar os conteúdos presentes nas revistas aos valores da sociedade burguesa da época, destacando os mecanismos de naturalização das distinções de gênero e das normas de civilidade.

Esta pesquisa tenta contribuir para a Linha de História e Historiografia da Educação ao lançar luz sobre as práticas educativas veiculadas por meio de suportes não escolares, como as revistas ilustradas infantis, no início do século XX. Ao analisar *La Semaine de Suzette* e *O Tico-Tico* sob a ótica da educação moral, o estudo visa ampliar o campo de investigação da historiografia educacional ao considerar os impressos como fontes legítimas para compreender os processos de formação de subjetividades, valores e normas sociais (Lopes; Galvão, 2001). Além disso, ao articular representações de gênero, linguagem visual e práticas discursivas, a pesquisa espera contribuir para o entendimento das múltiplas formas de escolarização da infância, reafirmando a importância da cultura escrita e visual na constituição de ideais educativos em contextos históricos específicos (Campos; Guillier, 2024).

De acordo com Chizzotti (2014), a pesquisa qualitativa privilegia a compreensão de significados, intencionalidades e processos sociais, mostrando-se especialmente adequada à análise de fenômenos educacionais situados em contextos históricos e culturais específicos. Sob essa abordagem, os impressos são compreendidos, neste estudo, como artefatos culturais produtores de sentidos e condutas, cujos conteúdos expressam práticas sociais e representações historicamente construídas acerca da infância, da moralidade e do gênero (Chartier, 1990). Dessa forma, a leitura destinada à infância pode ser entendida como uma prática cultural e educativa mediada por diferentes suportes impressos, que contribuem para a formação do leitor para além dos limites do espaço escolar¹.

Como argumenta Bertoletti (2017), os impressos direcionados à infância, como livros, periódicos e produções narrativas ilustradas, inserem-se de modo significativo nos processos de formação social, ao estabelecerem relações entre práticas de leitura, educação e valores compartilhados socialmente. Nesse sentido, tais materiais não atuam apenas como suportes de informação, mas como dispositivos culturais que influenciam a constituição de

¹ Para apoio na revisão linguística, organização textual e tradução pontual de trechos deste trabalho, utilizou-se o tradutor online DeepL e a ferramenta de inteligência artificial ChatGPT (OpenAI), empregada exclusivamente como recurso auxiliar, sem substituição da autoria intelectual, da análise crítica e das decisões teórico-metodológicas da pesquisadora.

disposições sensíveis, modos de leitura e formas de apreensão da realidade, afirmando-se como fontes relevantes para a investigação histórica no campo da educação.

Ainda em meados do século XIX, com a crescente valorização da cultura impressa, os periódicos passam a desempenhar papel significativo na formação de leitores brasileiros. Assim como os livros alcançam lugar privilegiado e preferência nos círculos letrados, o jornal e as revistas despertam a atenção de diversas camadas sociais, por meio de suas narrativas plurais, mais sintetizadas, o que possibilitava uma leitura de modo “extensivo”, por meio da qual o leitor lê mais textos e consegue atingir um maior número de informações em menor espaço de tempo (Bertoletti, 2017, p. 101).

Os impressos, enquanto fontes históricas, não devem ser tomados como espelhos neutros da realidade, mas como produções sociais marcadas por escolhas editoriais, recortes temáticos e intencionalidades políticas e pedagógicas. Segundo Ribeiro, Silva e Silva (2014), a imprensa registra apenas uma parte dos processos educativos, exigindo do pesquisador uma leitura que considere tanto o que é explicitamente dito quanto aquilo que é silenciado ou naturalizado nos discursos veiculados. Essa abordagem reforça a necessidade de interrogar os impressos em sua materialidade, linguagem e condições de circulação, compreendendo-os como espaços de disputa e legitimação de valores, normas e projetos educativos. Tal perspectiva contribui diretamente para a análise da imprensa infantil como fonte para a História da Educação, ao evidenciar que revistas voltadas às crianças participaram ativamente da construção de representações da infância e da difusão de modelos morais e comportamentais, articulando educação, cultura e sociedade para além do espaço escolar.

Diante dessas reflexões, a presente pesquisa, vinculada ao Grupo de Pesquisa “Grupo de Estudos Interdisciplinares em História da Educação – UFU” tomou como corpus documental as edições disponíveis na Biblioteca Nacional da França de *La Semaine de Suzette* compreendidas entre o período de 1905 a 1930. No caso de *O Tico-Tico*, disponível na Hemeroteca Digital Brasileira, além de uma análise geral da revista, para comparação de conteúdo, foram delimitadas para análise principal, as seções voltadas especificamente ao público feminino, a saber: “Secção para Meninas”, “Moda para Nossas Leitoras”, “Figurinos para Nossas Leitoras” e “Para Nossas Leitoras”. Também analiso as figuras com a temática “O que se deve imitar” e “O que não se deve imitar”, que não aparecem em uma seção específica, mas dispersas.

Essas seções revelam um conjunto expressivo de discursos sobre gênero, moralidade e práticas educativas dirigidas às leitoras, funcionando como espaços de observação privilegiados das representações de feminilidade no início do século XX. Destaca-se especialmente a “Secção para Meninas”, cuja concepção dialoga diretamente com a rubrica francesa *Nous habillons Bleurette*, publicada em *La Semaine de Suzette*, evidenciando processos de circulação cultural transnacional e a apropriação brasileira de modelos editoriais franceses. A delimitação desse *corpus* permitiu identificar tanto as convergências temáticas quanto as adaptações locais presentes nas representações destinadas às meninas, oferecendo condições para uma leitura comparativa consistente entre os dois periódicos.

Nesse viés, a abordagem qualitativa é compreendida como aquela que busca interpretar dimensões da realidade que, embora não diretamente observáveis, manifestam-se por meio de discursos, práticas e representações sociais. Conforme Minayo (2012, p.116), essa abordagem “fundamenta-se na análise de sentidos que emergem do contexto, levando em conta as visões de mundo dos sujeitos e os significados atribuídos às suas experiências”. No caso desta pesquisa, mesmo que não envolva diretamente participantes humanos, a compreensão das revistas infantis enquanto artefatos culturais exige a interpretação dos valores simbólicos e morais que permeiam seus conteúdos, os quais refletem modos de pensar, sentir e agir historicamente situados.

Partindo do entendimento de que a realidade social é dinâmica, contraditória e historicamente construída, seguimos Prost (2008), para quem é preciso investigar os nexos entre o conteúdo simbólico das fontes e as condições históricas e sociais que possibilitaram sua produção. Assim, a análise desenvolvida nesta pesquisa procura evidenciar o entrelaçamento entre as práticas discursivas veiculadas nas revistas *La Semaine de Suzette* e *O Tico-Tico*, e os projetos de formação moral e civilizatória direcionados à infância no início do século XX. Reconhece-se, portanto, que toda representação do real deve ser apreendida em seu movimento histórico, como expressão de relações sociais e de disputas por significados no campo educacional e cultural (Chartier, 1990).

Trata-se, portanto, de uma pesquisa que, a partir de uma análise documental, está fundamentada nos aportes de Chartier (1990) e Certeau (1998), os quais reconhecem que as

práticas culturais e os suportes gráficos, como livros e revistas, são atravessados por disputas simbólicas, funcionando como dispositivos de subjetivação e pedagogização social. O *corpus* documental foi delimitado com base na recorrência temática e na diversidade de recursos visuais e textuais, observando-se a articulação entre discurso pedagógico, construção de gênero e civilidade. Diante disso, Campos e Guillier (2024, p. 02) afirmam que

As revistas ilustradas destinadas ao público infantil, como *La Semaine de Suzette* e *O Tico-Tico*, constituem artefatos culturais de grande relevância para a História da Educação, sendo reconhecidas como fontes documentais preciosas para a compreensão das práticas educativas, das representações sociais e dos valores morais de épocas passadas.

Conforme destacam Galvão e Lopes (2010), Campos (2007; 2012) e Bastos (2016), esse tipo de material, por sua riqueza estética e discursiva, desperta o interesse de pesquisadores da área, pois oferece acesso a narrativas que, embora muitas vezes permeadas pela ficção, refletem ideais pedagógicos e códigos culturais históricos. Nesse sentido, o trabalho do historiador da educação se pauta na análise minuciosa de vestígios, como ensina Prost (2008), ao afirmar que a reconstrução do passado se dá a partir das marcas deixadas pelos sujeitos e instituições. Assim, o exame das revistas utilizadas neste estudo contribui para desvendar os mecanismos de veiculação da educação moral e dos papéis sociais atribuídos à infância, especialmente no que tange às distinções de gênero e aos dispositivos de civilidade presentes nas publicações do início do século XX (Campos e Guillier, 2024).

A análise das representações femininas veiculadas pela imprensa infantil dialoga com as reflexões de Perrot (2007) acerca da construção histórica do feminino e dos mecanismos de silenciamento e normatização das mulheres ao longo do tempo. Ao examinar os modos pelos quais o feminino foi representado nos discursos sociais, a autora evidencia que tais representações estiveram frequentemente associadas à ordem doméstica, à moralidade, à contenção dos gestos e à interiorização de papéis socialmente definidos, revelando como imagens, narrativas e práticas discursivas não apenas refletem posições sociais, mas participam ativamente da produção de hierarquias de gênero desde a infância. Essa perspectiva articula-se às contribuições de Neiva (2020), ao demonstrar que a cultura impressa atuou como um dispositivo pedagógico fundamental na normatização do corpo e da sensibilidade feminina. Nesse sentido, os impressos destinados ao público feminino não

se limitaram a informar ou entreter, mas educaram o olhar, os gestos e os hábitos cotidianos, produzindo uma pedagogia implícita do corpo e da aparência.

Assim, os periódicos infantis analisados nesta pesquisa podem ser compreendidos como espaços privilegiados de aprendizagem social, nos quais a educação moral, a civilidade e a formação da feminilidade eram transmitidas de forma visual, reiterada e naturalizada, em consonância com projetos sociais mais amplos. Para orientar a leitura e a interpretação das fontes, foram estabelecidas quatro categorias analíticas. 1. Educação moral (Durkheim, 2011; Ariès, 1981; Kohlberg, 1992), compreendida como um processo normativo de formação de condutas e valores. 2. Método intuitivo (Valdemarin, 2000; Pestalozzi, 2001; Schelbauer, 2021), entendido como uma estratégia pedagógica fundamentada na experiência sensorial, no contato com objetos concretos e no uso de imagens e representações visuais como mediadoras da aprendizagem. 3. Representações de gênero (Campos, 2021, 2024; Perrot, 2007; Scott, 1991), analisadas a partir dos papéis sociais e normas atribuídas a meninas e meninos. 4. Dispositivos de civilidade (Elias, 1994), considerados como discursos e práticas voltados à normatização da infância, em consonância com os valores morais, sociais e culturais da sociedade capitalista em expansão.

A pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa, desenvolvida por meio de levantamento e análise bibliográfica de produções acadêmicas relacionadas à temática, abrangendo o período de quatro décadas, entre 1979 e 2023, em âmbito nacional e internacional. No contexto nacional, realizou-se o mapeamento de teses e dissertações disponíveis no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Em nível internacional, a investigação concentrou-se nas bases de dados da Biblioteca Nacional da França (BNF) e no Sistema Universitário de Documentação (SUDOC) das universidades da França, utilizando exclusivamente os materiais disponíveis em acesso online. Ressalta-se que o levantamento internacional apresentou caráter mais delimitado, uma vez que se restringiu às produções acessíveis digitalmente, o que implicou menor profundidade em comparação ao mapeamento realizado no contexto nacional².

²A utilização dos portais internacionais justifica-se por reunirem, em um único ambiente, sistemas de informação que agregam registros de teses e dissertações produzidas em diferentes instituições de ensino e

Diante da grande diversidade temática identificada no levantamento inicial, tornou-se necessário averiguar em que medida os estudos selecionados dialogavam efetivamente com o objeto central desta pesquisa, que trata da construção histórico-cultural da infância e suas articulações com gênero, moralidade e projetos civilizatórios na imprensa infantil franco-brasileira. Esse movimento prévio permitiu reconhecer tanto as contribuições específicas de cada obra quanto as lacunas ainda existentes no campo. A partir dessa primeira triagem, avançamos para o processo de categorização, entendido, conforme Bardin (1977), como uma “operação de classificação dos elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e posterior reagrupamento segundo analogias previamente definidas” (p. 117). Assim, organizamos os estudos sob eixos temáticos que emergiram das próprias recorrências encontradas, de modo a evidenciar padrões discursivos e aproximações conceituais entre eles.

No contexto desta dissertação, essa categorização mostrou-se particularmente relevante, pois permitiu articular diferentes dimensões presentes nos impressos analisados, como a circulação transnacional de modelos educativos e visuais entre *La Semaine de Suzette* e *O Tico-Tico* (Campos; Guillier, 2024), as performances de gênero construídas na imprensa brasileira e francesa (Guillier, 2021; Campos, 2007), e as representações moralizantes e cívicas vinculadas ao ideal de infância nacional na Primeira República (Hansen, 2007; Schwartzman, 2000). Da mesma forma, essa organização permitiu situar a presença de discursos vinculados à pedagogia visual, ao civismo e à constituição de identidades infantis

pesquisa, favorecendo a localização e o acesso gratuito a esses documentos por meio da internet. Nesse contexto, tanto a Biblioteca Nacional da França (BNF) quanto o Sistema Universitário de Documentação (SUDOC) operam a partir da colaboração das próprias instituições acadêmicas, responsáveis pelo fornecimento, organização e fidedignidade dos dados referentes às pesquisas, tais como autoria, título, data de defesa, programa e instituição de origem. Em ambos os levantamentos foram identificadas algumas limitações no acesso aos textos integrais, uma vez que determinadas produções, embora referenciadas nos portais, permanecem disponibilizadas apenas nos repositórios institucionais das universidades em que foram defendidas. Ainda assim, tais restrições não comprometeram o desenvolvimento da pesquisa, pois o conjunto de informações acessadas mostrou-se suficiente para atender aos objetivos propostos.

No catálogo da Capes optamos por delimitar a busca por meio da seleção dos descritores “ciências humanas” e “educação”, que estão estritamente relacionados com o objeto de estudo e selecionados a partir das leituras realizadas. Ao realizar este levantamento foi possível verificar no catálogo da Capes um total de 7 trabalhos, sendo 1 trabalho de conclusão de curso, 3 dissertações de Mestrado e 3 Teses de Doutorado. No catálogo internacional também optamos pelos mesmos descritores e o mesmo recorte temporal e foram levantados 3 trabalhos, sendo 1 dissertação e 2 teses.

e femininas, elementos amplamente discutidos no corpus de *O Tico-Tico*, em diálogo com os apontamentos de Gonçalves (2019) e com as análises iniciais realizadas ao longo do processo investigativo.

Dessa maneira, o processo de categorização não se configurou apenas como um procedimento técnico, mas como uma etapa metodológica fundamental para compreender como esses discursos se estruturam, se repetem e se transformam. Ao agrupar os trabalhos “sob um título genérico, em razão dos caracteres comuns desses elementos” (Bardin, 1977, p. 117), tornou-se possível evidenciar como a imprensa infantil constituiu um espaço privilegiado de construção de um imaginário sobre a infância, articulando projetos educativos, expectativas sociais e circulação internacional de modelos culturais, dinâmica que está no cerne da sua pesquisa.

O Quadro 1 sintetiza o estado da arte das pesquisas acadêmicas escolhidas, que se debruçaram sobre as revistas *La Semaine de Suzette* e *O Tico-Tico*, reunindo teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso que compõem o campo de estudos sobre a imprensa infantil dos séculos XIX e XX.

Quadro 1: Teses e dissertações utilizadas durante a pesquisa

Autor (a)	Título	Nível/Ano/Instituição	Assunto Principal
Marielle de Miribel	La Semaine de Suzette ou l'initiation des fillettes	Tese de Doutorado (1979)	Formação moral e religiosa de meninas; práticas de socialização; análise cultural e pedagógica do periódico.
Zita de Paula Rosa	O Tico-Tico: a infância na imprensa e a imprensa da infância (1905–1957)	Dissertação de Mestrado – PUC-Rio (1997)	Estudo panorâmico da revista; aspectos editoriais e educativos; representações da infância; circulação cultural.
Laurence Mundschau	La Semaine de Suzette: étude d'un journal pour petites filles de la Belle Époque	Dissertação/Tese – Université Paris 7 (1998)	Estudo aprofundado da revista francesa; projeto moral católico; construção da feminilidade burguesa; papel da personagem Bleurette.
Anne Isabelle Cecillon-Chicaud	La Semaine de Suzette et le défi de l'adaptation au monde moderne	Tese – Université de Savoie (1999)	Modernidade e tradição; educação católica; estratégias editoriais e

			construção de modelos de comportamento feminino.
Maria Cristina Merlo	O Tico-Tico: um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905–1962)	Dissertação de Mestrado – USP/ECA (2004)	Inventário sistemático da revista; catalogação de artistas, colaboradores, seções e personagens; entrevistas com ilustradores e leitores.
Patrícia dos Santos Hansen	Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República.	Tese de Doutorado - História - FFLCH USP (2007)	Literatura cívico-patriótica; infância como metáfora da nação; O Tico-Tico como instrumento do projeto republicano; análise da seção A Arte de Formar Brasileiros.
Luciana Borges Patroclo	As mães de famílias futuras: a Revista o Tico-Tico e a formação das meninas brasileiras (1905-1925)	Tese de Doutorado em Educação - PUC-Rio (2015)	Análise das representações de gênero; estudo da Seção para Meninas; discursos normativos e construção de feminilidades.
Cíntia Borges de Almeida	<i>Um país de poucas letras?</i> Experiências de educabilidade, instrução obrigatória e analfabetismo na "Cidade Maravilhosa" (1900-1922)	Tese de Doutorado em Educação - UERJ (2018)	História da leitura e da alfabetização no Brasil; práticas de letramento infantil e popular; leitura como prática social e educativa; impressos como instrumentos de formação moral e cultural; desigualdades no acesso à cultura escrita.
Sophia Valentim de Andrade	Bécassine: uma análise multimodal da representação de estereótipos em HQs	TCC – Letras Francês (UFSC, 2023)	Análise multimodal de Bécassine, personagem da revista La Semaine de Suzette; estereótipos, visualidade e construção identitária.
Luzianne dos Santos	A revista O Tico-Tico como espaço de formação da criança brasileira (1905–1910)	Tese de Doutorado – Educação, Universidade Tiradentes, 2023	Estudo de O Tico-Tico como espaço formativo para a infância brasileira; análise do período 1905–1910; práticas educativas, valores e representações da infância.
Paula de Castro Robinson	A revista O Tico-tico: Uma análise gráfica da infância no Brasil em 1905, 1923, 1941 e 1955	Dissertação de Mestrado – Design, UERJ/ESDI, 2023	Análise gráfica e visual da revista; estudos de materialidade, diagramação, ilustração e representação da infância em diferentes períodos históricos.

Fonte: Elaboração própria (2025).

A sistematização dessas produções permite identificar os principais temas explorados, como representações de gênero, formação moral, construção da infância, práticas editoriais,

visualidade e circulação cultural, além de evidenciar diferentes abordagens metodológicas aplicadas ao estudo dos periódicos. Ao organizar esse conjunto de trabalhos, o quadro procura uma visão das contribuições já produzidas e das lacunas existentes na literatura, situando a presente pesquisa no diálogo com investigações anteriores e justificando sua relevância para o aprofundamento das análises comparativas entre os dois impressos.

A análise do conjunto de trabalhos revelou a existência de um campo de estudos fértil, composto por pesquisas provenientes de diferentes programas de pós-graduação e instituições, que examinam os periódicos sob múltiplas perspectivas: histórica, cultural, educativa e sociopolítica. A diversidade de enfoques reafirma a relevância do tema e demonstra a preocupação recorrente dos pesquisadores em compreender o papel dos impressos na construção de representações sociais, práticas escolares e projetos civilizatórios ao longo do tempo. As leituras realizadas permitiram reconhecer que a temática investigada nesta pesquisa se insere em um debate já amadurecido. Assim, ao nos propormos a examinar o objeto em questão, torna-se essencial situá-lo no contexto político, social e econômico em que se inscreve, tanto em sua dimensão macroestrutural quanto nas dinâmicas microsociais que o atravessam.

Esta dissertação tem como objetivo analisar a imprensa infantil ilustrada como artefato cultural e pedagógico, investigando sua atuação na circulação de representações sobre a infância, os papéis sociais e os valores morais no início do século XX. A introdução apresenta a delimitação da problemática, os objetivos da pesquisa e os pressupostos teórico-metodológicos que orientam a investigação, fundamentada em uma abordagem qualitativa de caráter histórico-documental.

Na sequência, o capítulo 1 dedica-se à análise da revista francesa *La Semaine de Suzette*, examinando seu contexto de criação, proposta editorial, principais seções, personagens e discursos educativos dirigidos ao público feminino, com especial atenção à personagem Bécassine e à difusão de modelos de comportamento e de feminilidade associados à moral católica burguesa.

O capítulo 2 analisa a revista brasileira *O Tico-Tico* enquanto marco da imprensa infantil no contexto da Primeira República, focalizando suas narrativas visuais, seções educativas e discursos morais e cívicos, com destaque para as representações de gênero e as normatizações direcionadas às meninas.

O capítulo 3 apresenta uma análise comparativa entre os dois periódicos, evidenciando convergências e especificidades em suas propostas editoriais, estratégias pedagógicas e impactos socioculturais, bem como os processos de circulação transnacional de modelos educativos e de feminilidade.

Já no capítulo 4 investiga o papel da cultura visual na imprensa infantil, analisando como imagens e narrativas imagéticas funcionaram como instrumentos pedagógicos voltados à educação moral e à formação dos sentidos, mobilizando o método intuitivo como ferramenta interpretativa.

Por fim, as Considerações Finais retomam os objetivos da pesquisa, sistematizam os principais resultados, discutem os limites do estudo e apontam possibilidades de aprofundamento futuro, reafirmando a relevância da investigação para o campo da História da Educação e para a compreensão histórica da formação da infância para além do espaço escolar.

CAPÍTULO 1: A REVISTA *LA SEMAINE DE SUZETTE*

1.1 Projeto editorial, público leitor e cultura impressa

La Semaine de Suzette foi fundada em 2 de fevereiro de 1905 pelas Éditions Gautier (posteriormente Gautier-Languereau) e consolidou-se como o primeiro grande periódico francês direcionado exclusivamente às meninas da burguesia católica, emergindo em um contexto marcado pela secularização da vida pública e pela expansão da imprensa infantil ilustrada no início do século XX (Miribel, 1979; Courdec, 2005). Como demonstra Guillier (2021), a revista tornou-se referência no mercado editorial francês, alcançando tiragens expressivas e longa duração, circulando de 1905 até 1960, com interrupção apenas durante

a Segunda Guerra Mundial, e influenciou outras publicações destinadas às meninas, constituindo-se como fonte central para a história cultural da infância e do gênero na França.

O surgimento de periódicos infantis como *La Semaine de Suzette* deve ser compreendido no contexto histórico da chamada *Belle Époque*, período geralmente situado entre o final do século XIX e o início da Primeira Guerra Mundial. Para Pinheiro e Rodrigues (2012), a expressão foi construída posteriormente para designar uma época marcada pela memória de relativa estabilidade política, progresso científico e desenvolvimento cultural na Europa. Na França, esse período esteve associado à modernização econômica, à expansão das cidades e ao fortalecimento de uma cultura urbana marcada pelo crescimento das indústrias culturais e pela ampliação da circulação de impressos. Ao mesmo tempo, o autor ressalta que a ideia de uma “idade de ouro” deve ser relativizada, uma vez que tais transformações conviveram com profundas desigualdades sociais no interior da sociedade francesas.

Nesse cenário de expansão da cultura impressa e de formação de novos públicos leitores, multiplicaram-se as publicações destinadas à infância, entre elas revistas ilustradas que combinavam entretenimento, moralização e formação cultural. A importância histórica de *La Semaine de Suzette* reside, portanto, em seu papel na construção de códigos de feminilidade, na consolidação da leitura como prática moral e doméstica e na formação de uma cultura gráfica infantil que dialogou com modelos de educação católica e com o imaginário social francês da *Belle Époque*.

A revista apresentava uma estrutura fixa de dezesseis páginas, nas quais se articulavam contos, folhetins, atividades domésticas e seções de cunho moralizante, além de ser o suporte inaugural das histórias da personagem Bécassine, criada para o primeiro número do semanário (Courdec, 2005; Guillier, 2021). Destinada ao público feminino infantil, a publicação reunia histórias e ilustrações acompanhadas de orientações sobre etiqueta, moda e atividades manuais. Dotada de um caráter educativo e moralizante, refletia os valores predominantes entre os grupos abastados na sociedade da época. Além de narrativas em quadrinhos, incluía receitas culinárias, modelos de bordado e conselhos

voltados às meninas pertencentes a famílias burguesas, reforçando os ideais de feminilidade e domesticidade então vigentes. Conforme Miribel (1979, p. 12-13), a revista apresentava:

[...] romances, novelas e histórias curtas ilustradas em folhetim ou em breves episódios, além de moldes para tricô e costura e receitas culinárias, ocasionalmente apresentados como jogos, mas que deveriam contribuir para aperfeiçoar a educação destas jovens moças.

Figura 1: Capa da primeira edição da revista *La Semaine de Suzette*



Fonte: Campos e Guillier, (2024, p.11).

A capa da edição de fevereiro de 1905 da revista *La Semaine de Suzette* exemplifica o papel da imprensa infantil francesa como um meio de formação social, especialmente

voltado para a educação das meninas. Conforme análise de Campos e Guillier (2024), a jovem retratada na ilustração veste trajes sofisticados, incluindo uma saia volumosa, um chapéu adornado e botas bem elaboradas, elementos que indicam sua condição social privilegiada. Em contraste, a mulher idosa é representada com vestes mais modestas e um lenço cobrindo a cabeça, evidenciando uma distinção de classe que reflete a hierarquia social da época.

Entre 1905 e 1930, *La Semaine de Suzette* teve um papel central na construção do ideal feminino burguês, na França e alhures promovendo um modelo de feminilidade pautado na delicadeza, no recato e na aptidão para a vida doméstica. A revista incentivava suas leitoras a se prepararem para o casamento e a maternidade, destacando a importância de habilidades como costura, bordado e etiqueta. Esse conteúdo estava alinhado aos valores da sociedade francesa do período, que ainda restringia o papel das mulheres ao âmbito doméstico, reforçando sua função como esposas e mães. Publicada semanalmente às quintas-feiras, trazia poesias, jogos, concursos, narrativas ilustradas, peças de teatro, receitas e moldes para costura (Couderc, 2005).

Segundo Couderc (2005) e Cecillon-Chicaud (2019) no âmbito educacional e moral, o periódico oferecia orientações sobre boas maneiras, etiqueta e comportamento adequado para meninas, além de conteúdos religiosos e moralizantes que enfatizavam valores como obediência, trabalho e respeito. A revista também desempenhou um papel significativo na difusão da moda e do artesanato infantil, promovendo o desenvolvimento de habilidades manuais e reforçava o gosto por vestimentas refinadas, refletindo o ideal da época. Além disso, *La Semaine de Suzette* fomentou uma comunidade ativa entre suas leitoras, promovendo concursos, desafios e colaborações, nos quais as meninas enviavam trabalhos manuais e cartas para publicação, fortalecendo seu vínculo com a revista. Seu impacto na educação e na cultura infantil foi expressivo, transmitindo não apenas habilidades práticas, mas também valores patrióticos e religiosos que moldaram gerações.

Conforme Marielle de Miribel (1979), as mudanças históricas pelas quais passava a França no início do século XX impulsionaram a criação de um novo periódico semanal em Paris. Diferentemente da concepção moderna de infância, que valoriza o brincar como

ferramenta para o desenvolvimento livre e criativo, *La Semaine de Suzette* encarava a recreação principalmente como um meio de aprendizado moral e prático, sempre direcionado à formação das meninas para seus papéis tradicionais na sociedade. As brincadeiras possuíam um caráter educativo, como jogos de palavras, charadas e desafios matemáticos, que, embora estimulassem o intelecto, estavam restritos ao que era considerado apropriado para a educação feminina. A icônica boneca Bleuette, promovida pela revista, não era apenas um brinquedo, mas um recurso pedagógico para ensiná-las a cuidar de um bebê, preparando-as para a maternidade. Além disso, atividades como costura, bordado e culinária eram incentivadas não apenas como passatempos, mas como parte essencial da preparação para a vida doméstica. Dessa forma, até o lazer estava subordinado ao ideal de formação da mulher como o pilar do lar (Guillier, 2022). Miribel (1979, p.2) também afirma:

[...] nos anos 1900, houve uma revolução na imprensa infantil, correspondente ao aumento do público (escola laica gratuita e obrigatória) e ao progresso técnico [...]. A nova imprensa infantil é dominada sobretudo pela sociedade parisiense de edições (Offenstadt), que produz vários milhões de livros [...]. Diante desse sucesso "imoral", as edições católicas reagem e *La Semaine de Suzette* aparece em 1904. (Tradução com auxílio)

A figura 2 apresenta um concurso intitulado *Grand Concours de la Petite Cuisinière* traduzido como “Grande Concurso da Pequena Cozinheira”, evidenciando uma tentativa de ensinar noções básicas de culinária às meninas leitoras da revista. O concurso é estruturado em uma série de desafios nos quais as meninas devem identificar ingredientes e associá-los a pratos típicos. Esse formato não apenas reforça a ideia de aprendizado por meio da observação e da prática, mas também introduz as meninas a um universo de conhecimentos essenciais para a administração doméstica. Além disso, a competição torna a aprendizagem mais atrativa, utilizando o lúdico como ferramenta educativa. Assim, o *Grand Concours de la Petite Cuisinière* não era apenas um passatempo, mas também um instrumento de ensino que preparava as leitoras para seu futuro papel no lar. Conforme informado:

Figura 2: *Incentivo à culinária com a “Grande competição da pequena cozinheira”.*

GRAND CONCOURS DE LA PETITE CUISINIÈRE

Par ce temps de vie chère et de pénurie de domestiques, il est bon que chacun, dès le jeune âge, puisse, le cas échéant, « mettre la main à la pâte » et préparer quelques plats; il n'y a pas à dire, il faut manger pour vivre.

En vous proposant aujourd'hui un nouveau concours, je ne prétends pas faire de vous de bonnes cuisinières : j'aspire seulement à aiguiller votre curiosité vers cette science indispensable.

Que vos parents se rassurent. Vous n'aurez besoin ni de fourneau, ni d'ustensiles encombrants ; vous ne vous blesserez pas avec un couteau ; vous ne tacherez pas votre robe avec de la sauce ; vous ne vous brûlerez pas avec de la friture bouillante. Vous aurez tout simplement à regarder avec attention les tableaux qui vous seront présentés successivement.

Dans chacun d'eux sera figuré ce qui est nécessaire pour la confection d'un plat classique, bien français, simple et très connu, de ceux qui paraissent sur toutes les tables; que l'on soit riche ou peu fortuné.

Bien entendu, je n'ai pas indiqué les proportions sur mes dessins. Une pomme de terre indique qu'il entre une ou plusieurs pommes de terre dans le mets ; une gousse d'ail, qu'il y entre de l'ail en plus ou moins grande quantité, etc. De même pour l'eau, la farine et le reste.

Vous examinerez donc chaque tableau avec soin, et vous me direz :

1° Quel est le plat que l'on peut confectionner en utilisant tous les objets représentés :

2° Comment on doit procéder pour le confectionner.

De cette façon, à la fin du concours, tout en vous amusant, vous aurez acquis d'utiles notions de cuisine, car je me doute bien que vous ferez appel aux conseils de votre mère, de votre grande sœur ou de la cuisinière, si vous avez la chance rare d'en posséder une.

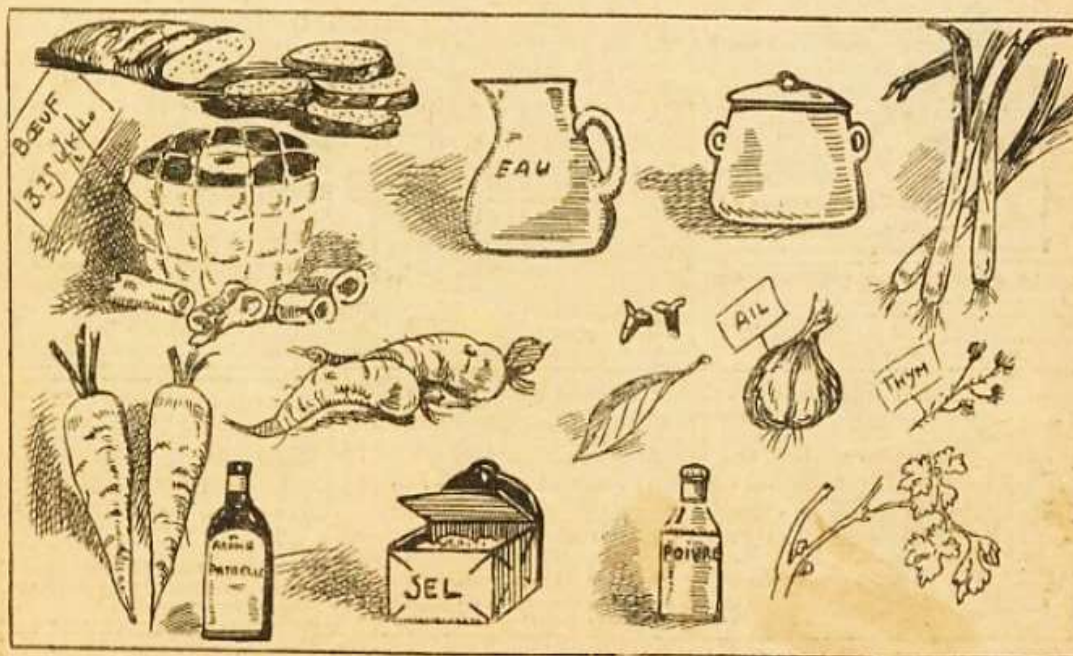
Le concours comprendra sept tableaux ; il y aura donc sept plats à indiquer. A la fin du concours, c'est-à-dire dans le n° 8, je vous posera une question à laquelle vous aurez à répondre afin que je puisse classer les concours arrivés ex-cæquo pour les sept premières questions.

Dans le prochain numéro, je vous indiquerai la date et le mode d'envoi du concours ; je vous dirai aussi quels seront les prix, mais par avance, je puis vous annoncer que, comme précédemment, ils seront beaux et en grand nombre.

Nos petites amies d'outre-mer ne seront pas oubliées. Pour elles aussi, il y aura de jolies récompenses.

P. S. — Les concurrentes me rendront un signalé service en écrivant leurs réponses sur du papier ayant le format des cahiers d'écoliers.

PREMIÈRE SÉRIE



LA PETITE CUISINIÈRE
Bon N° 1.
A dissoudre et rendre plus solutions.

Nestes tempos de alto custo de vida e escassez de empregados domésticos, é bom que todos, desde pequenos, possam, se necessário, “colocar a mão na massa” e preparar alguns pratos; Não há como negar, você tem que comer para viver. Ao oferecer a vocês um novo concurso hoje, não pretendo torná-los bons cozinheiras; Meu único objetivo é direcionar sua curiosidade para essa ciência indispensável.

Deixe seus pais ficarem tranquilos. Você não precisará de fogão nem de utensílios volumosos; você não vai se machucar com uma faca; você não manchará seu vestido com molho; você não vai se queimar com alimentos fritos ferventes. Você simplesmente terá que olhar atentamente para as tabelas que lhe serão apresentadas sucessivamente.

Cada uma delas incluirá o necessário para fazer um prato clássico, bem francês, simples e conhecido, daqueles que aparecem em todas as mesas; seja alguém rico ou não muito rico.

É claro que não indiquei as proporções nos meus desenhos. Uma batata indica que uma ou mais batatas estão incluídas no prato; um dente de alho, se contém mais ou menos alho, etc. O mesmo vale para a água, farinha e o resto. Você examinará então cada pintura cuidadosamente e me dirá:

1º Qual prato pode ser feito usando todos os objetos mostrados;
2. Como proceder para fazê-lo.

Dessa forma, ao final da competição, enquanto você se diverte, você terá adquirido habilidades úteis na cozinha, pois não tenho dúvidas de que você recorrerá aos conselhos da sua mãe, da sua irmã mais velha ou da cozinheira, se tiver a sorte de ter uma.

Este concurso incluirá sete pinturas; serão portanto sete pratos para indicar. No final da competição, ou seja, no número 8, farei uma pergunta que você deverá responder para que eu possa classificar as competições que empataram nas sete primeiras perguntas.

Na próxima edição informarei a data e a forma de envio do concurso; também direi quais serão os preços, mas, de antemão, posso adiantar que, como antes, serão lindos e em grande quantidade.

Nossos amiguinhos do exterior não serão esquecidos. Haverá algumas boas recompensas para eles também.

P.S. Os concorrentes me farão um grande favor escrevendo suas respostas em papel do tamanho de cadernos escolares. (Tradução com auxílio) ³.

³ GRAND CONCOURS DE LA PETITE CUISINIÈRE

Par ce temps de vie chère et de pénurie de domestiques, il est bon que chacun, dès le jeune âge, puisse, le cas échéant, “mettre la main à la pâte” et préparer quelques plats; il n’y a pas à dire, il faut manger pour vivre.

En vous proposant aujourd’hui un nouveau concours, je ne prétends pas faire de vous de bonnes cuisinières; j’aspire seulement à aiguiller votre curiosité vers cette science si simple et si utile.

Que vos parents se rassurent. Vous n’aurez point à manier le feu, ni d’ustensiles encombrants; vous ne vous blesserez pas avec un couteau; vous ne ferez pas votre robe de cuisine; vous ne vous brûlerez pas avec de la friture bouillante. Vous aurez tout simplement à regarder avec attention les tableaux qui vous seront présentés successivement.

Dans chacun d’eux sera figuré ce qui est nécessaire pour la confection d’un plat classique, bien français, simple et économique. Les objets seront tous libellés de façon que tout soit riche ou peu fortuné.

Bien entendu, je n’ai pas indiqué les proportions sur mes dessins; mais en regardant bien ce qu’il entre en grande ou en petite quantité dans le mets; une chose est, qu’il n’y entre qu’une pincée de poivre, ou une carotte entière, ou une cuillerée de farine et le reste...

Vous examinerez donc chaque tableau avec soin, et vous me direz :

1º Quel est le plat que l’on peut confectionner en utilisant tous les objets représentés ;

A revista reforçava a hierarquia social ao transmitir a ideia de que cada indivíduo deveria aceitar e desempenhar seu papel dentro da sociedade, perpetuando os valores burgueses e católicos da época e influenciando a percepção de mundo das leitoras. Esse ideal se refletia no tom didático da publicação, que adotava uma abordagem educativa e moralizante em seus conteúdos. Conforme Couderc (2005, p.236)

[...] Toda a educação dada à menina tende, portanto, a moldá-la num anonimato feminino perfeito: evitar sentimentos excessivos, confiar-se totalmente aos pais, dedicar-se aos outros, especialmente dominando os trabalhos domésticos, não pensar em si mesma, rejeitar ser bonita demais — ou inteligente demais, se isso ameaçar sua "feminilidade" em prol de estudos brilhantes —, aceitar sem revolta as tarefas obscuras e até os traumas da vida, não tomar nenhuma decisão sozinha.

As pesquisas sobre o impresso mostram que *La Semaine de Suzette* não era apenas uma revista infantil, mas um instrumento de socialização. Demonstrem uma nítida distinção de gênero, pois consolidava o papel tradicional feminino, restringindo suas experiências ao ambiente doméstico e a atividades voltadas ao cuidado.

2° Comment on doit procéder pour le confectionner.

De cette façon, à la fin du concours, tout en vous amusant, vous aurez acquis d'utiles notions de cuisine, car je ne doute bien que vous le ferez avec soin, avec attention, et, votre grande sœur ou la cuisinière, si vous avez la chance d'en ne posséder une, vous aidera.

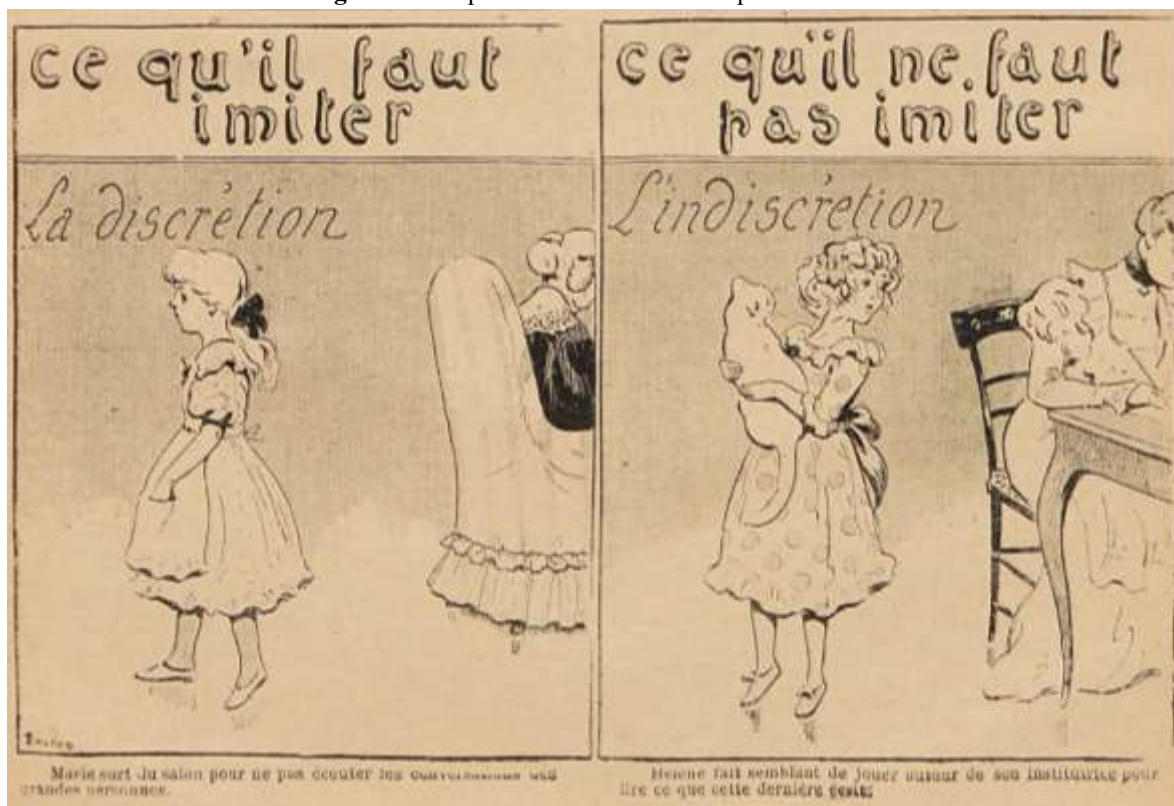
Ce concours comprendra sept tableaux : il y aura donc sept plats à indiquer. À la fin du sixième numéro de "la Semaine", je vous poserai une question à laquelle vous aurez à répondre si bien que les noms des lecteurs ou lectrices arrivés ex-æquo pour les sept premières questions.

Dans le prochain numéro, je vous indiquerai la date et le mode d'envoi des réponses. Mais vous pouvez toujours vous préparer par avance, et je puis vous annoncer que, comme précédemment, ils seront bien récompensés.

Les dessinatrices et d'entre-mère ne seront pas oubliées. Pour elles aussi, il y aura de jolies récompenses.

P.S. — Les concurrentes me rendant un signal service en écrivant leurs réponses sur du papier ayant le format des cahiers d'écolier.

Figura 3: “O que se deve imitar” e “O que não se deve imitar”



Fonte: *La Semaine de Suzette*, 3ª edição, 16 fev. 1905, p.36.

A figura 3 apresenta uma ilustração moralizante dividida em dois quadros, contrastando a discrição, vista como virtude, com a indiscrição, considerada um comportamento reprovável. Essa estrutura pedagógica reflete o ideal educativo presente em publicações infantis do início do século XX, particularmente voltadas à formação moral das meninas, enfatizando a necessidade de recato, silêncio e respeito à privacidade dos adultos. A distinção entre os comportamentos sugere que as crianças deveriam compreender e respeitar a hierarquia social e familiar, sendo a discrição um exercício de autodisciplina e vigilância constante sobre as próprias ações. Assim, a ilustração não apenas transmite uma lição moral individual, mas também funciona como um instrumento de controle social, assegurando a reprodução dos valores tradicionais ao longo das gerações (Campos, 2025).

Segundo Gonçalves (2019), sabemos que os meninos, embora muito menos presentes nas publicações, eram frequentemente retratados como irmãos ou personagens secundários, assumindo papéis que lhes proporcionavam maior liberdade para explorar e se aventurar.

Essa distinção reforçava as expectativas sociais da época, nas quais os meninos eram incentivados a serem ativos e independentes, enquanto as meninas deveriam concentrar-se na educação doméstica e emocional. Sendo assim, de acordo com Patroclo (2019, p.01) “Havia por parte das elites a preocupação em reforçar os princípios da moral burguesa na qual os meninos eram preparados desde cedo para enfrentar o mundo do trabalho e as meninas deveriam receber o conhecimento necessário para ser uma exímia rainha do lar.”.

Figura 4: História "O retrato de Lilette"

Fonte: *La Semaine de Suzette*, 9ª edição, 04 abr. 1907, p.01.

A figura 4 apresenta uma narrativa moral clássica voltada para o público infantil, reforçando valores como paciência, resiliência e justiça. A história destaca a relação entre Lilette e seu irmão mais velho, que tenta pregar uma peça nela ao substituírem sua imagem por uma gravura assustadora. A narrativa sugere que a malícia e as brincadeiras de mau gosto podem se voltar contra quem as pratica, ilustrando a ideia de que a justiça sempre prevalece. A paciência e a boa conduta de Lilette são recompensadas, enquanto a provocação de seu irmão resulta em sua própria frustração e vergonha. O papel do pai como figura moral corretiva reforça a noção de autoridade e proteção familiar, garantindo que a integridade da filha seja preservada e que o filho aprenda uma lição sobre respeito e responsabilidade. Assim, a história reafirma valores tradicionais, promovendo a ideia de que o bem sempre triunfa sobre as pequenas maldades cotidianas.

QUADRO 1: Lilou ganhou uma câmera na Páscoa; Lilette não sabe como usá-la, e seu irmão não se priva de abusar de sua franqueza. _Eu pintarei seu retrato, ele disse a ela; mas, para que funcione bem, levará muito tempo.

QUADRO 2: Naturalmente, ele mostra a ela uma pose bem complicada, diz para ela sorrir e a deixa assim por uns bons dez minutos. Lilette suporta essa tortura estoicamente

QUADRO 3: _Funcionou, Lilou? ela pergunta quando ele sai do quarto escuro transformado em um laboratório. _Veremos isso em uma hora. Você tem que focar no papel.

QUADRO 4: E, falando sério, ele coloca o quadro de desenho no sol. Mas ele ri antecipadamente da decepção que Lilette terá, pois, na moldura, ele colocou uma gravura representando um diabo horrível. Lilett será capturada em breve!

QUADRO 5: De seu escritório, pela porta entreaberta, papai observava a cena. Ele aproveita um momento em que as crianças estão fora para substituir o diabo por uma linda fotografia de Lilette que ele tirou no dia anterior.

QUADRO 6: E quando, uma hora depois, abrimos a moldura, os papéis se invertem. Lilette fica encantada, enquanto seu irmão mais velho, provocador, permanece atordoado, envergonhado como uma raposa capturada por uma galinha. (Tradução com auxílio)⁴

⁴ QUADRO 1: Lilou a reçu à Pâques un appareil de photographie; Lilette en ignore le maniement, et son frère portrait, lui dit-il; mais, pour que ça réussisse bien, il faudra poser longtemps.

QUADRO 2: Naturellement, il lui indique une pose très compliquée, lui enjoint de sourire et la laisse ainsi dix bonnes minutes. Lilette supporte stoïquement ce supplice.

QUADRO 3: Est-ce réussi, Lilou? lui demande-t-elle quand il sort du cabinet noir transformé en laboratoire. - Nous verrons cela dans une heure. Il faut tirer sur papier.

QUADRO 4: Et, très grave, il installe au soleil le châssis de tirage. Mais il rit d'avance de la déception qu'aura Lilette, car, dans le châssis, il a placé une gravure représentant un affreux diable. Lilette sera bien attrapée, tout à l'heure!

QUADRO 5: De son bureau, par la porte entr'ouverte, papa a suivi la scène. Il profite d'un moment d'absence des enfants pour substituer au diable une jolie photographie de Lilette qu'il a faite la veille.

A revista *La Semaine de Suzette* refletia de forma evidente as diferenças de classe social. As meninas pertencentes aos grupos abastados eram representadas como figuras elegantes, bem-educadas e inseridas em uma infância cuidadosamente protegida. A formação delas incluía o aprendizado de habilidades refinadas, como bordado e piano, em consonância com seu futuro papel como esposas e mães, assegurando a manutenção do status social da família. Em contraste, as crianças das classes populares eram retratadas em funções subalternas, frequentemente como serviçais ou personagens cômicas. Essa diferenciação reforçava a ideia de que a estrutura social era natural e inquestionável, preparando as meninas da classe média e alta para perpetuar a hierarquia e a desigualdade entre as classes, tida como natural.

1.2. Bécassine e a normatização dos comportamentos femininos

Um dos marcos mais significativos da revista *La Semaine de Suzette* foi a introdução da personagem Bécassine na edição nº 78, em 28 de janeiro de 1905. Considerada a primeira heroína dos quadrinhos franceses. Criada por Jacqueline Rivière (roteiro) e Joseph Pinchon (ilustração), Bécassine era uma jovem camponesa bretã ingênua e bem-intencionada, cuja popularidade entre as leitoras refletia a diferenciação de classes presente na publicação, ao ser retratada como uma criada simples e desajeitada. A personagem, apesar de frequentemente protagonizar situações cômicas, era representada como leal e dedicada, o que contribuiu para seu sucesso entre o público (Couderc, 2005).

Outro ato de ousadia editorial, Bécassine contribuiu amplamente para o sucesso da revista - sua fama, aliás, ultrapassa amplamente a do próprio jornal que a lançou: de criação, ela se tornou a vitrine e permanece como testemunha do sucesso atemporal de *La Semaine de Suzette* (Cecillon-Chicaud, 2019, p.07).

QUADRO 6: Et quand, une heure après, on ouvre le châssis, les rôles sont intervertis. Lilette est enchantée, tandis que son grand taquin de frère reste stupéfait, “honteux comme un renard qu’une poule aurait pris”.

Figura 5: História "A precaução de Bécassine"



Fonte: La Semaine de Suzette, 20^a edição, 15 jun. 1911, p.01.

QUADRO 1: A Sra. de Grand-Air está instalada em Roses-sur-Loire há alguns dias com seus netos. Eles se entregam com ardor à jardinagem.
 QUADRO 2: E, naturalmente, sua amiga Bécassine os ajuda em seu trabalho, Ela dirige o plantio de tulipas de estufa, de uma espécie rara e delicada.
 QUADRO 3: No entanto, algumas noites ainda são frescas, e Bécassine está encarregada, nas noites em que o termômetro cai, de cobrir as flores. “Não se esqueça, Bécassine -Então não se preocupem, meus bons pequeninos.
 QUADRO 4: Pela manhã, os dois meninos entraram, muito agitados, no quarto de suas irmãs: “Vocês sabem, estava muito frio esta noite; havia geada branca. Desde que Bécassine tenha colocado os capachos!
 QUADRO 5: Bécassine, você cobriu as flores ontem? - Não, meus pequeninos. - Que desgraça! Elas vão morrer! - Oh! Com certeza não. Eu coloquei o termômetro na cozinha para evitar que ele abaixasse.
 QUADRO 6: Ele está em 19. E a senhora disse que só há perigo quando está perto de 0.
 QUADRO 7: Como, por felicidade, as flores estavam bem abrigadas, muito poucas delas foram danificadas. E Bécassine continua convencida da excelência de sua sábia precaução. (Tradução com auxílio)⁵

Visualmente, a figura 5 reforça valores como prudência, responsabilidade e zelo, especialmente no contexto doméstico e infantil. A representação de Bécassine, trajando avental e desempenhando um papel ativo, remete à figura tradicional da mulher como cuidadora. As cenas retratam crianças e situações do cotidiano, enfatizando a necessidade de proteção e educação por meio da vigilância e da precaução.

O diálogo apresenta uma narrativa cômica e moralizante centrada na personagem Bécassine, frequentemente retratada como ingênua e bem-intencionada. A história destaca a relevância da responsabilidade e da prudência, ao mesmo tempo que evidencia a ingenuidade

⁵ QUADRO 1: Mme de Grand-Air est depuis quelques jours installée à Roses-sur-Loire avec ses petits-enfants. Ceux-ci se livrent avec ardeur au jardinage.

QUADRO 2: Et, naturellement, leur amie Bécassine les aide dans leurs travaux. Elle dirige la plantation de tulipes de serre, d'une espèce rare et délicate.

QUADRO 3: Or, certaines nuits sont encore fraîches, et Bécassine est chargée, les soirs où le thermomètre baisse, de couvrir les fleurs. « N'oubliez pas, Bécassine _
 N'ayez donc pas peur, mes bons petits.»

QUADRO 4: Un matin, les deux garçons entrent, fort agités, dans la chambre de leurs sœurs : « Vous savez, il a fait très froid cette nuit; il y a eu de la gelée blanche. Pourvu que Bécassine ait mis les paillasons !

QUADRO 5: « Bécassine, avais-tu couvert les fleurs hier? - Non, mes petits. — Quel malheur! Oh! c'est sûr que non. J'ai mis le thermomètre
 dans la cuisine pour l'empêcher de baisser. »

QUADRO 6: « Il est à 19. Et madame a dit qu'il n'y a de danger que quand il est près de 0. »

QUADRO 7: Comme, par bonheur, les fleurs étaient bien abritées, très peu d'elles ont été endommagées. Et Bécassine reste persuadée de l'excellence de sa sage précaution.

da protagonista, que interpreta de forma literal as instruções recebidas. Enquanto Bécassine acredita ter tomado uma precaução adequada ao proteger o termômetro dentro da residência, sua falta de compreensão dos princípios científicos a conduz a uma ação ineficaz. Contudo, o desfecho demonstra que seu equívoco não resultou em consequências severas, suavizando a lição por meio do humor. Embora representada de forma cômica e caricatural, Bécassine pavimentou o caminho para futuras protagonistas femininas na mídia infantojuvenil, conforme afirma Santos (2012, p.04)

A reação do público foi muito além do esperado pela redatora. A personagem agradou as leitoras... Choveram, literalmente, cartas e pedidos para que a simpática Bécassine voltasse, nos números seguintes da publicação. Isso foi feito, para grande gáudio das leitoras-mirins, que interagiam com a publicação, escreviam cartinhas, davam sugestões e incentivavam o prosseguimento da série. Pouco a pouco, Bécassine se transformou na principal atração de “La Semaine de Suzette”, que vinha a lume todas as quintas-feiras e era ansiosamente esperada por um público crescente, não só em Paris mas em muitas cidades da França e até do Exterior.

La Semaine de Suzette manteve uma estreita conexão com os valores católicos e conservadores, promovendo um ideal de feminilidade fundamentado no recato, na delicadeza e na habilidade para a vida doméstica. A moral cristã promovia virtudes como obediência, humildade e fé. A seguir temos a figura 6 com a imagem de capa com a temática de Natal, a ilustração principal, intitulada *Le Noel du Loup* traduzida como “O Natal do Lobo”, que retrata um pastorzinho ajoelhado diante de uma figura angelical, em um cenário campestre. A história sugere uma mensagem de fé e redenção, alinhada à tradição católica da época. O lobo mencionado no título pode simbolizar um perigo transformado pelo espírito natalino.

Figura 6: Edição de Natal do ano de 1907



Fonte: La Semaine de Suzette, 47ª edição, 26 dez. 1907, p.01.

O Natal do Lobo

Na noite em que Jesus nasceu, houve grande alegria na terra, e até os animais selvagens perderam sua ferocidade. Havia perto de Betleão um pequeno pastor que, enquanto vigiava seu rebanho, olhava para as estrelas. E uma delas brilhava com tanto brilho que ele não conseguia tirar os olhos dele. Ela cresceu, cresceu e se transformou em um anjo, vestido de branco e vestido de luz. “Jesus nasceu” disse o anjo. “Siga-me e venha adorá-lo”. “Eu gostaria” disse a criança “mas, não tendo um cachorro, quem cuidará das minhas ovelhas? Quem os impedirá de se perderem? Quem vai defendê-los do lobo malvado que espreita por aqui?” “Deus o proverá” disse o anjo “Confie e siga-me”. Então os dois foram para o Presépio, o pastor dando a mão ao anjo e carregando um cordeiro que ele queria oferecer ao pequeno Jesus. E quando ele voltou, o lobo estava lá, não feroz e terrível, mas cuidando das ovelhas como o cão mais fiel teria feito. (De acordo com um velho Natal de Bourgogne). (Tradução com auxílio)⁶

Importante destacar que, *La Semaine de Suzette* destacou-se por sua relevância e ousadia editorial, abordando temas que permitiam às jovens visualizar um papel mais ativo na sociedade em transformação, mesmo que em âmbito doméstico. No entanto, ao longo dos anos, a publicação tornou-se resistente à inovação, mantendo-se fiel a um modelo editorial que, apesar do sucesso inicial, não acompanhou as mudanças culturais e sociais de sua época. A incapacidade da revista de adaptar-se às novas demandas de suas leitoras levou à sua gradual perda de relevância. Enquanto a sociedade evoluía e as mulheres conquistavam novos espaços, o periódico permaneceu preso a ideais ultrapassados, distanciando-se de sua audiência. A falta de renovação em seu conteúdo e abordagem resultou em um declínio

⁶ LE NOEL DU LOUP

La nuit où naquit Jésus, ce fut grande allegresse sur la terre, et même les animaux sauvages perdirent leur férocité.

Il y avait près de Béthléem un petit pâtre qui, tandis qu'il veillait son troupeau, regardait les étoiles.

Et l'une d'elles brillait d'un tel éclat qu'il ne pouvait en détacher les yeux. Elle grandit, grandit et se changea en ange, vêtu de blanc et comme habillé de lumière.

Jésus est né, dit l'ange. Suis-moi et viens l'adorer.

Je le voudrais, dit l'enfant; mais, n'ayant pas de chien, qui veillera mes moutons? Qui les empêchera de se perdre? Qui les défendra du méchant loup qui rôde par ici?

Dieu y pourvoira, dit l'ange. Aie confiance el suis-moi.

Alors ils s'en furent tous deux vers la

Crèche, le pâtre donnant la main à l'ange et portant un agneau qu'il voulait offrir au petit Jesus.

Et quand il revint, le loup était là, non pas féroce et terrible, mais gardant les moutons comme eut fait le chien le plus fidèle.

(D'après un vieux Noël de Bourgogne.)

inevitável, culminando no encerramento da publicação. Seu fim exemplifica os desafios enfrentados por veículos editoriais que não conseguem inovar diante de transformações sociais significativas (Cecillon-Chicaud, 2019).

CAPÍTULO 2: A REVISTA *O TICO-TICO*

2.1 Imprensa infantil, educação e civismo em *O Tico-Tico*

A revista *O Tico-Tico* foi a primeira publicação em quadrinhos do Brasil, lançada em 11 de outubro de 1905 pelo editor Luís Bartolomeu de Souza e Silva⁷ e publicada pela empresa O Malho⁸, tornando-se o primeiro grande periódico infantil brasileiro, inaugurando um modelo editorial que articulava leitura, entretenimento e formação moral no início da República. Circulando de 1905 à 1962, consolidou-se como referência para gerações de leitores, não apenas pela longevidade, mas pelo impacto cultural de seus personagens, quadrinhos e seções educativas, as histórias e imagens publicadas na revista desempenharam papel formativo no imaginário infantil urbano, tornando-se parte constitutiva da cultura impressa republicana (Gonçalves, 2019).

No Brasil, o início do século XX também foi marcado por transformações políticas, sociais e culturais associadas ao processo de modernização das cidades e à consolidação do regime republicano. Nesse período, intensificaram-se reformas urbanas, avanços nos meios de comunicação e a ampliação das práticas culturais nas grandes capitais, especialmente no Rio de Janeiro, então capital federal. Segundo Pinheiro e Rodrigues (2012), essas transformações foram frequentemente associadas à ideia de uma Belle Époque tropical, marcada pela busca de modernização urbana, pela valorização de novos hábitos culturais e pela difusão de modelos europeus de sociabilidade e civilidade. Nesse contexto de expansão

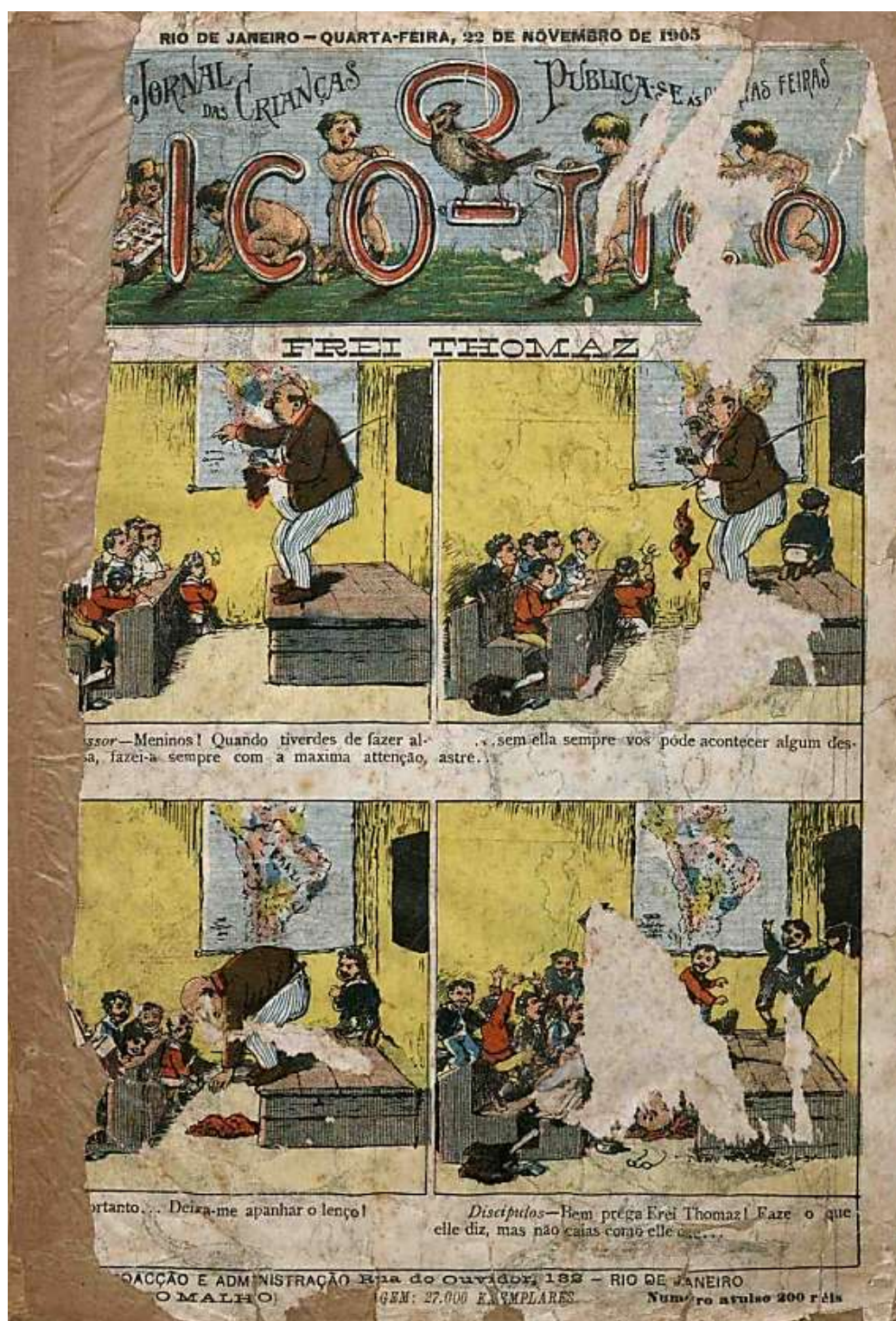
⁷ Luís Bartolomeu de Souza e Silva atuou na imprensa do Rio de Janeiro, trabalhando em jornais como “O País” e dirigindo “O Malho”, Ilustração Brasileira e O Tempo. Em 1905, lançou a revista *O Tico-Tico*, primeira publicação brasileira de quadrinhos voltada ao público infantojuvenil, e no ano seguinte criou o Almanaque do *Tico-Tico*. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SILVA,%20Bartolomeu%20Souza%20e.pdf>. Acesso em 10 jun. 2025.

⁸ A revista “O Malho” teve sua edição inaugural em 20 de setembro de 1902, sob a fundação de Luís Bartolomeu de Souza e Silva. Contava, em seu corpo de ilustradores, com nomes consagrados como J. Carlos, Angelo Agostini, Lobão, Crispim do Amaral, Guimarães Passos, L. Peixoto, Leonidas Freitas e Nássara, além de incorporar jovens promissores, como Raul, Kalixto, Storni, entre outros. Em 1930, posicionou-se de forma crítica à Aliança Liberal liderada por Getúlio Vargas. Com a vitória da Revolução de 1930, a redação da revista foi alvo de repressão: teve sua sede incendiada, seus exemplares impedidos de circular temporariamente e suas atividades momentaneamente interrompidas. A publicação sobreviveu como revista de cunho noticioso e literário no período de 1935 a 1954, ano em que foi lançado seu último número. Disponível em: <http://omalho.casaruibarbosa.gov.br/>. Acesso em: 12 mar. 2025.

da vida urbana e da cultura impressa, consolidou-se também um mercado editorial voltado ao público infantil, no qual se insere a criação da revista *O Tico-Tico*, em 1905, considerada a primeira revista ilustrada brasileira destinada às crianças.

A partir da década de 1930, entretanto, o periódico começou a enfrentar forte concorrência devido à expansão de novos impressos modernos, como observa Campos (2025, p.01) ao afirmar que “o periódico passou a sofrer alta concorrência a partir da década de 1930, mediante a diversificação dos impressos destinados a este segmento”, o que contribuiu para sua gradual perda de espaço no mercado editorial. Ainda assim, sua relevância histórica permanece indiscutível: *O Tico-Tico* constitui uma das mais emblemáticas experiências da imprensa infantil brasileira, articulando projeto pedagógico, construção identitária e cultura visual. Voltada para o público infantil, a revista apresentava histórias ilustradas, passatempos e textos educativos, com um forte caráter moralizante e pedagógico, visando ensinar bons costumes às crianças brasileiras por meio do entretenimento. Além disso, destacou-se como a primeira revista a trazer regularmente histórias em quadrinhos em um período em que essa linguagem gráfica sequencial ainda estava em seus estágios iniciais, enfrentando diversas críticas e questionamentos sobre seus méritos educacionais (Vergueiro; Santos, 2007; Gonçalves, 2019).

Figura 7: Capa da primeira edição da revista *O Tico-Tico* encontrada na Hemeroteca digital



Fonte: Campos e Guillier (2024, p.16).

Na figura 7, a história apresentada, intitulada *Frei Thomaz*, é estruturada em quatro quadros e utiliza o humor para transmitir uma mensagem moral. No primeiro quadro, o personagem principal, um professor, aconselha os alunos sobre a necessidade de atenção ao realizar tarefas, alertando sobre possíveis acidentes. No entanto, a ironia da narrativa se revela quando, nos quadros seguintes, ele próprio se distrai e acaba caindo, gerando uma situação cômica (Campos e Guillier, 2024).

Uma característica marcante dessa revista foi seu caráter educacional, que se estabeleceu como uma ferramenta significativa no processo de formação intelectual das crianças, alinhada aos valores dos grupos letrados da nação, dentre os quais se destacam valores morais e cívicos. A publicação acompanhava um contexto histórico em que havia uma preocupação crescente com o desenvolvimento intelectual infantil, promovendo valores na formação de indivíduos íntegros, tementes a Deus e obedientes aos preceitos morais. Conforme informado por Vergueiro e Santos (2007, p. 31):

A revista O Tico-Tico elegeu como seu público preferencial a criança de classe média, oriunda de uma família solidamente constituída, temente a Deus, respeitadora dos valores pátrios, matriculada em instituições educacionais formais, com uma inteligência superior à média e submissa aos preceitos morais predominantes na sociedade brasileira; ela assentou suas energias nos filhos da classe média urbana, pautando-se pelos interesses, desejos e gostos desse segmento social, dessa forma reforçando em suas páginas os modelos aceitáveis de comportamento que podiam colaborar para a permanência do padrão social vigente.

É relevante destacar que a revista cumpriu com eficiência seu propósito de proporcionar entretenimento e lazer às crianças. No entanto, esse objetivo não era desprovido de intencionalidade, pois a publicação também buscava moldar um perfil específico de cidadão, promovendo um padrão de comportamento alinhado à visão de sociedade idealizada por seus editores e pelas classes sociais que representavam. No dizer de Zita de Paula Rosa (2002, p.15):

[...] o aparecimento de O TICO TICO representou um recurso muito forte, orientado para a valorização das exigências do processo de realização de um determinado tipo de indivíduo e de um determinado padrão de organização da vida social futura. Na perspectiva dos responsáveis pela revista foi sendo idealizado o papel que ela assumiria no cotidiano da realidade brasileira: de distrair, de recrear e de, ao mesmo tempo, formar o cidadão íntegro e saudável.

A partir de meados do século XIX, a valorização crescente da cultura impressa conferiu aos periódicos um papel relevante na formação dos leitores no Brasil. Enquanto os livros eram predominantes consumidos entre os grupos letrados, jornais e revistas ganharam espaço junto a diferentes segmentos da população ao apresentarem conteúdos variados e de fácil leitura, favorecendo um consumo mais amplo e ágil da informação. Mesmo diante dos elevados índices de analfabetismo, a difusão da palavra impressa se intensificou, e muitos desses veículos passaram a atuar como instrumentos de auxílio no processo de leitura e alfabetização. Ainda que não substituíssem a escolarização formal, essas publicações contribuíam de forma significativa, embora informal, para o processo educativo da sociedade. Como afirma Gonçalves (2019, p.198):

Ainda em meados do século XIX, com a crescente valorização da cultura impressa, os periódicos passaram a desempenhar um papel significativo na formação dos leitores brasileiros. Enquanto os livros conquistavam um espaço privilegiado nos círculos letrados, jornais e revistas atraíam a atenção de diferentes camadas sociais ao oferecerem narrativas diversificadas e mais concisas, possibilitando uma leitura extensiva, na qual o leitor acessava um volume maior de informações em menor tempo. Apesar dos altos índices de analfabetismo, a popularização da palavra impressa se expandiu, e diversos veículos passaram a exercer uma função alfabetizadora. Embora não substituíssem o ensino formal, essas publicações cumpriam, ainda que de maneira informal, um papel relevante no processo educacional da sociedade.

Os impressos desempenharam papel estruturante na ampliação da cultura escrita e na diminuição das taxas de analfabetismo no Brasil entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Ao circularem massivamente, tornaram-se instrumentos de difusão de modelos de leitura, de escolarização e de práticas morais associadas ao projeto de modernização republicana. No caso de *O Tico-Tico*, por exemplo, pesquisadores demonstram que o periódico funcionou como um vetor expressivo na consolidação da valorização da escola e dos saberes escolarizados, aproximando crianças do universo da leitura por meio de narrativas, imagens e exercícios que dialogavam diretamente com o currículo escolar (Campos, 2025). Ao expandirem o acesso a textos, imagens, concursos e seções didáticas, os impressos atuaram como mediadores entre escola, família e sociedade, contribuindo decisivamente para ampliar o hábito de leitura e para reduzir, ainda que de forma desigual, o analfabetismo no país, que era uma das preocupações, visto os altos índices no país, como afirma Gil (2022, p. 4-5):

Ampliar a quantidade de pessoas que soubessem ler e escrever estava entre as preocupações das elites brasileiras desde o início do século XIX. Os debates sobre o tema ressaltavam que o conhecimento elementar de leitura e escrita era essencial no processo de civilização do povo brasileiro, buscando seguir os moldes estabelecidos pelos países europeus. [...] Em 1920, a taxa de pessoas não alfabetizadas na população de cinco anos e mais era de 71,20%, o que correspondia a um total de 18.549.085 indivíduos. [...] Em 1940, data do primeiro censo organizado pelo IBGE e passada uma década desde o início do Governo Vargas, [...] a população não alfabetizada de cinco anos e mais era de 61,20% e, no grupo de dez anos e mais, o índice correspondia a 56,70%.

Conforme apontam Vergueiro e Santos (2007), a revista exerceu um papel de destaque na sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX, com o propósito declarado de influenciar a formação intelectual das crianças do país. Seus idealizadores defendiam a criação de um periódico que colaborasse com a futura inserção da infância no mundo do trabalho, moldando cidadãos ativos e comprometidos com a valorização da atividade laboral. A visão de infância expressa na revista baseava-se na noção de ingenuidade, em que meninos e meninas deveriam ser guiados pela experiência e autoridade dos adultos (Gonçalves, 2019). Tal perspectiva reforçava o tradicional paternalismo da cultura brasileira, perceptível não apenas nas relações familiares, mas também na forma como o Estado se relacionava com as classes populares, tratadas como grupos que necessitavam de tutela, orientação e controle por parte das elites políticas e intelectuais. De acordo com Campos (2025) a grande circulação da revista, aliada ao seu engajamento com causas sociopolíticas da época, consolidou-a como uma das principais difusoras de projetos educacionais no país.

2.2. Personagens e seções como dispositivos de educação moral na infância

Em seus primeiros anos, a revista recorreu à adaptação de quadrinhos estrangeiros, com destaque para produções francesas, cuja circulação já despertava amplo interesse entre o público infantil. Como aponta Silva e Bertolotti (2008), essas narrativas visuais exerciam ampla receptividade junto a crianças e jovens ao articular imagens e histórias seriadas de maneira acessível e envolvente, favorecendo a consolidação dos quadrinhos como prática cultural de leitura. Nesse contexto, destaca-se a presença da personagem *Bécassine*, originalmente publicada em *Les Aventures de Bécassine* e traduzida no Brasil como *Os*

Contos de uma Criada. Paralelamente, a revista passou a valorizar personagens nacionais emblemáticos, como *Chiquinho*, considerado um dos primeiros protagonistas dos quadrinhos brasileiros. Ao exercer significativa influência na formação cultural das crianças de seu tempo, o periódico manteve-se em circulação por mais de meio século, consolidando-se como um marco na história da imprensa infantil no Brasil.

[...] as Histórias em Quadrinhos tipicamente brasileiras apareceram no país com o lançamento de *O Tico-Tico*, em 1905, que por ter um linguajar de fácil compreensão, transmitia histórias cômicas, de fundo moral e também fantasiosas, fazendo muito sucesso entre os leitores, por mais de anos (Silva; Bertoletti, 2008, p. 14).

Chiquinho, aliás, foi um dos personagens mais icônicos da revista *O Tico-Tico* e é amplamente reconhecido como o primeiro personagem original dos quadrinhos brasileiros. Criado pelo desenhista e ilustrador Luiz Sá, *Chiquinho* fez sua estreia na publicação em 1905 e, ao longo das décadas, consolidou-se como um dos protagonistas mais populares da revista (Cardoso, 2013). Além de ser um dos primeiros personagens fixos das histórias em quadrinhos nacionais, *Chiquinho* desempenhou um papel fundamental na consolidação desse gênero no Brasil, contribuindo significativamente para sua popularização. Robinson (2023, p.86) afirma que:

Chiquinho é, sem dúvida, o personagem mais icônico d'O Tico-tico. Presente na memória de todos que consumiram regularmente a revista, o menino levado e espirituoso é, até hoje, um dos mais emblemáticos símbolos da publicação. O personagem é apresentado ao público na edição de número um e sua tirinha, “As aventuras de *Chiquinho*”, é mantida até a edição número 2076 que marca o fim das edições com histórias em quadrinhos.

Figura 8: História “As desventuras do Chiquinho”



Fonte: *O Tico-Tico*, 34ª edição, 30 mai. 1906, p.15.

QUADRO 1: Mamãe. -Veja lá, hein, Chiquinho. Tenha modos.

Chiquinho.—Sim, senhora. Mas o Jagunço não pode ir passear também?

Papae.—Não. Vamos a ver se você sósinho tem mais juízo.

QUADRO 2: Entraram num bonde de bagagem, porque o outro estava demorando muito. Chiquinho trepou logo num banco e começou a tocar a campainha. O conductor protestou, gritando como um damnado.

QUADRO 3: E' que Chiquinho puxara a correia da campainha dos novos relógios que marcam o número dos passageiros. Papae não disse nada para não fazer feio, mas teve de pagar dous mil réis, porque o Chiquinho tocara a campainha vinte vezes.

QUADRO 4: Chiquinho.- Ora ahi está! Nas outras vezes dizem que por causa do Jagunço. Hoje elle não foi e eu apanhei uma sova mestra.

A figura 8 apresenta a história intitulada "As Desventuras do Chiquinho - Um Passeio de Bonde". A estrutura narrativa segue um formato sequencial, dividida em quatro quadros que ilustram um episódio cômico no qual Chiquinho, acompanhado de sua mãe e seu pai, puxa a cordinha de parada do bonde repetidas vezes. O humor da trama fundamenta-se na travessura infantil e na reação imediata dos passageiros e do condutor diante da situação inesperada. Nesse contexto, Chiquinho representa a infância travessa, mas inserida em um ambiente que busca orientá-la dentro de normas sociais.

O cenário retratado na narrativa reflete elementos do cotidiano urbano do início do século XX, destacando a importância do bonde como meio de transporte público, amplamente utilizado no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro. A presença desse elemento na história não apenas reflete a realidade da época, mas também atua como um recurso educativo para introduzir conceitos de comportamento adequado em espaços públicos. Além disso, a vestimenta dos personagens fornece indícios sobre os aspectos culturais e sociais do período. A mãe de Chiquinho e os demais adultos são representados com trajes formais, incluindo chapéus e vestimentas elegantes. Esse detalhe evidencia a preocupação da revista em reforçar ideais de civilidade e etiqueta, valores frequentemente promovidos nos periódicos infantis como parte da educação moral das crianças. Dessa forma, a narrativa sugere implicitamente a importância da disciplina e do respeito às regras em espaços coletivos, reforçando os valores predominantes.

As histórias publicadas na revista frequentemente apresentavam personagens que enfrentavam consequências por comportamentos inadequados, transmitindo lições sobre

honestidade, esforço e responsabilidade. Além disso, a publicação refletia uma forte influência religiosa e patriótica, promovendo narrativas que exaltavam valores como a família, o dever e o amor à pátria (Hansen, 2007). O uso do humor e das ilustrações contribuía para tornar essas lições mais acessíveis e envolventes para o público infantil, enquanto atividades e passatempos reforçavam o aprendizado de maneira lúdica. Dessa forma, *O Tico-Tico* desempenhou um papel significativo na formação moral de gerações de leitores, alinhando-se aos ideais educacionais predominantes na época. Sobre as crianças leitoras, Gonçalves (2019, p.41) afirma:

A criança era vista como adultos em miniatura e para ela se estabelecia um lugar essencial nos destinos do país. Como futuros cidadãos da pátria, caberia a elas encaminhar o país ao progresso. Assim como a criança, o Brasil seria um país ainda em infância, mas que guardava grandes potencialidades no futuro. O percurso formativo tanto da criança como do país seria essencial para a realização positiva desse futuro idealizado. Cuidar da formação da infância a partir das páginas d'O Tico-lico foi, portanto, um dos objetivos da publicação.

Como podemos observar no excerto da figura 9 (abaixo), texto e ilustração reforçam um discurso nacionalista e cívico característico do período republicano, promovendo a valorização dos símbolos nacionais, como a bandeira do Brasil e as datas comemorativas associadas à construção da República. No desenvolvimento da narrativa, o autor ressalta novembro como um mês de festividades patrióticas, mencionando o aniversário da Proclamação da República (15 de novembro) e a Festa da Bandeira (19 de novembro). Essa estrutura demonstra como as comemorações cívicas eram utilizadas como instrumentos de formação da identidade nacional, principalmente entre o público infantil, tal qual demonstraram as revistas ilustradas da época. Como destaca Gonçalves (2019, p.4-5):

Essa pedagogia da nacionalidade encontrada na revista também seguia a lógica de ensinar brincando, muito difundida à época, em que se discutia a importância de levar aos leitores infantojuvenis novas experiências de aprendizagem. Ainda que a revista se mostrasse portadora de um projeto formador, as lições que se apresentavam em suas páginas deveriam ser leves e acessíveis, facilitando a leitura e aquisição de conhecimentos morais, cívicos, históricos e científicos. O uso de imagens, jogos e o incentivo à participação dos próprios leitores na publicação eram formas não ortodoxas de educar as crianças e jovens nas coisas do Brasil e no conhecimento universal adquirido.

Figura 9: Coluna “As Lições do Vovô”.

As lições de vovô



Meus netinhos:
Já sei que vocês têm se divertido muito.
Novembro é um mez alegre e cheio de festas patrióticas. Tivemos em primeiro logar o vigesimo anniversario da proclamação da Republica a 15 de Novembro, depois a festa da Bandeira.

D'isso é que eu quero a fallar vocês. Os meninos de hoje são felizes; encontram nossa terra já organizada e em caminho do melhor progresso, isto é, do progresso que a engrandece não só materialmente como moral e intellectualmente.

Eu lembro-me ainda do tempo em que no Brazil só os militares rendiam homenagem á bandeira nacional, como se o patriotismo fosse privilegio das forças armadas.

Depois, foi um grupo de jornalistas, de que me orgulho de ter feito parte, um grupo em que se contavam homens de valor como Olavo Bilac, Coelho Netto, Arthur Azevedo e Pedro Rabello, que começou a explicar ao povo que se devia cercar a bandeira de todo o respeito, porque ella é o symbolo da nossa patria, o emblema da nacionalidade brasileira.

Ultimamente, o governo poz-se á frente d'esse movimento muito louvavel, declarando que seria de festa o dia 19 de Novembro, dia em que se decretou definitivamente a nossa bandeira.

Então, nesse dia ha festas á qual são especialmente convidadas as creanças, porque a ellas é que se deve educar com mais cuidado no amor da patria para garantir ao nosso Brazil querido e glorioso o mais bello futuro.

Vovô

Fonte: *O Tico-Tico*, 216ª edição, 24 nov. 1909, p.03.

A referência a escritores renomados, como Olavo Bilac, Coelho Neto, Arthur Azevedo e Pedro Rabelo, reforça a relação entre patriotismo e cultura, evidenciando o papel da literatura e da educação na construção da nacionalidade. A narrativa sugere um papel ativo da infância na construção do futuro da nação, enfatizando a necessidade de preparar as crianças para garantir um Brasil "glorioso". Dessa forma, a coluna "As lições de vovô" exemplifica o esforço da revista em difundir o civismo e o patriotismo por meio da imprensa infantil, utilizando a ilustração e o texto como instrumentos para consolidar os símbolos nacionais e as festividades republicanas na formação identitária das crianças.

Seu conteúdo era estruturado de maneira distinta para meninos e meninas, refletindo os valores da época. Como vimos, buscava-se reforçar os princípios da moral burguesa, preparando os meninos para o mundo do trabalho, enquanto as meninas eram educadas para se tornarem donas de casa exemplares. Essa concepção associava o feminino à fragilidade e submissão, apesar da contradição inerente ao fato de que cabia às mulheres a responsabilidade de educar e formar moralmente os futuros homens. Embora a ênfase na instrução moral masculina predominasse nos primeiros anos da revista, a necessidade de cumprir seu propósito educativo também exigia atenção à formação das meninas, garantindo que sua educação estivesse alinhada ao ideal de mulher defendido pela sociedade da época (Gonçalves, 2019).

Figura 10: Bonecas de papel para as meninas brincarem



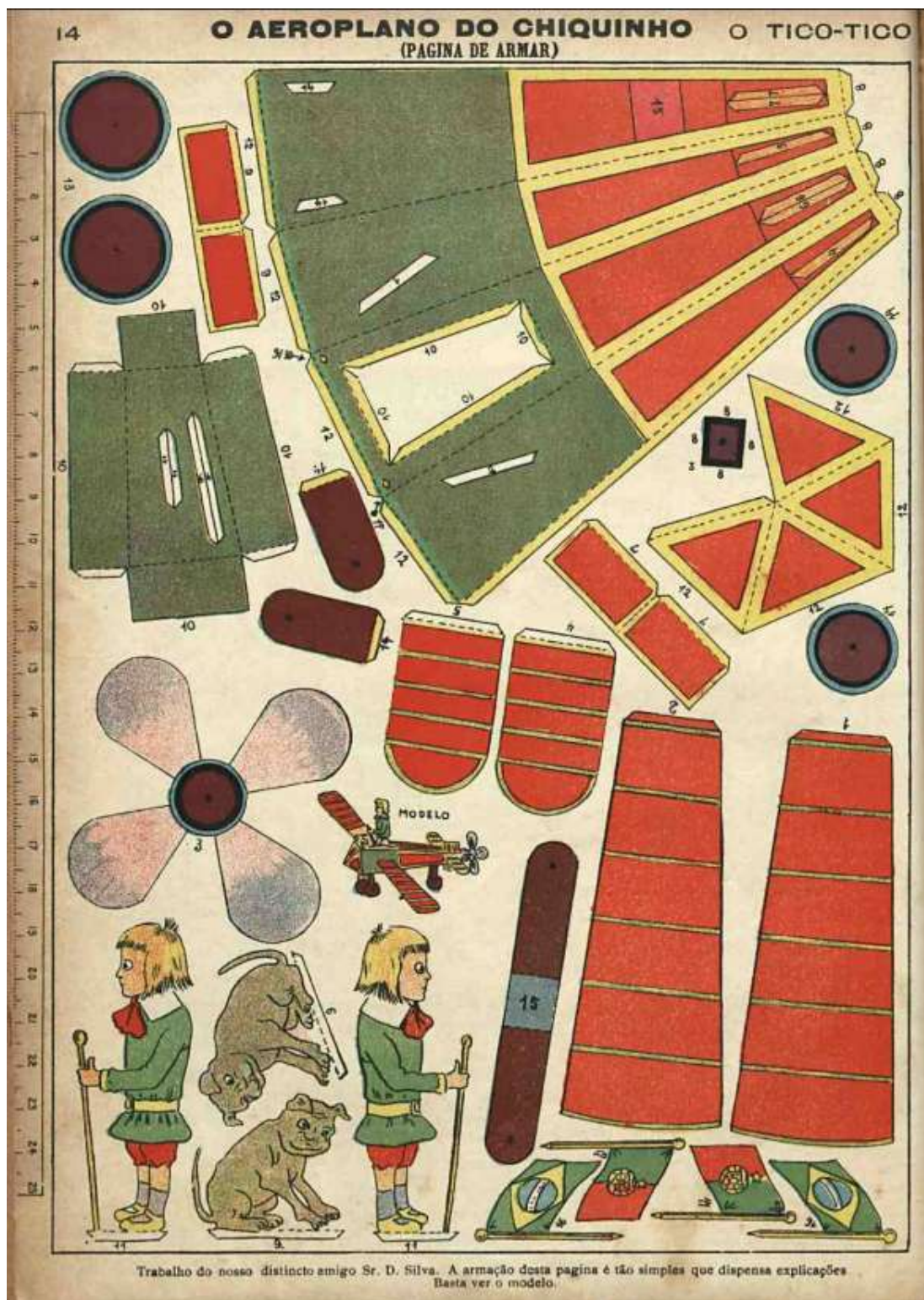
Fonte: *O Tico-Tico*, 1044ª edição, 07 out. 1925, p.12.

Na figura 10, a ilustração apresenta trajes que seguem a estética da moda infantil do período, caracterizados por vestidos soltos, meias na altura dos joelhos e sapatos fechados, além de acessórios como chapéus. A presença de ornamentos florais e tecidos bordados evidencia uma preocupação com a feminilidade, reforçando os valores sociais tradicionalmente atribuídos às meninas ricas nesse contexto histórico. Essas ilustrações proporcionavam às crianças a oportunidade de interagir de forma criativa com o papel, permitindo que recortassem e vestissem a ilustração com diferentes roupas, estimulando, assim, a imaginação e o desenvolvimento da coordenação motora.

Além do caráter lúdico, essa atividade também refletia as normas de gênero compartilhadas, na medida em que as meninas eram incentivadas, desde cedo, a se interessar pelo vestuário, pela moda e pelos cuidados domésticos. Ademais, a brincadeira com bonecas possuía um viés educativo, pois as variações de vestimentas serviam como uma introdução informal ao aprendizado sobre tecidos, costura e moda, áreas frequentemente ensinadas às meninas tanto nas escolas quanto nos lares. Dessa forma, esse tipo de publicação reforçava a divisão social de tarefas entre homens e mulheres desde a infância, contribuindo para a consolidação dos papéis de gênero na sociedade.

Embora retirasse do ambiente familiar o protagonismo na formação das meninas, os conteúdos escolares ainda tinham como objetivo reforçar a conexão entre a mulher e o espaço doméstico. As histórias publicadas em *O Tico-Tico* destacavam a importância de as meninas receberem ensinamentos sobre as tarefas do lar, como forma de prevenir equívocos na vida adulta. Esse processo educativo não pode ser compreendido de forma neutra ou desinteressada, já que, como aponta Louro (1997, p.16), “as características dessas ocupações, bem como a ocultação do rotineiro trabalho doméstico, passavam agora a ser observadas”, evidenciando que muitas dessas funções femininas estavam vinculadas ao cuidado, à assistência e à educação, sendo representadas como secundárias ou de apoio. A autora também observa que “as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros” (Louro, 1997, p.20), o que permite compreender como a escola, longe de ser neutra, participou da reprodução de uma lógica que reafirmava o papel da mulher na esfera privada e doméstica.

Figura 11: Molde de aeromodelo para os meninos construírem



Fonte: *O Tico-Tico*, 300ª edição, 05 jul. 1911, p.14.

A página intitulada "O Aeroplano do Chiquinho", na figura 15, apresenta um modelo para recorte e montagem de um avião de papel, a composição da página inclui peças coloridas e numeradas para facilitar o recorte e a montagem do modelo, além da presença de ilustrações de soldados e cães, que podem sugerir uma conexão com temáticas militares ou com a promoção de valores como disciplina e ordem. A escolha desse brinquedo evidencia a valorização de temas tradicionalmente associados ao universo masculino, como engenharia, inovação e aventura. A presença de um aeroplano como atividade infantil também demonstra o fascínio da época pelo desenvolvimento tecnológico e sua influência na cultura popular.

CAPÍTULO 3: PROPOSTAS EDITORIAIS, ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E IMPACTOS SOCIOCULTURAIS NA IMPRENSA INFANTIL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

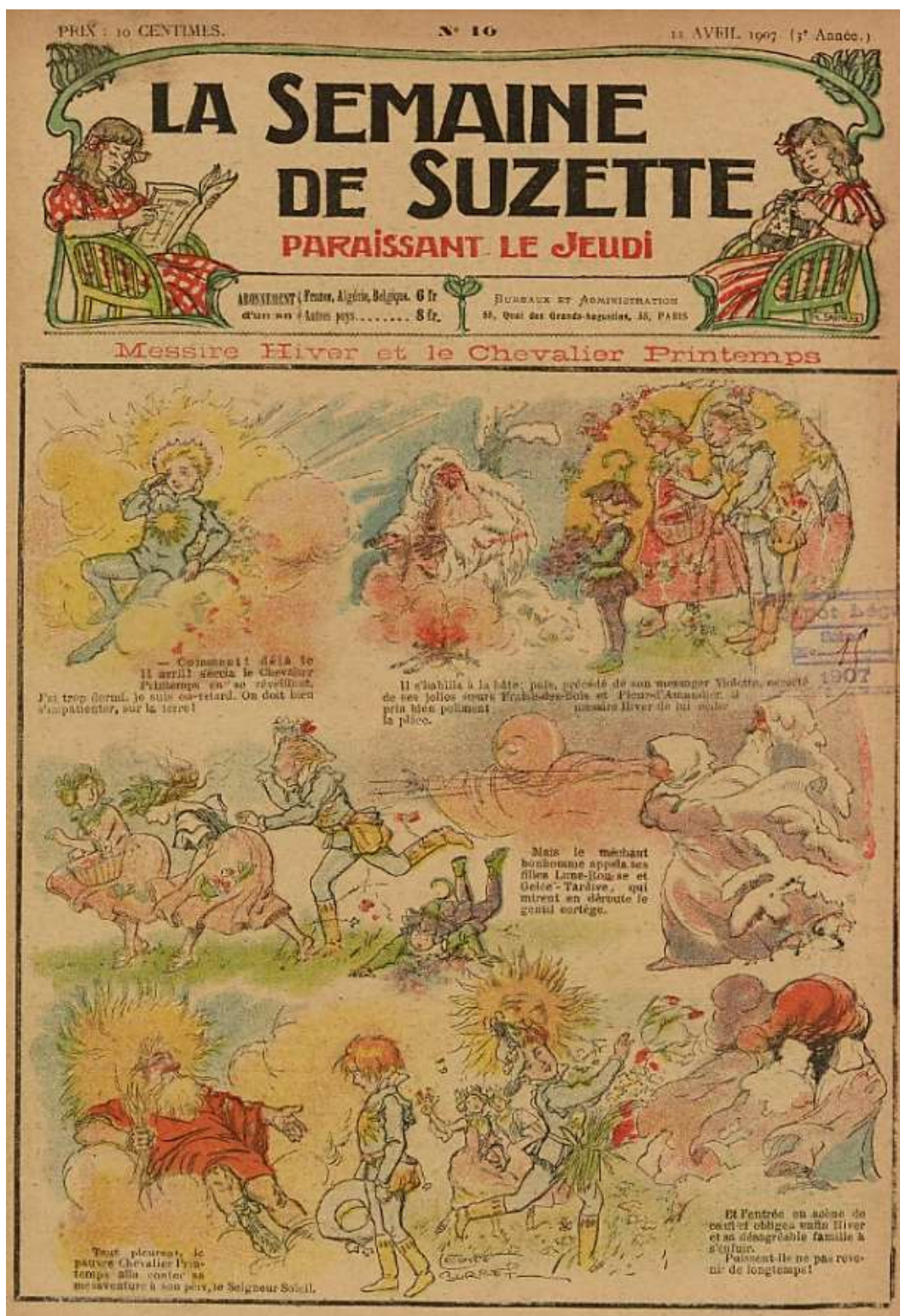
3.1. Formas de diálogo com o público infantil: propostas e estratégias editoriais

O objetivo desta seção é apresentar uma análise comparativa inicial empreendida entre as revistas *La Semaine de Suzette* (França) e *O Tico-Tico* (Brasil), investigando suas propostas editoriais, conteúdos e impactos socioculturais. Busca-se compreender como essas publicações dialogavam com o público infantil da época, explorando elementos como ilustrações, narrativas, valores e estratégias pedagógicas. Além disso, pretende-se examinar as influências culturais e históricas que moldaram cada revista, destacando semelhanças e diferenças em suas abordagens. A comparação permitirá identificar o papel dessas revistas na formação de leitores e na difusão de modelos educacionais, contribuindo para os estudos sobre literatura infantil e imprensa infantojuvenil no campo da História da Educação.

A emergência de revistas infantis como *La Semaine de Suzette* e *O Tico-Tico* relaciona-se à consolidação de valores associados à sociedade burguesa no início do século XX, embora esse processo tenha ocorrido de formas distintas na França e no Brasil. No contexto francês do início do século XX, a emergência de periódicos infantis esteve relacionada à consolidação de uma cultura burguesa urbana e à expansão da imprensa ilustrada destinada ao público juvenil. Conforme destaca Guillier (2021), o crescimento da alfabetização e da escolarização no final do século XIX contribuiu para a ampliação do mercado editorial voltado à infância, favorecendo o surgimento de revistas direcionadas a públicos específicos, como os periódicos destinados às meninas. Nesse cenário, *La Semaine de Suzette*, ocupou um espaço ainda pouco explorado no mercado editorial ao propor um jornal ilustrado voltado às jovens leitoras de famílias de boa posição social, com forte orientação moral e religiosa. A revista articulava narrativas, ilustrações e rubricas educativas que buscavam formar hábitos de leitura, transmitir valores morais e reforçar modelos de feminilidade associados à domesticidade e à educação católica, dialogando diretamente com o imaginário social da França da Belle Époque (Guillier, 2021; Couderc, 2005).

No Brasil, a criação de *O Tico-Tico*, também em 1905, insere-se em um contexto marcado pelas transformações sociais e culturais da Primeira República e pela expansão da imprensa ilustrada nas grandes cidades, especialmente no Rio de Janeiro. Como observa Campos (2012), a imprensa periódica desempenhou papel relevante na difusão de valores associados à modernidade urbana, contribuindo para a circulação de novos hábitos culturais e educativos entre as elites e setores médios urbanos. Nesse cenário, revistas ilustradas destinadas ao público infantil passaram a ocupar lugar significativo na formação de leitores e na disseminação de representações sobre a infância, a educação e os papéis sociais. *O Tico-Tico* destacou-se como uma das primeiras revistas brasileiras destinadas ao público infantil, combinando entretenimento, narrativas ilustradas e conteúdos educativos que refletiam tanto a influência de modelos editoriais europeus quanto as particularidades do contexto social e cultural brasileiro da Primeira República (Campos, 2025).

Figura 12: Capa com a história “Lorde Inverno e Cavaleiro Primavera”.



Fonte: *La Semaine de Suzette*, 10^a edição, 11 abr 1907.

QUADRO 1: Como faço isso? Já estamos em 11 de abril! Exclamou o Cavaleiro Primavera ao acordar. Dormi demais, estou atrasado. Devem estar ficando impacientes na terra!

QUADRO 2: Ele se vestiu às pressas: então, precedido por sua mensageira Violette, escolta De suas lindas irmãs Fraise-des-Bois e Fleur-d'Amandier, ele pediu educadamente que o Sr. Inverno o substituísse.

QUADRO 3: Mas o vilão Bonhomme chamou suas filhas Lune-Rouse e Gelée - Tardive, para que derrotassem a gentil procissão.

QUADRO 4: Chorando, o pobre Cavaleiro da Primavera foi contar sua desventura ao seu pai, o Senhor Sol.

QUADRO 5: E a entrada deste último em cena finalmente forçou o inverno e sua desagradável família a fugir. Que eles não retornem por muito tempo! (Tradução com auxílio)⁹

⁹ QUADRO 1: - Comment! déjà lê 11 avril! s'écria le Chevalier Prinlemps en se réveillant. J'ai trop dormi, je suis en retard. On doit bien s'umpatienter, sur la terre !

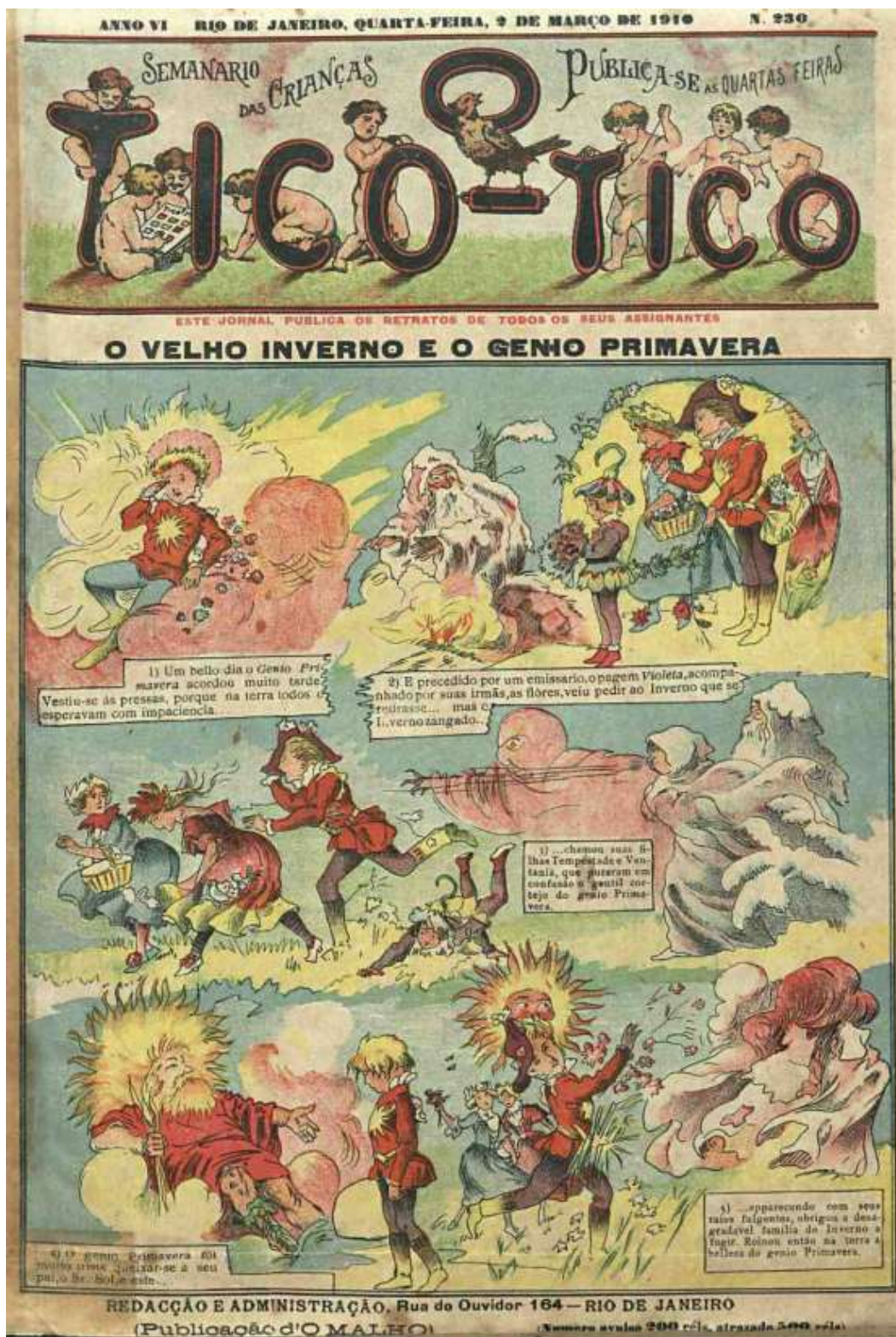
QUADRO 2: 11 shabilla à la hâte: puis, précédé de son messenger Violette, escorté de ses jolies sceurs Fraise-des-Bois et Fleur-d'Amandier,. Il pria bien poliment messire Hiver de lui céder la place.

QUADRO 3: Mais le méchant bonhomme appela ses filles Lune-Rouse et Gelée - Tardive, qui mirent en déroute le gentil cortège.

QUADRO 4: Tout pleurant, le pauvre Chevalier Printemps alla conter sa mésaventure à son père, le Seigneur Soleil.

QUADRO 5: Et l'entrée en scène de celui-ci obligea enfin Hiver et sa désagréable famille à s'enfuir. Puissent-ils ne pas revenir de longtemps!

Figura 13: Capa com a história “O Velho Inverno e o Genio Primavera”



Fonte: *O Tico-Tico*, 230ª edição, 02 mar. 1910.

QUADRO 1: Um bello dia, o Gênio Primavera acordou muito tarde. Vestiu-se às pressas, porque na terra todos o esperavam com impaciência...

QUADRO 2: E precedido por um emissário, o pajem Violeta, acompanhado por suas irmãs, as flores, veio pedir ao Inverno que se retirasse... mas o inverno zangado...

QUADRO 3: ... chamou suas filhas Tempestade e Ventania, que puseram em confusão o gentil cortejo do gênio Primavera.

QUADRO 4: O gênio Primavera foi muito triste, queixar-se a seu pai, o Sr. Sol, e este...

QUADRO 5: ...aparecendo com seus raios fulgentes, obrigou a desagradável família do Inverno a fugir. Reinou então na Terra a beleza do gênio Primavera.

A análise das capas das duas publicações nas figuras 12 e 13 evidencia aspectos culturais, históricos e editoriais que marcaram a circulação de narrativas entre a Europa e o Brasil no início do século XX. Ambas as imagens apresentam uma história ilustrada que personifica a transição entre o inverno e a primavera, retratando o embate entre um inverno rígido e frio, representado por um personagem idoso, e uma primavera jovial e vibrante, simbolizando a renovação. No periódico francês *La Semaine de Suzette*, publicado em 1907, a história é intitulada *Messire Hiver et le Chevalier Printemps* (Senhor Inverno e o Cavaleiro Primavera), enquanto na versão brasileira, *O Tico-Tico*, lançada em 1910, o título foi adaptado para *O Velho Inverno e o Gênio Primavera*. Além disso, observa-se que o texto francês apresenta uma estrutura mais formal e literária, enquanto a versão brasileira sofreu ajustes para melhor se adequar ao público infantil nacional, preservando a essência da narrativa original, mas com adaptações na linguagem e no estilo. A transposição do conteúdo de *La Semaine de Suzette* para *O Tico-Tico* exemplifica o intenso intercâmbio cultural da época, no qual o Brasil consumia e recriava modelos editoriais europeus e os adaptava às suas particularidades.

A análise comparativa inicial empreendida entre *La Semaine de Suzette* e *O Tico-Tico* evidencia que, embora ambas recorram a um repertório imagético semelhante e a práticas editoriais parecidas, elas se ancoram em projetos morais com embasamentos distintos. A revista francesa, criada em 1905 em meio ao contexto da separação entre Igreja e Estado, apresentava um discurso explícito de formação religiosa e moralizante, voltado a meninas de famílias católicas. Como explica Guillier (2021), *La Semaine de Suzette* foi concebida como um periódico destinado a jovens moças católicas, cuja finalidade era

transmitir valores de obediência, docilidade e virtude doméstica. Em contraste, *O Tico-Tico*, publicado no início da Primeira República, cumpria uma função educativa vinculada ao civismo laico e ao projeto republicano brasileiro. Merlo (2004) destaca que suas seções ilustradas tinham como propósito “formar valores, opiniões e influenciar o comportamento individual de seus leitores, visando à formação de bons cidadãos”.

Essas diferenças evidenciam dois regimes pedagógicos distintos: enquanto a revista francesa reforçava um ideal de feminilidade católica e doméstica, estruturado em papéis de gênero rígidos e moralização dos afetos, *O Tico-Tico* orientava-se por um civismo republicano que buscava educar a criança para a participação social, a modernidade urbana e a construção simbólica da nação. Ao explorar essas continuidades e rupturas, a análise comparativa permite compreender como processos de circulação cultural entre França e Brasil foram apropriados de forma diversa, produzindo sentidos particulares sobre infância, moralidade e representação feminina em cada contexto editorial.

Percebemos que mesmo com o embasamento diferente, o modelo feminino presente nas páginas de *O Tico-Tico* geralmente é alinhado ao de *La Semaine de Suzette*, demonstrando a transnacionalidade do modelo de feminilidade hegemônico, característica das primeiras décadas do século XX, quando o Brasil consumia modelos editoriais, estéticos e pedagógicos franceses e os recriava segundo seus próprios projetos de modernidade. Assim, segundo Campos e Guillier (2024), *O Tico-Tico* não copia a revista francesa, mas participa de um fluxo de ideias em que o modelo europeu é apropriado, nacionalizado e reconfigurado segundo os ideais republicanos brasileiros, mantendo, contudo, traços do imaginário burguês e doméstico que caracterizavam os periódicos femininos franceses.

Tanto na revista francesa quanto na brasileira encontramos semelhanças entre as representações e os discursos sobre o gênero feminino nas duas publicações. Conforme aponta Couderc (2005), a educação das meninas deveria enfatizar a importância da família, com papéis de homens e mulheres rigidamente definidos e apresentados de maneira clara. Para reforçar as boas maneiras, as personagens femininas eram frequentemente classificadas em dois grupos distintos: de um lado, as meninas exemplares, boas e honestas; de outro,

aquelas consideradas fracas e propensas a cometer indiscrições. *O Tico-Tico* muitas vezes seguia essa mesma estrutura, dialogando diretamente com os padrões educacionais e morais presentes na revista francesa.

N'*O Tico-Tico*, essas temáticas eram claramente demarcadas por meio de seções exclusivas para as leitoras, como “Secção para Meninas”, “Moda para Nossas Leitoras”, “Figurinos para Nossas Leitoras” e “Para Nossas Leitoras”. Dentre elas, a Secção para Meninas foi inspirada na seção *Nous habillons Bleurette* (em português “Nós vestimos Bleurette”) da revista francesa *La Semaine de Suzette*, onde as leitoras aprendiam habilidades domésticas ao cuidar da boneca Bleurette, refletindo a circulação de um modelo educativo que reforçava o papel tradicional da mulher na sociedade.

Figura 14: Secção para meninas em *O Tico-Tico*

O TICO-TICO 10

SECÇÃO PARA MENINAS

A CAIXA DE JOGO



Este trabalho pôde ser feito de dous modos: pela pyrogravura ou com a agulha.

Se escolherem a pyrogravura devem tomar uma caixa de madeira branca.

Com a ponta do pyrogravador, sigam as diferentes figuras do desenho, anteriormente decalcado e posto sobre a tampa da caixa.

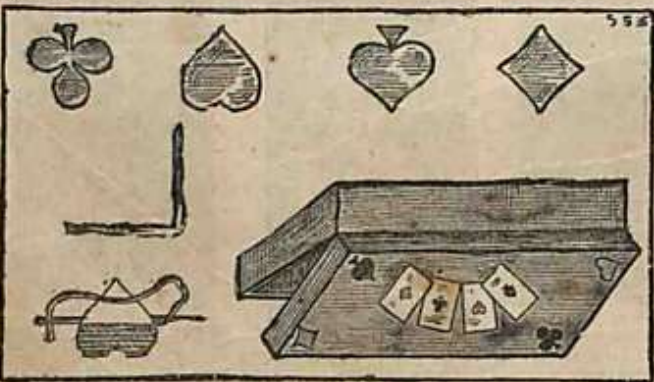
As quatro cartas que ahí vêm têm por fundo a própria madeira. As pequenas linhas escuras são produzidas com a ponta do pyrogravador, aquecida ao rubro. As espadas e páus são mais escuras que copas e ouros. Esta diferença é obtida pela maior intensidade da queimadura. Quanto mais calcarem a ponta rubra do pyrogravador, mais escuras serão os traços.

Se acharem melhor a agulha para executar a caixa de jogo, o trabalho será um pouco mais moroso, porém, menos difícil, pois nem todas as meninas cohecem a pyrogravura.

Tomem uma caixa de papelão ou façam uma com papel bristol, da seguinte maneira:

Cortem dous rectangulos, perfeitamente iguaes, em papel de bristol; fundo e tampa. Em seguida duas compridas tiras, rigorosamente iguaes, serão os lados da parte inferior da caixa. Depois duas outras tiras pouco maiores que as que acabamos de cortar serão os lados da parte superior ou tampa.

Feito isto prendam a tampa á caixa e comecem o bordado: copas, páus, espadas e ouros? são feitos como indica a figura.



A caixa de jogo.

O bordado é feito á vontade, escolhendo este ou aquelle desenho que mais agradar.

Terão assim uma linda caixa de jogo muito barata e original.



Grupo das Pastorinhas Dez de Janeiro. Além da Sra. D. Maria Benedicta dos Santos, directora do Grupo, acham-se n'essa photographia os seguintes meninos:

Duval Xavier da Costa, Valeriano Pereira Braz, Dalila C. dos Santos, Octacilia, Adalgisa e Nelson, Celestina Abranches, Isolina da Silva, Moacyr José da Costa, Maria dos Santos Abranches, Alexandre Tobias de Souza, Zelmira da Conceição, Carmen Teixeira Meirelles, Antenor dos Santos e Diamantino Sebastião Gesteira.



ARDON GOMES FERNANDES,
leitor de nosso jornal, residente na
cidade de Recife.

Fonte: *O Tico-Tico*, 255ª edição, 24 ago. 1910, p.10.

Figura 15: Seção Nós Vestimos Bleuette

LA SEMAINE DE SUZETTE

65

semblables, je t'en enverrai une. L'ennui, ajoutait-il, est que nous devrons aller à Tunis où le docteur a sa clinique et où l'attendent des malades.

« Nous aurions préféré Alger.

« Bah ! papa s'intéressera aux feuilles de Carthage, et l'on trouve des insectes partout.

De l'oncle Philippe, plus un mot.

(A suivre.)

GEORGES LOUZA.

nous habillons Bleuette

ROBE de JERSEY

Les robes de jersey, excessivement pratiques, sont très seyantes et très à la mode. Il faut donc absolument en doter Bleuette, pour aller au cours, ou pour faire des courses, cette heureuse poupée ayant beaucoup à faire. Une petite fille ne doit, d'ailleurs, jamais rester inactive. La forme de cette jolie robe est très simple. C'est une marinière posée sur une jupe froncée. Elle tire tout son cachet de sa garniture de galon brodé de teintes vives.

On peut employer à son gré, et selon l'usage de la robe, du jersey clair ou de couleur vive, ou d'une teinte foncée : marine ou tabac par exemple. Les tons gris, sable et beige sont particulièrement élégants, surtout décorés de galon de ton vif : corail, jade ou orange.

Les couleurs foncées se garniront de galon fond blanc ou gris perlé, à broderie rouge ou vert jade.

Tout ceci n'est qu'à titre d'indications, vous pouvez fort bien, selon vos goûts personnels et les matériaux dont vous disposez, combiner d'autres teintes à votre gré.

L'essentiel est que ce soit harmonieux et joli, et que Bleuette ne ressemble pas fâcheusement à un cacatois, dans une toilette de tous les tons les plus contradictoires.

La marinière est taillée devant et dos de la même façon, c'est-à-dire sur l'étoffe pliée en double. Sur le côté, suivant la ligne pointillée, vous fendez l'étoffe du devant; la marinière est ainsi facile à passer. Elle se ferme, tout du long du galon brodé, par une ligne de petits boutons boules en soie, ou en métal doré. Les brides se font à l'aide de gros coton perlé lustré M. F. A. fermant boucles et fixé par des points de place en place.

L'encolure carrée est ornée de galon et le quatrième côté de cette encolure est bordé d'un galon qui descend jusqu'au bas de la marinière.

Un petit galon semblable, cousu sur la côté, simule une poche.

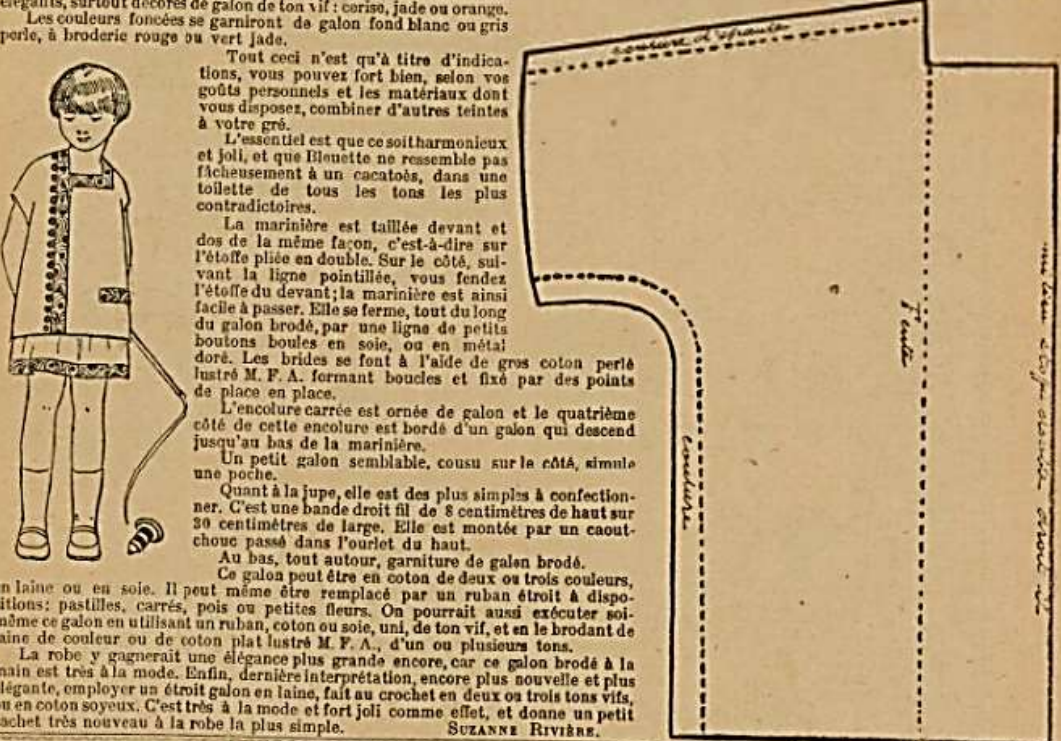
Quant à la jupe, elle est des plus simples à confectionner. C'est une bande droit fil de 8 centimètres de haut sur 30 centimètres de large. Elle est montée par un caoutchouc passé dans l'ourlet du haut.

Au bas, tout autour, garniture de galon brodé.

Ce galon peut être en coton de deux ou trois couleurs, en laine ou en soie. Il peut même être remplacé par un ruban étroit à dispositions: pastilles, carrés, pois ou petites fleurs. On pourrait aussi exécuter soi-même ce galon en utilisant un ruban, coton ou soie, uni, de ton vif, et en le brochant de laine de couleur ou de coton plat lustré M. F. A., d'un ou plusieurs tons.

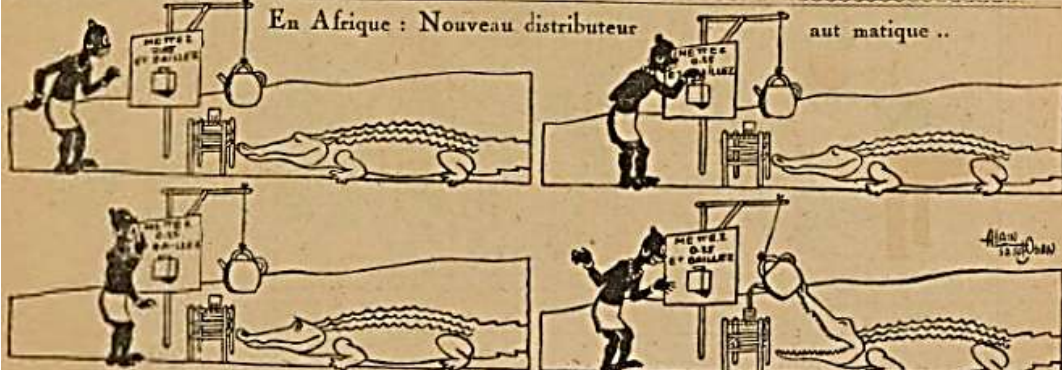
La robe y gagnerait une élégance plus grande encore, car ce galon brodé à la main est très à la mode. Enfin, dernière interprétation, encore plus nouvelle et plus élégante, employer un étroit galon en laine, fait au crochet en deux ou trois tons vifs, ou en coton soyeux. C'est très à la mode et fort joli comme effet, et donne un petit cachet très nouveau à la robe la plus simple.

SUZANNE RIVIÈRE.



En Afrique : Nouveau distributeur

aut matique ..



Alain 12/10/27

Fonte: La Semaine de Suzette, 7ª edição, 10 fev. 1927, p.65.

A página é intitulada "Seção para Meninas", evidenciando a segmentação de conteúdo de acordo com o gênero, um traço característico da época, no qual meninos e meninas eram educados de maneiras distintas, com brincadeiras e atividades diferenciadas conforme os papéis sociais esperados para cada um. A segmentação de conteúdo entre uns e outros reflete uma sociedade estruturada em normas rígidas de gênero. Enquanto eles eram incentivados a se interessar por temas como esportes e aventuras, elas recebiam conteúdos voltados para atividades domésticas, moda, artesanato e socialização. A proposta da "caixa de jogo", apesar de ser uma atividade lúdica, reforça a ideia de que as meninas deveriam se entreter de maneira controlada, em um ambiente doméstico e supervisionado.

O título *Nous habillons Bleurette* traduzido como “Robe de Jersey” indica que a matéria apresenta instruções para a confecção de um vestido de jersey para a boneca Bleurette, incluindo um molde detalhado e orientações sobre corte e costura.¹⁰ A proposta de ensinar as meninas a confeccionar roupas para suas bonecas estava alinhada a um modelo de educação doméstica que enfatizava o aprendizado de habilidades práticas, como costura, bordado e cuidados com o vestuário. A presença de um molde detalhado na publicação evidencia a intenção de oferecer um material didático e interativo, no qual as crianças poderiam desenvolver suas habilidades de costura e estimular sua criatividade ao personalizar o vestuário da boneca. Segundo Gonçalves (2019, p.51):

Pela publicidade veiculada n'O Malho, os editores deixam claro a predileção da revista por leitores do sexo masculino ao defenderem que a revista teria como objetivo "fortalecer e orientar o espírito desses que serão amanhã os nossos grandes homens". O protagonismo do público masculino não deveria afastar, por outro lado, as meninas, a quem os editores suplicam que "não se magoê nem vá agora ficar amuado ou fazer pirraça: para esse bello sexo, ainda em botão, abriremos muitos concursos depois". A publicidade do concurso já apresenta a tônica das publicações futuras da revista que priorizariam os meninos em detrimento das meninas, e ajudava a reforçar a separação de lugares entre homens e mulheres na sociedade e no futuro do país.

¹⁰ Embora a página apresente, no quadrinho localizado na parte inferior, elementos visuais que podem ser interpretados à luz de questões étnico-raciais e de representações estereotipadas, tais aspectos não são objeto de análise neste trabalho. A opção metodológica por não aprofundar essa dimensão decorre do recorte da pesquisa, centrado nas representações de gênero, na educação moral e nas práticas educativas veiculadas pela imprensa infantil feminina. Reconhece-se, contudo, a relevância do tema para investigações futuras, especialmente no campo da história cultural e dos estudos sobre raça e representação na cultura impressa.

Figura 16: Primeira aparição de Bécassine disponível na Biblioteca Nacional



Fonte: *O Tico-Tico*, 375ª edição, 11 dez. 1912, p.21.

Dentre as semelhanças observadas entre as duas revistas, destaca-se a personagem Bécassine, que em *O Tico-Tico* é apresentada no quadrinho “Contos de uma criada” ou “Aventuras de uma criada” sob os nomes Narcisa, Felismina e Chiquita. No entanto, ao realizar o levantamento sistemático das edições da revista dentro do recorte temporal desta pesquisa, verificou-se que a presença dessa personagem ou de suas variações ocorre de forma bastante esporádica. Embora seja possível identificar referências pontuais à figura da criada atrapalhada que remete à Bécassine, essas aparições são pouco frequentes no conjunto do material analisado, o que limita a possibilidade de desenvolver uma análise mais aprofundada dessa personagem no contexto de *O Tico-Tico*. Ainda assim, sua presença, ainda que ocasional, indica a circulação e a adaptação de modelos narrativos e personagens provenientes da imprensa infantil europeia no contexto editorial brasileiro do início do século XX.

Sua primeira aparição, conforme as edições disponíveis na Biblioteca Nacional, data de 11 de dezembro de 1912, na edição de número 375. A história "As Aventuras de uma Criada Modelo", na figura 16, oferece uma representação da sociedade do início do século XX, com ênfase na condição das mulheres e na estrutura do trabalho doméstico. A narrativa reforça estereótipos de classe e gênero ao retratar a “creada” de maneira idealizada, destacando qualidades como obediência, dedicação e eficiência, características esperadas desse grupo social na época. Embora apresente um tom humorístico, a história reflete uma realidade em que o serviço doméstico era uma ocupação subalterna, frequentemente associada à exploração e à dependência em relação aos empregadores. Dessa forma, a ilustração evidencia a hierarquia social vigente, na qual a função da criada era delimitada por relações de poder.

Conforme procuramos demonstrar, ambas as publicações reforçavam valores conservadores e tradicionais, embora *La Semaine de Suzette* tivesse um viés mais direcionado à formação da "mulher ideal", preparando meninas para o casamento e a maternidade, enquanto *O Tico-Tico* apresentava uma divisão mais evidente entre os conteúdos destinados a meninos e meninas, refletindo as expectativas de gênero da época. Apesar de suas

diferenças, as duas revistas desempenharam papéis importantes na perpetuação de modelos sociais, educacionais e de gênero que moldaram a infância no início do século XX.

CAPÍTULO 4: IMAGENS, OBSERVAÇÃO E EDUCAÇÃO MORAL NA IMPRENSA INFANTIL

4.1. Observação e imagem na imprensa infantil

A difusão do método intuitivo, tal como analisado por Valdemarin (2004) e Schelbauer (2005), evidencia que a escolarização contemporânea passou a se organizar em torno da educação dos sentidos e da observação direta como fundamentos para a formação intelectual e moral da criança. Os periódicos mobilizavam narrativas imagéticas e cenas cotidianas justamente para acionar o olhar da criança, orientando-a a observar comportamentos, discriminar diferenças, comparar modelos de conduta e, assim, internalizar normas sociais. Desse modo, a imprensa infantil funcionou como extensão do próprio método intuitivo, pois transformou imagens em objetos pedagógicos que educavam os sentidos e guiavam a formação moral e cívica da infância, como afirma (Merlo, 2024): “Outras seções ajudaram e colaboraram na formação e educação das crianças e jovens, como as instruções que recebemos hoje através de livros específicos e didáticos”.

O uso do método intuitivo no ensino da leitura de imagens, especialmente no início do século XX, dialoga diretamente com a centralidade que a cultura visual assumiu na imprensa infantil, quando se espera que a observação atenta do leitor permita identificar detalhes, contrastar comportamentos e extrair lições morais implícitas. Ao explorar narrativas imagéticas, concursos de desenho e representações de comportamentos infantis, ativava exatamente essa lógica: o leitor compara, interpreta e, supostamente, internaliza normas (Campos, 2007, p.15).

As revistas ilustradas, em especial, vestígios expressivos de determinadas épocas e culturas e textos verbo-visuais por excelência, tornam-se particularmente fascinantes justamente pela união entre a palavra impressa e a imagem visual. Da articulação entre texto e imagem emergem objetos com diferentes apresentações quanto ao formato, aos fins, à periodicidade e ao conteúdo. 1 Segmentos verbais se unem indissolavelmente a desenhos, a fotografias, enquanto as cores, os tipos de letras, os gêneros textuais como contos, poesias, cartas, reportagens, charadas,

conselhos, brinquedos para recortar, vestir, colorir e tantas outras formas de expressão, projetam e realizam ações educativas, que se ombreiam com o gesto do entretenimento e possibilitam diferentes construções de sentido a partir do manuseio de uma única página impressa (Campos e Guillier, 2024, p. 03).

Históricamente, o método intuitivo constitui uma abordagem pedagógica que propõe que a aprendizagem se inicie pela observação direta, pela experiência concreta e pelo contato sensível com os objetos, antes de avançar para a teoria e a abstração. Essa concepção tem suas raízes no pensamento de Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), para quem o verdadeiro aprendizado ocorre quando a criança parte do sensível para o racional, do concreto para o abstrato, desenvolvendo suas faculdades de forma integral e harmoniosa (Pestalozzi, 2023). Esse paradigma foi amplamente fortalecido com os ideais da Escola Nova, no final do século XIX e início do século XX, os quais enfatizavam a centralidade do aluno, a valorização da experiência e a importância das práticas ativas no processo educativo (Valdemarin, 2000). A adoção de materiais ilustrados no contexto escolar, especialmente nos anos iniciais da alfabetização, alinha-se a esses princípios, configurando-se como estratégia didática que respeita o desenvolvimento natural da criança e estimula sua capacidade de observação e construção de sentido a partir de elementos concretos. Como afirma Pestalozzi (2023), a educação deve começar pelo sensível, pelo próximo ao universo do aluno, respeitando sua natureza.

Até os cinco anos abandonam-se as crianças ao pleno gozo da natureza, deixa-se toda impressão agir sobre elas, já sentem sua força, já estão bem avançadas no gozo sensível da falta de disciplina e todos os seus encantos, e a livre marcha da natureza que o feliz selvagem segue em seu desenvolvimento já ganhou para elas sua mais determinada direção. E depois de terem durante cinco anos inteiros desfrutado as delícias da vida sensível, de uma só vez faz-se desaparecer a natureza diante de seus olhos, encerra-se tiranicamente o curso encantado de sua liberdade, de sua existência livre de coação. São arremessadas como ovelhas, em manadas, em uma sala infecta, presas implacavelmente por horas, dias, semanas, meses, anos à contemplação dessas letras infelizes, sem encanto, monótonas, e a uma forma de vida tão enlouquecidamente contrastante com sua vida anterior (Pestalozzi, 2023, p. 84).

Nesse sentido, os materiais ilustrados apresentam-se como instrumentos pedagógicos eficazes por articularem texto e imagem de forma complementar, o que favorece a leitura ativa, a inferência contextual e a construção gradual do significado. Sua linguagem visual acessível possibilita a reconstrução de fatos históricos e o desenvolvimento de capacidades

interpretativas e críticas. Como destacam Ramos e Vergueiro (2009), as ilustrações funcionam como “portas de entrada” para o universo da leitura crítica e reflexiva, ao envolverem os alunos de maneira lúdica, interativa e próxima de seus repertórios culturais. Além disso, o uso das ilustrações contribui significativamente para o desenvolvimento do letramento multimodal, pois integra códigos verbais e icônicos, ampliando as possibilidades de leitura e compreensão de diferentes linguagens.

4.2. Imagem e Processo Civilizador

Por outro lado, a obra *A civilidade pueril*, escrita por Erasmo de Rotterdam e publicada em 1530, constitui um marco na história da educação dos comportamentos e da normatização dos gestos e atitudes no Ocidente moderno. Ainda que ancorada em tradições anteriores, como os tratados clássicos de Cícero, Quintiliano e Plutarco, bem como os espelhos medievais dos príncipes e os manuais monásticos, a obra de Erasmo inova ao direcionar-se às crianças e ao propor uma pedagogia gestual universal, acessível a todas as classes sociais (Elias, 1994). O humanista estabelece um repertório de regras de convivência que valoriza a moderação dos gestos, a descrição das emoções e a leitura moral do corpo como forma de inserção social (Boto, 1996; Cambi, 1999; Manacorda, 2006). Como observa Chartier (1990), o tratado inaugura uma nova fase da literatura da civilidade, ao associar o comportamento visível à formação do caráter e à adesão a um código comum de sociabilidade. É importante lembrar, contudo, que tais textos devem ser compreendidos também pelas leituras e usos diversos que deles fizeram seus leitores. De acordo com Chartier (1990, p. 61-62),

Concebidos como um espaço aberto a múltiplas leituras, os textos e também todas as categorias de imagens não podem, então, ser apreendidos nem como objectos cuja distribuição bastaria identificar nem como entidades cujo significado se colocaria em termos universais, mas presos na rede contraditória das utilizações que os constituíram historicamente. [...] por fim, a análise serial de *corpus* fechados na medida em que a inflexão dos motivos no interior de um dado género (por exemplo, os manuais de civilidade ou os tratados para bem morrer) se situa no cruzamento de uma intenção — a dos produtores de textos — com uma leitura — a do seu público.

Segundo Norbert Elias, em sua teoria sobre o "processo civilizador", o sucesso de *A civilidade pueril* deve ser compreendido como uma resposta às transformações sociais ocorridas na transição do feudalismo para as monarquias absolutistas. Nesse período de instabilidade nas hierarquias tradicionais, a necessidade de codificação dos comportamentos e de uma linguagem gestual compreensível por todos tornou-se premente. Elias (1994) argumenta que a interiorização das normas de conduta, promovida por esses manuais, foi decisiva para a constituição do indivíduo moderno, disciplinado e autocontrolado. A educação das boas maneiras, portanto, não se restringia à aparência, mas representava um instrumento eficaz de controle social e reorganização simbólica das relações interpessoais.

Além de sua função normativa, *A civilidade pueril* expressa uma concepção antropológica e moral baseada na ideia de que a formação do corpo e dos gestos pode moldar o sujeito e, ao mesmo tempo, contribuir para a harmonia coletiva. Ao prescrever um código de conduta compartilhado, Erasmo defende uma forma de civilidade voltada à convivência pacífica, à tolerância e ao reconhecimento mútuo entre os indivíduos, o que se refletiu na ampla difusão e nas sucessivas reedições da obra ao longo dos séculos XVI e XVII. Como destaca Vigarello (2005), esse projeto pedagógico inscreve o corpo em uma cultura da visibilidade moral e da legibilidade social, em que o comportamento se torna símbolo de virtude e pertencimento a um ideal de civilização.

No caso das revistas em análise, observamos que as imagens ilustradas passaram a desempenhar um papel que não apenas alfabetizavam visual e moralmente, mas também operavam como instrumentos de socialização de gênero e formação para a civilidade. A circulação de imagens respondia a uma necessidade formativa mais ampla, pois, como afirma Cardoso (2014, p.26), “o sucesso de periódicos como o *Museu Universal*, dentre outros, deve-se à demanda evidente por informação visual numa sociedade em que havia pouca oferta de imagens”. Nessa lógica, a função civilizatória da imprensa infantil alinhava-se ao projeto republicano de construção de sujeitos autônomos, mas controlados, inseridos na ordem social moderna e capacitados a internalizar normas de conduta por meio de suportes gráficos envolventes e lúdicos (Hansen, 2005).

Figura 17: Os ideais de civilidade em *La Semaine de Suzette*



Fonte: Campos (2025, p.5).

QUADRO 1: Madeleine, ao se deitar, dobrou suas roupas. Ela virou suas meias do avesso para que tomem ar.

QUADRO 2: Aline não sabe o que fez com seus pertences. Procurando suas pantufas, ela encontrou uma no balcão e pesca a outra dentro do pote de água, que ela havia deixado no chão em vez de colocá-lo no lugar. (Campos, 2025)¹¹

A figura 17, publicada na revista *La Semaine de Suzette* no início do século XX, faz parte de uma estratégia pedagógica que reflete claramente os ideais da educação moral, da civilidade e do método intuitivo vigentes naquele período. Dividida em dois quadros

¹¹ QUADRO 1: Madeleine, en se couchant, a plié ses vêtements. Elle retourne ses bas à l'envers pour qu'ils prennent l'air.

QUADRO 2: Aline ne sait pas ce qu'elle a fait de ses affaires. À la recherche de ses pantoufles, elle a trouvé l'une sur le balcon et pêche l'autre dans le pot à eau qu'elle avait laissé à terre, au lieu de le remettre en place.

contrastantes, com os títulos “*Ce qu’il faut imiter – L’ordre*” (O que se deve imitar – A ordem) e “*Ce qu’il ne faut pas imiter – Le désordre*” (O que não se deve imitar – A desordem), a cena estabelece uma oposição visual nítida entre o comportamento considerado correto, representado por Madeleine, que organiza cuidadosamente suas roupas antes de dormir, e o comportamento inadequado, personificado por Aline, que, desorganizada, deixa seus pertences espalhados (Campos, 2025). Trata-se de uma narrativa visual que ensina pela observação concreta, pela comparação e pela imitação de bons modelos.

Além disso, essa representação carrega um forte componente de educação moral e de formação da civilidade, no sentido dado por Norbert Elias (1994), ao articular o controle do corpo, dos gestos e dos objetos ao redor como reflexo da ordem interna, da disciplina e da moralidade. A organização material como roupas bem dobradas e espaço organizado torna-se símbolo de autocontrole e de virtude, enquanto a desordem física é associada à desorganização moral e à incapacidade de adaptação às normas sociais. Este discurso visual revela não só uma prática educativa, mas também uma construção social dos papéis de gênero. A ênfase na ordem doméstica e na manutenção dos objetos pessoais como tarefas atribuídas às meninas revela uma concepção de educação feminina voltada à docilidade, ao cuidado, à contenção e à preparação para os papéis tradicionais no espaço privado, conforme analisam Ribeiro e Araújo (2021, p. 57):

Após a Proclamação da República no Brasil, idealizada como momento único de regeneração social, de uma nova mentalidade, de retirada da decadência monárquica, a escola — sobretudo a primária — passou a ser vista como espaço privilegiado de formação moral e cívica, ou seja, de cidadãos. Educação era fator primordial ao progresso.

Como observa Campos (2007), essa formação estava orientada por uma lógica que visava transformar as jovens em futuras esposas e donas de casa exemplares, sendo os cursos de economia doméstica, higiene e puericultura considerados essenciais para “a boa dona de casa” (Campos, 2007, p.93-130). As imagens veiculadas nas revistas infantis destinadas às meninas não cumpriam apenas uma função de entretenimento, mas também atuavam como instrumentos de normatização dos comportamentos e disciplinamento dos corpos, associando a aparência, os gestos e os hábitos cotidianos a ideais de civilidade e virtude (Campos, 2007). Dessa forma, esses impressos contribuíam para a reprodução dos modelos sociais e morais

da sociedade burguesa da época, inscrevendo o corpo feminino em uma pedagogia da contenção e da domesticidade.

Figura 18: Os ideais de civilidade em *O Tico-Tico*



Fonte: Campos (2025, p. 06).

QUADRO 1: Ora ahi está. Margarida não se deita sem deixar arrumada toda a sua roupa, com as meias já dobradas em chinelinhos. E por isso todas as manhãs levanta-se e veste-se rapidamente, estando sempre elegante e bonita.
QUADRO 2: Ao contrário, Joaquina nunca faz as cousas com cuidado. A' noite vai se despindo e atirando a roupa ao acaso pelo quarto. No dia seguinte leva mais de uma hora a procurar por tudo e anda sempre feia, mal arranjada e mal vestida.

A figura 18, dividida em duas partes contrastantes, ilustra os comportamentos de duas meninas, Margarida (à esquerda) e Joaquina (à direita), sob os títulos “O que se deve imitar: Ordem” e “O que não se deve imitar: Desordem”, a composição apresenta um modelo ideal de conduta a ser seguido e um modelo a ser evitado, refletindo os valores da educação moral e cívica que permeavam os discursos escolares e familiares da época. A partir do conceito de

civilidade, como elaborado por Norbert Elias (1994), a imagem evidencia o processo de codificação dos comportamentos sociais por meio da internalização de regras visíveis de conduta, como postura, vestimenta e gestos, como estratégia de formação de sujeitos disciplinados e socialmente ajustados.

Nessa perspectiva, o corpo infantil e o espaço doméstico tornam-se superfícies pedagógicas, nas quais se inscrevem normas de autocontrole e distinção moral. Tal leitura dialoga com as análises de Gélis (2009), ao demonstrar que, no interior da vida privada, o cotidiano da criança, seus gestos, hábitos e relação com os objetos constitui um campo privilegiado de intervenção educativa e moralizante, no qual a ordem material e corporal é associada à virtude e à boa formação. O corpo, os gestos e o ambiente circundante convertem-se, assim, em índices legíveis da moralidade e da posição social, aspecto também destacado por Vigarello (2007), para quem a educação dos gestos implica, simultaneamente, uma educação do juízo e da sensibilidade social.

Do ponto de vista do método intuitivo, essa imagem se alinha às práticas pedagógicas que visavam ensinar pela observação e comparação visual direta, uma forma de aprendizagem sensível e concreta. A criança, ao visualizar a oposição entre os dois comportamentos e seus efeitos práticos (ordem/rapidez versus desordem/lentidão), é levada a concluir por si mesma qual modelo deve seguir. Tal recurso iconográfico reforça a formação moral por meio de exemplos visuais, em vez de instruções abstratas, demonstrando como as revistas infantis buscavam moldar subjetividades e disciplinar os corpos desde a infância, promovendo uma educação voltada à conformação social e à construção de uma identidade ideal de gênero, docilidade e eficiência.

As mesmas imagens, uma publicada na revista francesa *La Semaine de Suzette* e outra na revista brasileira *O Tico-Tico*, apresentam notáveis semelhanças estruturais e discursivas, revelando um compartilhamento de práticas pedagógicas e de modelos culturais entre a Europa e o Brasil no início do século XX. Ambas estão organizadas de forma binária, com a oposição visual e textual entre "O que se deve imitar" e "O que não se deve imitar", no caso francês, "*Ce qu'il faut imiter*" e "*Ce qu'il ne faut pas imiter*".

Apesar das semelhanças formais, há elementos contextuais que merecem ser destacados. A versão francesa tem uma construção textual mais objetiva, quase descritiva, reforçando o gesto de Madeleine que, ao dobrar suas roupas, cuida de sua aparência e do espaço ao redor. Já a versão brasileira apresenta um texto mais explicativo e até mais narrativo, com um tom claramente moralizador, detalhando as consequências da desordem de Joaquina, que no dia seguinte acorda atrasada e mal-vestida, reforçando de forma mais explícita a relação entre comportamento e reputação social. Essa diferença não é irrelevante: reflete adaptações culturais no modo de transmitir a educação moral e os ideais de civilidade. Tanto na França quanto no Brasil, observa-se a ênfase na formação das meninas para os papéis ligados ao espaço doméstico, à ordem, ao cuidado e à docilidade, reforçando uma educação de gênero que associa a organização do espaço pessoal à construção da moral feminina.

As ilustrações foram amplamente utilizadas em revistas infantis como *O Tico-Tico* (Brasil), *La Semaine de Suzette* (França) e outras publicações europeias e latino-americanas voltadas ao público infantil. Nessas obras, era comum a apresentação de modelos comportamentais exemplares, personagens que personificavam valores como a ordem, a obediência, a modéstia e a higiene, em contraste com figuras que representavam a desobediência, a desordem e o desleixo. A criança-leitora era convidada a observar essas oposições e, de forma intuitiva, concluir qual comportamento era desejável ou condenável. Tal pedagogia visual servia não apenas como ferramenta de alfabetização e letramento, mas principalmente como instrumento de normatização dos corpos e das emoções infantis, favorecendo a internalização precoce das regras de convivência social. Nesse processo, destaca-se a forte presença de elementos ligados à educação moral, uma vez que essas revistas atuavam como agentes de disciplinamento, regulando o que se devia “imitar” ou “evitar”, tal como visto nas ilustrações analisadas anteriormente.

Esse uso das imagens como veículo de moralização também se insere no contexto maior da formação da civilidade moderna, que apontou a constituição de uma sociedade disciplinada a partir da interiorização de normas de conduta. Ao regulamentar gestos, posturas, formas de falar e de se apresentar em sociedade, a literatura de civilidade e os

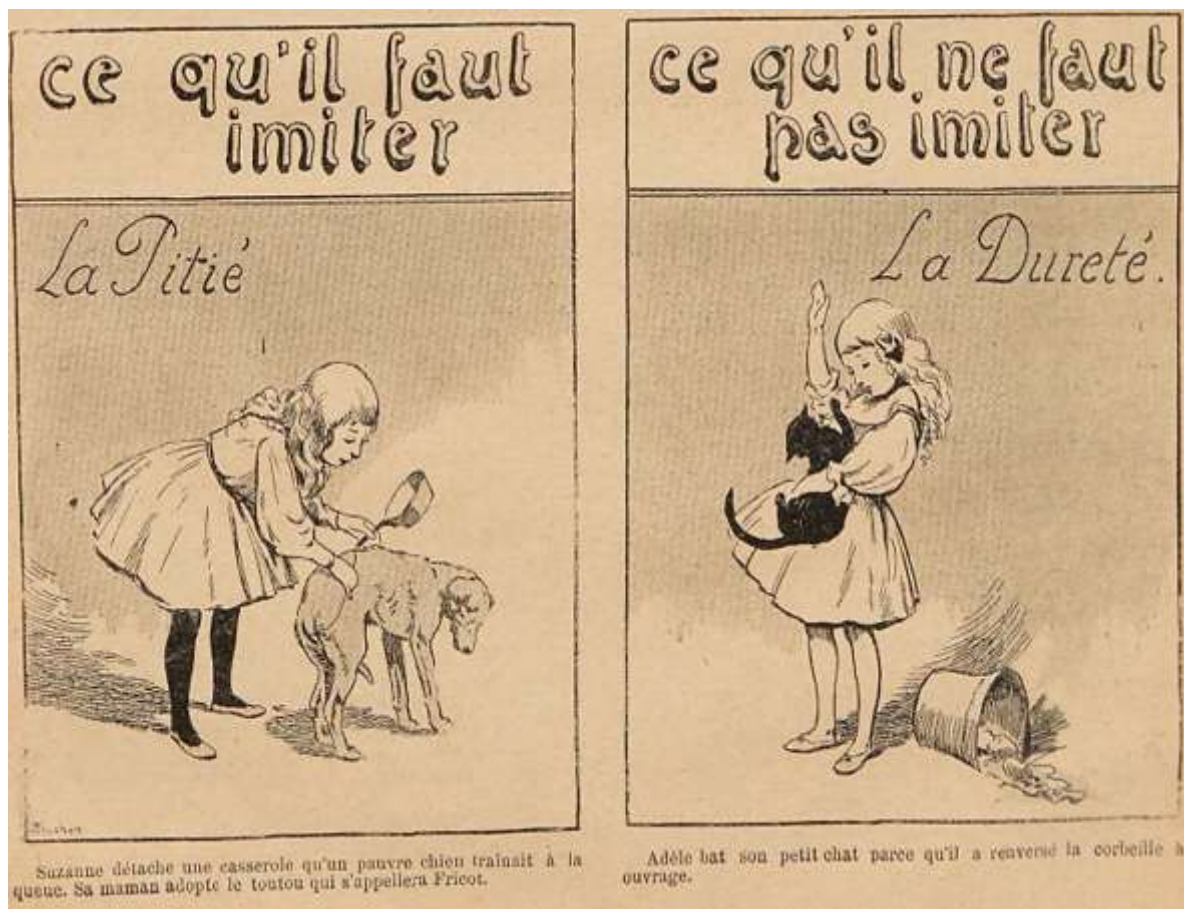
manuais de boas maneiras encontraram, nas revistas ilustradas, um meio eficaz de difusão dos códigos de comportamento esperados das crianças (Campos, 2025). Como também observa Vigarello (2007, p. 9-10), essa “educação dos gestos” estava profundamente relacionada a uma lógica moral, estética e social de controle do corpo.

A seção “O que se deve imitar e o que não se deve imitar”, publicada na revista *O Tico-Tico*, constitui um exemplo revelador das estratégias pedagógicas utilizadas na formação moral das crianças nas primeiras décadas do século XX. Por meio de uma narrativa visual simples e contrastiva, como se observa nas figuras de Margarida, que representa a ordem e o bom comportamento, e Joaquina, que simboliza a desordem, a revista se inscreve em uma tradição educativa que buscava disciplinar os corpos e as emoções desde a infância. Como destaca Norbert Elias (1994), esse processo de civilização exige a construção de um indivíduo autocontrolado, capaz de reprimir impulsos em nome da convivência harmoniosa, objetivo que essas narrativas ilustradas buscavam alcançar de maneira lúdica, porém disciplinadora.

Quando analisamos essas representações sob a perspectiva de gênero, fica evidente que a educação das meninas ocupava um lugar central nesse projeto moralizador. Ao apresentar personagens femininas como modelos de ordem, asseio e contenção, a revista *O Tico-Tico* refletia e reproduzia as expectativas sociais atribuídas às mulheres desde a infância, reforçando os papéis de gênero tradicionalmente vinculados à domesticidade e à docilidade. A menina bem-comportada, que organiza suas roupas e mantém uma aparência limpa e composta, é exaltada como ideal de feminilidade, enquanto a menina desleixada é exposta à crítica e à reprovação. Essa pedagogia visual não apenas ensina normas morais, mas também constrói uma identidade feminina voltada para a submissão, o silêncio e a conformidade com os valores da época, moldando o corpo da menina como extensão da moral familiar e do controle social. Como observam estudiosas como Fonseca e Zamboni (2010), as revistas infantis não eram apenas veículos de entretenimento, mas instrumentos de formação ideológica, nos quais a educação moral e a educação de gênero se entrelaçavam para produzir subjetividades femininas ajustadas ao ideal de civilidade e respeitabilidade vigente.

As narrativas literárias endereçadas às crianças, como produtos culturais de um tempo histórico marcado pelo acelerado desenvolvimento tecnológico dos meios de informação, articuladas a outras produções visuais, textuais, às fontes orais, constituem ricas bases de significações das tramas das experiências humanas nos diversos tempos e espaços. Logo, são estímulos para a reflexão sobre a formação, a educação das novas gerações (Fonseca e Zamboni, 2010, p. 350).

Figura 19: Ideais moralizantes nas revistas

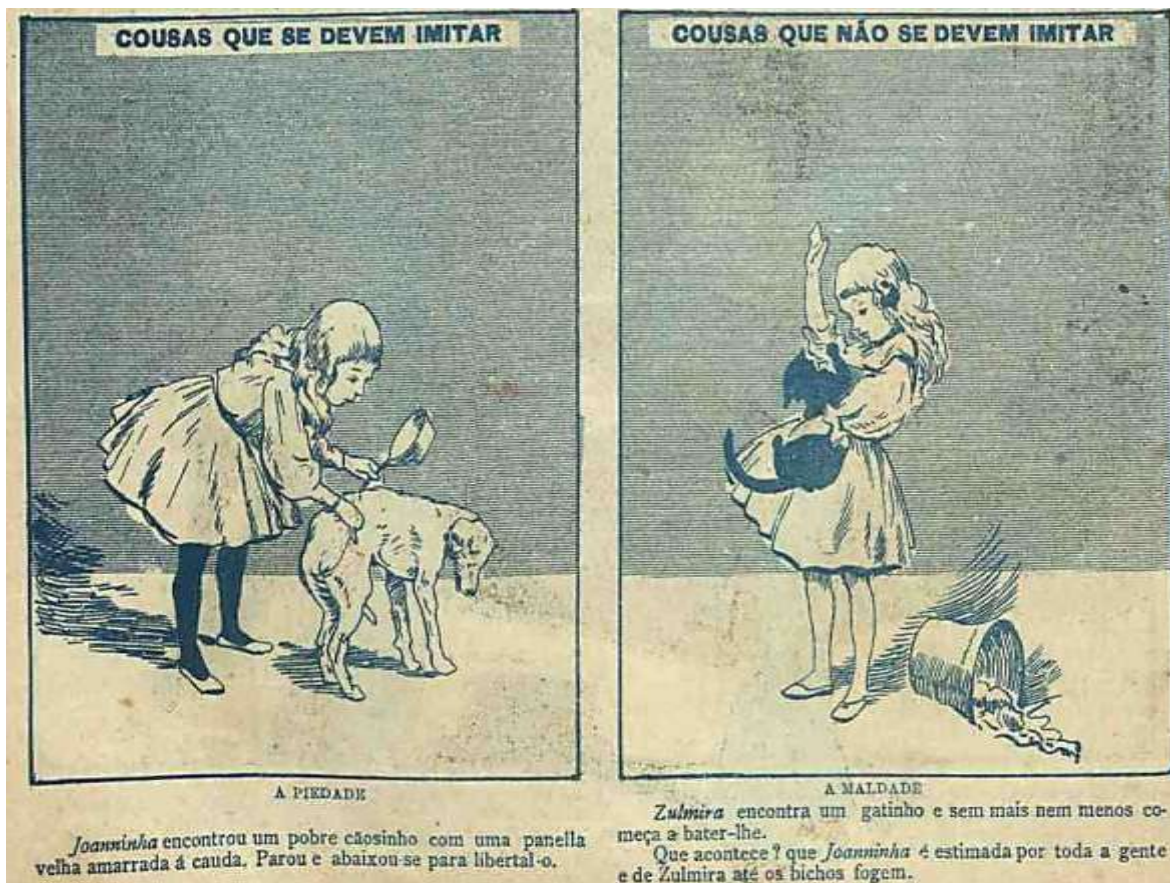


Fonte: *La Semaine de Suzette*, 9ª edição, 30 Mar 1905.

QUADRO 1: Suzanne détache une casserole qu'un pauvre chien traînait à la queue. Sa maman adopte le toutou qui s'appellera Fricot.
QUADRO 2: Adèle bat son petit chat parce qu'il a renversé la corbeille à ouvrage.
(Tradução com auxílio)¹²

¹² QUADRO 1: Suzanne détache une casserole qu'un pauvre chien traînait à la queue. Sa maman adopte le toutou qui s'appellera Fricot.

Figura 20: Ideais moralizantes nas revistas



Fonte: *O Tico-Tico*, 95^a edição, 31 jul. 1907.

QUADRO 1: Joanninha encontrou um pobre cãozinho com uma panela velha amarrada à cauda. Parou e abaixou-se para libertá-lo.
 QUADRO 2: Zulmira encontra um gatinho e sem mais nem menos começa a bater-lhe. Que acontece? Que Joanninha é estimada por toda a gente e de Zulmira até os bichos fogem.

Na versão francesa, intitulada “*Ce qu’il faut imiter - La Pitié*” e “*Ce qu’il ne faut pas imiter - La Dureté*”, o foco está na oposição entre *a piedade* e *a dureza*. Suzanne é representada como uma menina compassiva, que ajuda um cachorro maltratado, enquanto Adèle aparece como uma criança cruel, agredindo um gato por ele ter derrubado sua cesta de costura. A legenda é objetiva, descritiva e reforça a ação correta ou incorreta de forma breve,

QUADRO 2: Adèle bat son petit chat parce qu’il a renversé la corbeille à ouvrage.

centrando-se no comportamento da criança em relação aos animais, um tema comum na educação moral da época, pois o cuidado com os animais era visto como extensão da bondade e da formação de um caráter virtuoso.

Na versão brasileira, publicada na revista *O Tico-Tico*, observa-se uma tradução não apenas linguística, mas também cultural. Os títulos passam a ser “Cousas que se devem imitar - A Piedade” e “Cousas que não se devem imitar - A Maldade”. A legenda na versão brasileira é mais explicativa e carregada de juízo de valor. Ela não apenas narra o fato, mas também explica as consequências sociais dos comportamentos: “Joanninha é estimada por toda a gente e de Zulmira até os bichos fogem”. Esse acréscimo textual reforça um discurso moral mais explícito, que conecta diretamente o comportamento da criança ao seu reconhecimento social, algo que não aparece com a mesma intensidade na versão francesa.

Essa diferença revela como, embora a matriz cultural e pedagógica seja francesa, no caso brasileiro ocorre uma intensificação da carga normativa e moralizadora, alinhada ao contexto da educação no Brasil do início do século XX, que tinha como objetivo civilizar as crianças para os padrões urbanos, modernos e europeizados. Ambas as imagens também reforçam os papéis sociais atribuídos às meninas: a educação voltada ao cuidado, à docilidade, à empatia e à vigilância sobre si mesmas e sobre os outros. Aqui se observa o funcionamento dos dispositivos de educação moral e de civilidade, na perspectiva de Norbert Elias (1994), no qual os gestos, os corpos e as emoções das crianças passam a ser regulados como expressão de sua adequação ao convívio social civilizado:

As crianças são hoje advertidas a não pegar na mesa o que querem, a não se coçarem e não tocarem no nariz, orelhas, ouvidos ou outras partes do corpo quando se sentam para comer. São educadas para não falar ou beber com a boca cheia, derramar coisas na mesa, e assim por diante. [...] O grau de comedimento e controle esperado pelos adultos entre si não era maior do que o imposto às crianças (Elias, 1994, p.145-146).

Portanto, embora haja fidelidade visual e estrutural entre as duas imagens, percebe-se na adaptação brasileira uma preocupação maior em reforçar a função educativa, moral e disciplinadora, ampliando a dimensão social das consequências dos comportamentos infantis. Isso demonstra como a circulação de modelos culturais não ocorre de forma neutra,

mas é atravessada por processos de tradução, adaptação e ressignificação, moldados pelas exigências de cada sociedade na formação de seus sujeitos.

Esses códigos de civilidade, inicialmente restritos às elites, foram sendo difundidos para as camadas médias urbanas, especialmente por meio da escola, da literatura de civilidade e dos materiais educativos. Nesse contexto, as revistas infantis operam como vetores de socialização moral, propondo que a criança internalize normas que disciplinam desde os gestos cotidianos, como arrumar a roupa, até posturas morais mais amplas, associando ordem material à ordem moral.

A essa estrutura soma-se a contribuição dos estudos de Vigarello (1988; 2007), que aprofundam a compreensão sobre a relação entre corpo, aparência, higiene e moralidade na modernidade. Para Vigarello (2007), o corpo é concebido como um espaço de leitura social: seus modos de se apresentar, de se comportar e de ser cuidado revelam não apenas a identidade do sujeito, mas também sua posição dentro da hierarquia social e moral. Assim, nas imagens analisadas, a menina que dobra suas roupas é vista não apenas como uma criança organizada, mas como uma criança virtuosa, responsável e integrada aos valores sociais.

É sobretudo a infância que está em causa, os filhos de uma burguesia esclarecida, bruscamente sensível ao novo código. A atracção é paralela aquela que, na mesma época, condena fatos de banho e coletes. As crianças «são mais bem educadas do que antigamente. São mergulhadas em banhos frios, adquiriu-se o hábito de as vestir mais levemente e sem apertos (Vigarello, 1988, p.100).

Por fim, é imprescindível considerar a perspectiva dos estudos de gênero para compreender essas imagens. A educação das meninas no início do século XX estava profundamente marcada por uma lógica que associava o espaço doméstico, a ordem, a contenção e o cuidado aos papéis femininos, preparando-as para o desempenho futuro como esposas, mães e cuidadoras. Tanto no Brasil quanto na Europa, a cultura escolar e os materiais dirigidos às crianças não eram neutros, mas atuavam na produção de subjetividades ajustadas aos modelos de gênero da sociedade burguesa. As revistas infantis, portanto, além de operarem como ferramentas de alfabetização visual e moral, também funcionavam como instrumentos de socialização de gênero, reforçando a ideia de que a ordem doméstica e a vigilância sobre o próprio corpo eram virtudes eminentemente femininas. Nesse sentido, *La Semaine de Suzette* era considerada por muitos adultos como uma aliada essencial nesse

processo de formação, sendo vista como “garantia inamovível de instrução e de correção, de entretenimento de bom gosto, de distração elegante”, e compreendida como “um complemento altamente moral à educação oferecida às suas filhas” (Couderc, 2005, p.14).

Diante da análise apresentada, fica evidente que os materiais gráficos veiculados nas revistas infantis não eram meramente instrumentos de entretenimento, mas cumpriam funções pedagógicas, normativas e culturais de grande relevância. Por meio da articulação entre método intuitivo, educação moral e civilidade, esses impressos contribuíam diretamente para a formação de subjetividades alinhadas aos padrões de gênero, de conduta e de organização social próprios da modernidade burguesa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo analisar a imprensa infantil como artefato cultural e pedagógico, compreendendo-a como espaço privilegiado de circulação de representações sobre a infância, os papéis sociais e os valores morais difundidos entre o final do século XIX e o início do século XX, com especial atenção às conexões entre o contexto francês e o brasileiro. Ao longo da investigação, foi possível evidenciar que os periódicos infantis não apenas refletiam o mundo social em que eram produzidos, mas atuavam ativamente na conformação de sensibilidades, normas de comportamento e expectativas dirigidas às crianças e às famílias, reafirmando seu caráter educativo para além do espaço escolar.

A análise comparativa entre *La Semaine de Suzette* e *O Tico-Tico* permitiu evidenciar a circulação transnacional de modelos de comportamento feminino no mundo ocidental, revelando como valores, normas e representações da feminilidade foram difundidos, apropriados e resignificados em diferentes contextos nacionais ao longo do início do século XX. Inspirados por matrizes culturais francesas, esses impressos contribuíram para a disseminação de um ideal feminino marcado pela docilidade, pela disciplina dos gestos, pela moralidade e pela centralidade do espaço doméstico, elementos que atravessaram fronteiras e se adaptaram às especificidades sociais e culturais locais. Nesse sentido, a pesquisa dialoga diretamente com a perspectiva de Chartier, ao compreender os impressos como práticas culturais historicamente construídas, nas quais texto, materialidade e modos de leitura se articulam de forma indissociável. Conforme destaca o autor, os impressos não impõem sentidos de maneira absoluta, mas orientam leituras possíveis a partir de dispositivos textuais e editoriais que enquadram a interpretação (Chartier, 1990; 1998). A análise dos periódicos infantis permitiu observar como tais dispositivos operavam na construção de uma infância idealizada, disciplinada e moralmente orientada.

Do mesmo modo, a análise dialoga com as reflexões de Perrot (2007) e Scott (1991), ao demonstrar que os discursos sobre a educação das meninas integravam projetos mais amplos de organização social, nos quais o gênero operava como categoria estruturante das relações de poder e da divisão simbólica dos papéis sociais. Inseridas nesse movimento, as

representações femininas veiculadas pela imprensa infantil atuaram como instrumentos de normatização dos corpos e das sensibilidades, em consonância com o que Elias (1994) e Vigarello (2007) identificam como parte dos processos de civilização e de educação dos gestos no Ocidente moderno, nos quais a interiorização das normas sociais se manifesta na ordenação do corpo, dos comportamentos e do cotidiano. Assim, ao historicizar a circulação desses modelos, a pesquisa evidencia que a formação feminina veiculada pelos impressos infantis não se restringia a um contexto nacional específico, mas integrava uma rede mais ampla de produção cultural e pedagógica, responsável por consolidar padrões de feminilidade que atravessaram o tempo e continuam a influenciar, ainda que sob novas formas, as representações contemporâneas da infância e do feminino.

A imprensa infantil analisada revelou-se, portanto, como um espaço estratégico de produção de discursos normativos sobre a infância, articulando-se a projetos mais amplos de civilização e progresso. No que se refere às representações da infância, o estudo evidenciou a permanência de imagens associadas à inocência e à fragilidade e à necessidade de tutela, em consonância com uma concepção moderna de infância amplamente difundida a partir do século XIX. Essa leitura dialoga com os aportes clássicos de Ariès (1981), ao demonstrar que a infância, longe de ser uma categoria natural e imutável, constitui-se como construção histórica e socialmente erguida. Nos periódicos analisados, essa construção manifesta-se por meio de narrativas, ilustrações e seções educativas que delimitam comportamentos desejáveis e trajetórias consideradas legítimas para crianças.

A análise também permitiu observar como a imprensa infantil operava distinções de gênero, atribuindo papéis diferenciados a meninos e meninas desde a infância. As práticas discursivas identificadas reforçam modelos de feminilidade e masculinidade alinhados às expectativas sociais do período, aspecto que dialoga com as reflexões de Peter Burke acerca do papel da cultura na naturalização de hierarquias simbólicas (Burke, 2005). Dessa forma, os impressos contribuíam para a internalização precoce de normas sociais, funcionando como instrumentos de socialização e controle simbólico.

Ao lançar um olhar atento sobre o passado das crianças leitoras, especialmente das meninas, esta pesquisa evidencia que a leitura de revistas ilustradas no início do século XX

esteve profundamente vinculada a projetos de formação moral, social e de gênero, nos quais a infância feminina era concebida como etapa preparatória para a vida adulta, orientada pela docilidade, pela disciplina e pela domesticidade. As imagens, narrativas e seções analisadas revelam que as meninas eram interpeladas como leitoras específicas, destinatárias de discursos que buscavam moldar seus gestos, hábitos, sensibilidades e expectativas de futuro, naturalizando papéis sociais e delimitando horizontes possíveis de atuação.

Ao mesmo tempo, a investigação histórica permite compreender que essas práticas não pertencem apenas ao passado, mas lançam sombras sobre o presente, na medida em que muitos dos mecanismos de diferenciação de gênero, de normatização dos corpos e de hierarquização das infâncias ainda se reproduzem, sob novas linguagens e suportes, nos produtos culturais contemporâneos dirigidos às crianças. Nesse sentido, ao historicizar as experiências leitoras infantis, o estudo contribui para uma reflexão crítica sobre o presente e para a construção de perspectivas futuras mais conscientes, capazes de reconhecer as crianças e, em especial as meninas, como sujeitos históricos, leitores ativos e produtores de sentidos, cujas trajetórias não devem ser pré-determinadas por modelos normativos herdados, mas abertas à pluralidade de experiências, escolhas e possibilidades.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa reafirma a relevância do uso da imprensa como fonte para a História da Educação, especialmente quando analisada para além de seu conteúdo explícito. Conforme argumenta Jacques Le Goff (1996), os documentos devem ser compreendidos como monumentos, isto é, produções intencionais que carregam marcas das relações de poder e das visões de mundo de seu tempo. Assim, a leitura crítica dos periódicos infantis exigiu atenção não apenas ao que era dito, mas também aos silêncios, às repetições e às estratégias editoriais adotadas.

Apesar das contribuições apresentadas, é necessário reconhecer os limites desta pesquisa. O recorte temporal e documental, embora fundamental para a profundidade da análise, não esgota a complexidade da imprensa infantil nem a diversidade de experiências de leitura vivenciadas pelas crianças. Além disso, como assinala Chartier (1990), não é possível acessar de forma plena as apropriações concretas realizadas pelos leitores, o que impõe cautela na interpretação dos efeitos dos discursos impressos.

Ainda assim, acreditamos que a investigação oferece subsídios para compreender a historicidade das representações da infância e suas implicações para a História da Educação. Ao evidenciar a imprensa infantil como espaço de produção e circulação de discursos pedagógicos, o estudo contribui para o alargamento das fontes e das abordagens utilizadas no campo, reforçando a importância de análises interdisciplinares que articulem história cultural, educação e estudos da infância.

A pertinência contemporânea desta pesquisa reside na possibilidade de compreender, a partir de uma perspectiva histórica, os processos de naturalização de valores, comportamentos e papéis de gênero que continuam a atravessar as práticas educativas e os produtos culturais destinados à infância. Ao analisar revistas ilustradas infantis do início do século XX como *La Semaine de Suzette* e *O Tico-Tico*, o estudo evidencia que a educação moral, a disciplina dos corpos e a formação de sensibilidades não se restringiam ao espaço escolar, mas eram amplamente difundidas por meio da cultura impressa, articulando-se aos projetos políticos, sociais e pedagógicos de seu tempo. Em um contexto contemporâneo marcado pela centralidade das imagens, pela circulação massiva de conteúdos midiáticos voltados às crianças e pela intensificação dos debates sobre gênero, educação e infância, a pesquisa contribui para problematizar a aparente neutralidade dos discursos dirigidos ao público infantil, demonstrando que tais produções seguem operando como dispositivos de formação de subjetividades. Ao historicizar essas práticas, o trabalho oferece subsídios para uma leitura crítica dos materiais educativos e culturais atuais, reforçando a necessidade de compreender a infância como construção histórica e de reconhecer o papel da mídia e dos impressos, ontem e hoje, na produção e reprodução de normas sociais, valores morais e modelos de comportamento.

Espera-se que esta dissertação estimule novas pesquisas sobre a imprensa infantil, especialmente aquelas que explorem comparações internacionais, trajetórias de leitores e práticas de leitura. Ao recuperar esses impressos como objetos históricos legítimos, reafirma-se o potencial da cultura impressa para a compreensão dos processos educativos e das formas pelas quais a sociedade constrói, educa e representa suas infâncias ao longo do tempo. Como desdobramento desta investigação, vislumbra-se a continuidade da pesquisa em nível de

doutorado, com o objetivo de aprofundar a análise da circulação transnacional dos impressos infantis e dos modelos educativos e culturais a eles associados, à luz do conceito de circulação e transnacionalidade.

Nesse sentido, o diálogo com a história transnacional permitirá compreender os impressos não apenas como produtos de influência unidirecional, mas como resultado de transferências culturais complexas, marcadas por negociações, traduções simbólicas e reinterpretações locais. Ao aprofundar essa perspectiva, a pesquisa pretende contribuir para o campo da História da Educação e da História Cultural, oferecendo uma leitura mais ampla e integrada dos processos de formação da infância e do feminino, situando-os em uma dinâmica transnacional que ultrapassa fronteiras nacionais e evidencia a historicidade dos discursos educativos no longo prazo.

FONTES

O Tico-Tico, Rio de Janeiro, 30/05/1906, 31/07/1907, 24/11/1909, 02/03/1910, 24/08/1910, 05/07/1911, 11/12/1912, 07/10/1925. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=153079&pagfis=1>. Acesso em: 10 dez. 2024.

La Semaine de Suzette, Paris, 16/02/1905, 30/03/1905, 04/04/1907, 26/12/1907, 11/04/1907, 15/06/1911, 07/02/1924, 10/02/1927. Disponível em:

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb32896464p/date>. Acesso em: 15 dez. 2024.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cíntia Borges de. **Um paiz de poucas letras?: Experiências de educabilidade, instrução obrigatória e analfabetismo na "Cidade Maravilhosa" (1900-1922)**. 2018. 367 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

ALMEIDA, Cintia Borges de; COSTA, Aline Santos. **Para a petizada innocente: encanto, diversão e lições de conduta na revista O Tico-Tico (1905-1910)**. Revista Teias, v. 16, n. 41, p. 54-71, abr./jun. 2015.

ANDRADE, Sophia Valentim de. **Bécassine: uma análise multimodal da representação de estereótipos em HQs**. 2023. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras – Francês) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BASTOS, Maria Helena Camara. **A história da imprensa periódica para a infância e a juventude italiana**. Revista História da Educação, Porto Alegre, v. 21, n. 51, p. 449-452, 2016.

BOTO, Carlota. **A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2. ed., 2005.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CAMPOS, Raquel Discini de. **Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940): representação e história**. 216 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de

Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara, 2007. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/1208.pdf. Acesso em : 10 dez. 2024.

CAMPOS, Raquel Discini. **No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação.** Revista Brasileira De História Da Educação, Campinas: v. 12, n. 1, p. 45-70, jan/abr. 2012.

CAMPOS, Raquel ; GUILLIER, Béatrice. **Subversão e reiteração na representação do mundo na imprensa infantil franco-brasileira: considerações sobre La Semaine de Suzette e O Tico-tico em 1905.** Revista História da Educação, v. 28, e133853, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/qcM8d5RdcCN9xbw6f9G9tSK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 dez. 2024. DOI: 10.1590/2236-3459/133853

CAMPOS, Raquel Discini. **O humor de J. Carlos e a infância insubmissa: um olhar para as capas d'O Tico-Tico nos seus primórdios (1906-1907).** [S.I.], 2025.

CARDOSO, Rafael. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado. In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta (org.). **Revistas Ilustradas: modos de ver e ler no Segundo Reinado.** Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2011. p. 17-40.

CARDOSO, Athos Eichler. **Memórias d'O Tico-Tico: Juquinha, Giby e Miss Shocking.** Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/508033/Memorias_Tico_Tico.pdf. Acesso em: 2 jul. 2025.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Pedagogia da Escola Nova e usos do impresso: itinerário de uma investigação.** Educação Santa Maria, Santa Maria, v. 30, n. 02, p. 87-104, 2005. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista>. Acesso em: 05 mar. 2025.

CECILLON-CHICAUD, Isabelle. **La Semaine de Suzette et le défi de l'adaptation au monde moderne.** Publije, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revues.univlemans.fr/index.php/publije/article/view/135>. Acesso em: 20 jan. 2025. DOI: 10.46608/publije.2019.135

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (dir.) **História: novos problemas.** Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 4. ed., 1974.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 3. ed., 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial. 244 p., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. (Coleção Memória e Sociedade).

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2. ed., 1998.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

COUDERC, Marie-Anne. **La Semaine de Suzette: histoires de filles**. Paris: CNRS Éditions, 2005.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991. (Coleção Caminhos da História).

DURKHEIM, Émile. **A evolução pedagógica**. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Tradução de Stephania Matousek. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Tradução de Ruy Jungman e revisão e apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1. v., 2. ed., 1994.

ROTTERDAM, Erasmo de. **De Pueris (Dos Meninos): A Civilidade Pueril**. Tradução, introdução e notas de Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2008. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 22)

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História Ensinada**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhe. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Instrumentos e suportes de escrita no processo de escolarização: entre os usos prescritos e os não convencionais (Minas Gerais, primeira metade do século XX)**. Revista Brasileira de História da Educação, Maringá-PR, v. 16, n. 1 (40), p. 297-334, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://www.rbhe.sbhe.org.br>. Acesso em: 13 jan. 2026. DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v16i1.775.3>.

FRANÇA, Franciele Ferreira; SILVA, Carolina Ribeiro Cardoso da; SACRAMENTO, Cristina Carla (Orgs.). **História da educação, infância e cultura material: os estudos produzidos pelos grupos de pesquisa da UDESC, UFPR, UNICAMP**. Florianópolis: Editora da UDESC, 2021. 322 p. ISBN 978-85-8302-0.

GALVÃO, Ana Maria; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território plural**. A pesquisa em História da Educação. São Paulo: Ática, 2010.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. 2.ed. rev., atual. e ampl. Chapecó: Argos, 2010.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília, DF: Líber livros editora, 2005.

GÉLIS, Jacques. **A individualização da criança**. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (org.). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 305–320.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GONÇALVES, Roberta Ferreira. **As Aventuras d' O Tico-Tico: formação infantil no Brasil Republicano (1905-1962)**. 2019. 320 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

GUILLER, Béatrice. **Les illustrés pour petites filles du XX e siècle à la Bibliothèque nationale de France**. *Strenæ*. Recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance, [S. l.], n. 19, 2021.

GUILLIER, Béatrice. **Apprendre à coudre ou savoir consommer ? Les travaux d'aiguille dans les illustrés français pour petites filles du premier XX^e siècle**. *Techniques & Culture*, n. 77, p. 112–129, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/tc.17450>. Acesso em: 27 mar. 2025.

HANSEN, Patrícia Santos. **Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República**. 2007. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

HANSEN, Patricia Santos. **Nação, infância e seus outros: literatura infantil brasileira do século XIX ao início do XX**. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 42, n. 91, p. 263-285, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472022v42n91-13>. Acesso em: 27 mar. 2025. DOI: 10.1590/1806-93472022v42n91-13

HANSEN, Patrícia Santos. **Sobre o conceito de “país novo” e a formação de brasileiros nas primeiras décadas da República**. *Iberoamericana*, v. XII, n. 45, p. 7-22, 2012. Disponível em: <http://www.iai.spk->

berlin.de/fileadmin/dokumentenbibliothek/Iberoamericana/45-2012/45_Santos.pdf. Acesso em: 27 mar. 2025.

KOHLBERG, Lawrence. **A psicologia do desenvolvimento moral**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1992.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEPRE, R. M.; ALVES, C. P.; BATAGLIA, P. U. R.; ARRUDA, A. C. J. Z. (Orgs). **Desenvolvimento moral e educação em valores: estudos e pesquisas**. 1ª Ed: Gradus Editora. Bauru, São Paulo. 2021.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOPES, Maria Ailma Ferreira. **Práticas de produção de histórias em quadrinhos em contextos de multiletramentos**. 2019. 75 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 11, p. 31-43, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanegi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo: Contexto, 2020. 144 p. (Coleção História na Universidade). ISBN 978-85-520-0193-5.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da Antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 2006.

MEDEIROS, Daniel Amaro Cirino de; ALVES, Hercules Alfredo Batista. **Culturas escolares: conceitos, reflexões e embates**. E-Locução: Revista Científica da FAEX, Extrema, v. 2, n. 2, p. 102-121, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.faex.edu.br/index.php/e-locucao/article/view/309>. Acesso em: 10 mai. 2025.

MERLO, Maria Cristina. **O Tico-Tico: um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905–1962)**. Trabalho apresentado no II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, GT História da Mídia Visual. Florianópolis, 15–17 abr. 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. São Paulo, SP: Editora Vozes, 2002, ed. 21.

MIRIBEL, Marielle de. **Bécassine: étude d'une des premières bande dessinée**. Orientadora: Claude Bernard. 1979. Villeurbanne: E.N.S.B. 47 p.

MONARCHA, Carlos Roberto da Silva. **Brasil arcaico, Escola Nova: Ciência, técnica e utopia nos anos 1920-1930**. São Paulo: Unesp, p. 273-280, 2009.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Leitura crítica da literatura infantil**. Itinerários, Araraquara, n. 17, p. 179–187, 2001.

MORUZI, Kristine. **Constructing girlhood through the periodical press, 1850–1915**. Farnham: Ashgate, 2012.

NEIVA, Renata. **Pedagogias da beleza: as páginas femininas do Correio da Manhã**. Uberlândia: EDUFU, 2021. Coleção História, Pensamento e Educação. Série Monografias, v. 6. ISBN 978-65-5824-030-3.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. **As primeiras manifestações discursivas sobre a literatura infantil brasileira: o processo de construção de saberes**. In: História do ensino da literatura infantil na formação de professores no estado de São Paulo (1947-2003). São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2015. p. 29-85. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 27 jan. 2026. DOI: 10.7476/9788579836602.0003.

PATROCLO, Luciana Borges. **A revista O Tico-Tico e o Bello Sexo: as meninas e suas representações nas narrativas em quadrinhos do semanário infantil**. Revista Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 2, n. 1, p. 89–103, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.26694/caedu.v2i1.10020>. Acesso em: 27 mar. 2025.

PATROCLO, Luciana Borges. **As mães de famílias futuras: a Revista O Tico-Tico e a formação das meninas brasileiras (1905-1925)**. Cadernos de História da Educação, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 731-748, set./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/che-v18n3-2019-9>. Acesso em: 27 mar. 2025.

PEREIRA, Ana Carolina Costa; ALCÂNTARA, Cláudia Sales de (org.). **Histórias em Quadrinhos na Educação: possibilidades de uma prática**. 1. ed. Fortaleza: EdUECE, 2021. E-book. Disponível em: <https://www.uece.br/eduece/wp-content/uploads/sites/88/2013/07/Hist%C3%B3rias-em-quadrinho-na-educa%C3%A7%C3%A3o-possibilidades-de-uma-pr%C3%A1tica.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2025.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

PESTALOZZI, Johann Heinrich. **Como Gertrudes ensina seus filhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PINHEIRO, Luís da Cunha; RODRIGUES, Maria Manuel Marques (org.). **A Belle Époque Brasileira**. Lisboa: CLEPUL, 2012. 344 p. (Coleção Ensaio LUSOFONIAS). ISBN 978-989-8577-15-3.

PINTO, Adriana Aparecida. **Das lições de coisas a escola nova: ideias em expansão?**. Cadernos de História da Educação, Uberlândia, v. 10, n. 1, p. 261, jan./jun. 2011.

PROST, Antoine. **12 lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro. **Quadrinhos na educação**. São Paulo: Paulus, 2009.

RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza; SILVA, Elizabeth Farias da; SILVA, Maria Aparecida Alves. **Jornal como fonte: uma das pontas do iceberg nas narrativas em história da educação**. Cadernos de História da Educação, Uberlândia, v. 13, n. 1, p. 219-234, jan./jun. 2014.

RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza; ARAUJO, José Carlos Souza. **"Na luta pela vida, úteis a si e à pátria": Escola Profissional Feminina de Belo Horizonte (1919-1947)**. Uberlândia: EDUFU, 2021. 241 p. (Coleção História, Pensamento e Educação. Série Novas Investigações, v. 10). ISBN 978-65-5824-006-8.

ROBINSON, Paula de Castro. **A revista O Tico-tico: uma análise gráfica da infância no Brasil em 1905, 1923, 1941 e 1955**. 172 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

ROSA, Zita de Paula. **Sobre O Tico Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica**. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2002. 271 p. (Coleção Estudos CDAPH, série Historiografia).

SANTOS, Armando Alexandre dos. **Bécassine, a primeira heroína em HQ**. In: VI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL: Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar, 2002, Teresina. Anais [...]. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2002. p. 1–12. ISBN 978-85-98711-10-2.

SANTOS, W. Michel de Certeau: **A História como campo de invenção de novos cotidianos historiográficos**. XVII Simpósio nacional de história - ANPUH, 2013.

Disponível em:

https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364684126_ARQUIVO_MICHELDE

CERTEAUumexerciciodepensamentoeapossibilidadedenovasartesdepensarahistoriografia.pdf. Acesso em: 05 dez. 2024.

SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares de; SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa. **O Legado Educacional do Século XIX**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2014.

SCHELBAUER, Analete Regina. **A constituição do método de ensino intuitivo na província de São Paulo (1870-1889)**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SCHELBAUER, Analete Regina. Método intuitivo e lições de coisas: saberes em curso nas conferências pedagógicas do século XIX. In: STEPHANOU, Maria; CAMPELLO, Maria Helena (Orgs.). **História e Historiografia da Educação no Brasil**. São Paulo: Editora Universitária Metodista – EDUCA, 2005. p. 23-44.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro Maia. **Tempos de Capanema**. Introdução. Disponível em: <https://www.schwartzman.org.br/simon/capanema/introduc.htm>. Acesso em: 13 jan. 2026.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71–99, 1991.

SILVA, Marcos Antônio da; FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 30, n. 60, p. 21-36, dez. 2010. DOI: 10.1590/S0102-01882010000200002.

SGANDERLA, Ana Paola; CARVALHO, Diana Carvalho de. **A Escola Nova e o Método Intuitivo nos programas de ensino da Escola Normal Superior Vocacional (1937) em Santa Catarina**. Educação, Santa Maria, v. 45, e24, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/33299>. Acesso em: 14 jul. 2025. DOI: 10.5902/1984644433299.

SEVERINO, A. J. Pesquisa educacional: da consistência epistemológica ao compromisso ético. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. 3, p. 900–916, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21723/riace.v14i3.12445>

SILVA, Marilda da; VALDEMARIN, Vera Teresa (org.). **Pesquisa em educação: métodos e modos de fazer**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SILVA, Adriana Ribeiro de Brito e; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. **A importância das histórias em quadrinhos para a formação do leitor**. Revista Querubim, Rio de Janeiro, ano 4, n. 7, v. 1, p. 11-22, jul./dez. 2008. ISSN 1809-3264.

SILVA, Márcia Cabral da; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani (org.). **Literatura, leitura e educação** [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2017. 284 p. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575114971>. Acesso em: 13 jan. 2026.

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

TIREFORT, Alain. **Les petites Suzette aux colonies. La Semaine de Suzette et la culture coloniale pendant l'entre-deux-guerres**. Afrika Zamani, [S. l.], n. 9-10, p. 102-125, 2001-2002.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Lições de coisas: concepções científicas e projeto modernizador para a sociedade**. Cadernos Cedes, ano XX, n. 52, p. 74-87, nov., 2000. DOI: 10.1590/S0101-32622000000300006

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Ensino da leitura no método intuitivo: as palavras como unidade de compreensão e sentido**. Educar em Revista, Curitiba, n. 18, p. 157-182, 2001.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Estudando as lições de coisas: análise dos fundamentos filosóficos do método intuitivo**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Circulação de modelos para o ensino de Ciências Naturais: o método de ensino intuitivo na transição entre Império e República**. Cadernos de História da Educação, v. 19, n. 3, p. 1033-1050, set./dez. 2020. DOI: 10.14393/che-v19n3-2020-22.

VARÃO, Rafiza; BEMFICA, Veronica. **Quando jornalismo e infância se encontram: notas históricas sobre o surgimento da imprensa jornalística para crianças**. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 7., 2009, Fortaleza. Anais [do] VII Encontro Nacional de História da Mídia. Fortaleza: [s.n.], 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (org.). **O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil**. Vinhedo, SP: Opera Graphica Editora, 2005.

VERGUEIRO, Waldomiro C. S. **A odisseia dos quadrinhos infantis brasileiros: de O Tico-Tico aos quadrinhos Disney, a predominância dos personagens importados**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em: http://www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/ano2/numero1/artigosn1_2v2.htm. Acesso em: 14 mar. 2025.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar da Renascença aos nossos dias**. Petrópolis: Vozes, 2007.

VIGARELLO, Georges. **O limpo e o sujo: uma história da higiene corporal**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VITOR, Sinthia de Abreu. **A representação da criança no frontispício da revista *O Tico-Tico* (1905-1909)**. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

ZAMBONI, Ernesta; FONSECA, Selva Guimarães. **Contribuições da literatura infantil para a aprendizagem de noções do tempo histórico: leituras e indagações**. Cadernos Cedes, Campinas, v. 30, n. 82, p. 339-353, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 14 jul. 2025. DOI: 10.1590/S0101-32622010000300005.
